



SÉRIE FICÇÃO CIENTÍFICA

ASIMOV:

O MELHOR DA FICÇÃO CIENTÍFICA

EXPRESSÃO E CULTURA



ASIMOV

O MELHOR DA FICCAO CIENTÍFICA

Tradução de César Tozzi

Expressão e Cultura

Rio de Janeiro

Título original: *Asimov's Choice: Extraterrestrials & Eclipses*
Asimov: o melhor da ficção científica
Seleção de contos por Isaac Asimov
Copyright © 1978 Dale Books, Inc.

Todos os direitos de distribuição e tradução em território nacional
reservados à EXPED - Expansão Editorial Ltda. / AGGS - Indústrias
Gráficas S.A.

Tradução: César Tozzi
Capa: Cecília Banhara
Diagramação e Arte-final: Mário Velloso
Revisão: Cesar Cardoso, Isnaldo C. Santos e
Marcos José da Cunha

Pedidos pelo reembolso postal:
AGGS - Indústrias Gráficas S.A./EXPED - Expansão Editorial Ltda.
Rua Luís Câmara, 535 - Olaria
21030 - Rio de Janeiro - RJ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A857 Asimov: o melhor da ficção científica / seleção
de contos por Isaac Asimov); tradução de César
Tozzi. - Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1930.
Tradução de: Asimov's choice: extraterrestrials
& eclipses
ISBN 85-208-0055-6
1. Ficção científica - Coletânea I. Asimov,
Isaac. I. Título: O Melhor da ficção científica
CDD - 808.83876
80-0339 CDU - 82-311.9(08)

ISBN: 85-208-0055-6

Sumário

9	Editorial
13	Relações-Públicas
21	O Grande Anel de Netuno
23	Mas Será que Eles Cavalgam Golfinhos?
33	Uma Recusa a Mais
37	A Linha...Linha... Linha Derradeira de Fragger
57	Quando Descemos
87	A Caminho
95	A Orquestra de Danças do <i>Titanic</i>
115	Histórias de Advertência
119	Carruagem sem Cavalo
125	Mensagem para Mim Mesmo
129	O Suicídio do Homem

EDITORIAL: É Engraçado

E engraçado, mas o fato é que muitos principiantes tentam escrever ficção científica humorística. O que torna a coisa engraçada é que ser engraçado é muito difícil, e alguns autores de ficção científica extremamente bons não conseguem fazer humor - apesar disso tantos principiantes acham que podem.

Por que é tão difícil ser engraçado?

Antes de mais nada, não é permitido falhar. Se você estiver buscando o patos, poderá acabar sendo razoavelmente patético, marcar parcialmente um tento e chegar mesmo a vender o conto, se ele lograr comover o editor, ainda que não seja até às lágrimas. Se tentar o suspense, poderá consegui-lo moderadamente e vender seu produto, ao menos pelo fato de haver acelerado o coração do editor, ainda que não o faça disparar.

Poderá atingir os círculos externos do alvo, afora a mosca, em qualquer dos outros gêneros de ficção, e ainda assim conseguir vender.

Exceto no humor. O alvo do humor é só a mosca. Não há círculos externos.

Pode imaginar alguma coisa parcialmente engraçada? Já ouviu alguém contar uma anedota que contenha só um pouco de graça? O que acontece?

Isso mesmo! Ninguém ri. Quando muito, alguém esboçará um sorriso cortês.

Entretanto, uma anedota engraçada, quando é engraçada *mesmo*, é uma coisa muito boa e deve ser incentivada. O humor de boa qualidade, a graça, mesmo a chanchada, quando bem feita, contribuem para a alegria das nações e a eupepsia* das pessoas.

Contudo, mesmo os melhores de nós não nascem já sabendo escrever com humor. Temos de praticar um pouco, antes de mais

- Isso mesmo, olhe no dicionário. Como irá se tornar um escritor sem desenvolver seu vocabulário?

nada, para ver se temos talento - e se o tivermos, precisaremos desenvolvê-lo, continuando a praticar.

Eis algumas regras que poderão ser úteis.

- I. Seja breve. A menos que você seja um gênio cômico nato, um Mark Twain ou um P.G. Wodehouse, não irá manter um nível satisfatório e uniforme de humor por toda a extensão de uma novela. Na verdade, quanto mais tentar mantê-lo, menos terá possibilidade de evitar cair na monotonia, ou então guinar violentamente para uma constrangedora caricatura. No meu entender, você deve limitar-se a umas três mil palavras ou menos.

2. Não procure fazer cada frase devastadoramente humorística.

Em primeiro lugar, irá se esgotar e morrerá jovem, e um escritor morto de nada nos adiantará. Em segundo lugar, não será bem-sucedido. E em terceiro, o humor contínuo, mesmo quando conseguido, provavelmente não será eficaz. O leitor se cansará, rindo

cedo demais, e achará o resto da história enfadonho. Melhores serão os lampejos periódicos, que darão tempo ao leitor de acumular, entrementes, suas reservas de riso.

3. O humor não constitui, por si mesmo, uma história. Se bem feito, ele melhorará uma história, porém, não tornará boa uma que seja ruim. Se você estiver escrevendo uma história de ficção científica engraçada, certifique-se então de que, se o humor for retirado, o restante constitui, por si, uma história de ficção científica razoavelmente boa.

Consideremos agora uma determinada subdivisão da história da ficção científica humorística: a "Ferdinand Feghoot"**. Trata-se de uma história cuja única justificativa de existência consiste em terminar com um trocadilho esmerado.

Aqui também existem regras.

1. Já que o trocadilho final sustenta a história, você não deve sobrecarregá-la com uma que seja demasiado comprida, do contrário o anticlímax provocará um furor assassino até no mais gentil dos editores exatamente como George*** pode ser considerado. Faça-a bastante curta, pois. Não mais do que 500 palavras, diria eu.

2. Mesmo essas 500 palavras devem constituir uma história de ficção científica razoável, que não forceje demasiado obviamente para a preparação do trocadilho. O ideal é que o leitor não suspeite de que um trocadilho está a caminho, a fim de que não tenha tempo de intensificar seus sentimentos de hostilidade homicida.

3. Busque o justo meio-termo. A frase do trocadilho deverá ser longa o suficiente para parecer engenhosa ao leitor, mas não a ponto de cansá-lo antes de terminá-la. O ideal é que ele possa ler a frase com um relance de olhos.

** O nome provém de uma série escrita por Orendel Briarton (Reginald Bretnor) sobre um cavaleiro com esse nome. As histórias foram publicadas em dois livros e em três revistas.

*** George Schithers, o editor-geral da *Revista de Ficção Científica de Isaac Asimov*. (N.T.)

Mais uma vez, a distância entre o trocadilho e a frase autêntica deverá ser suficiente a ponto de ser engenhosa e imprevisível, mas não forçada a ponto de, mesmo depois de lida, haver um período de tempo sensível durante o qual o leitor não saiba sobre o que você esteja falando. Lembre-se de que a graça de uma piada deve ser apanhada imediatamente. Mesmo uma pausa curta poderá ser fatal para o riso.

4. O trocadilho efeito para o ouvido. B o *som* que conta, não a aparência. Um cantor que desafina, a vós não agrada. Não importa que "vós" e "voz" não tenham a mesma grafia, a pronúncia é idêntica.

Por outro lado, nada significa dizer que um intérprete que desconheça etiqueta é inútil em Varsóvia porque ele "lacks polish".**** Poderá ser um trocadilho visual, porém, mesmo lendo silenciosamente, você ouve mentalmente as palavras, e "polish" de fato não soa como "polish" (polônês), de nada adiantando a ortografia idêntica.

Resumindo, a Ferdinand Feghoot ideal, na minha imodesta opinião, é o meu conto "Sure Thing", da *Revista de Ficção Científica de Isaac Asimov*, do verão de 1977. Releia-o e verá. Há também duas autênticas Grendel Briarton Feghoots na mesma revista, do outono de 1977, se quiser compará-los.

A questão final a ser lembrada não é animadora. Mesmo uma boa história humorística ou uma excelente Ferdinand Feghoot não significam uma aceitação garantida. Uma revista necessita de variedade para ter sucesso, e essa variedade deverá refletir, com razoável precisão, as inclinações e gostos de seus leitores.

O fato é que muitas pessoas não gostam de humor e uma boa quantidade delas nutre uma antipatia fanática por um inofensivo trocadilho. Por isso é preciso espargir com leveza a história alegre sobre a página de índice, sendo que uma Ferdinand Feghoot somente deverá afluir quando as antenas do Editor Gentil lhe palpitarem a mensagem de que um intervalo suficiente transcorreu desde a última leva, assegurando assim a publicação de mais uma.

Posso lhe garantir é que eu e George (que constituímos um só no que se refere a tudo que seja coisa literária) somos uns rapazes joviais, cuja propensão para o riso reprimido só é sobrepujada por nosso amor a uma boa gargalhada, e a revista há de ser tão alegre quanto possível- se os autores cooperarem.

*** "Lacks polish" pode significar "não tem refinamento" ou "desconhece polonês". Mas, no primeiro caso o *o* é pronunciado aberto, e no segundo, fechado. (N.T.)

RELAÇÕES PÚBLICAS

Ginger Kaderabek

Embora esta seja a primeira obra de ficção vendida por Kaderabek, ela trabalha em jornal desde que entrou para a faculdade, com 16 anos. Atualmente, é editora de moda de um jornal suburbano de Atlanta. Agora, com 23 anos, seus passatempos consistem em escrever, ler e "projetos" como vidro colorido e macramê. Para o proveito da intrometida turma da periferia, ela informou-nos de que "Kaderabek" é um nome boêmio.

- Tem um cara estranho na linha dois. Deve ser para você, Williams - berrou o editor-chefe.

- Tá, é este o meu setor mesmo: aberrações da natureza, caras estranhos e tarados em atividade - murmurou Anne Williams, apertando ferozmente o botão do telefone e quebrando a unha ao fazê-lo. Aconchegou o fone ao ouvido e indagou: - Em que posso ajudá-lo?

- Eu é que certamente posso ajudá-la. Tenho uma grande história que deverá ir para o seu jornal. Acho que também há de querer uma fotografia, talvez minha e de minha tripulação, ao lado de nossa nave espacial, com nossos capacetes debaixo de nossos braços direitos - proferiu uma voz esganiçada.

- Bem, meu senhor, muito grata por se lembrar do *Star*, mas é que nossa equipe é pequena e não creio que alguém esteja livre - disse Anne maciamente, no seu tom típico de querer dizer "deixe-me em paz, tenho mais o que fazer", enquanto uma outra parte de sua mente assimilava o que a voz dissera. - O senhor falou numa fotografia em frente à sua espaçonave?

- Sim, a menos que achasse melhor uma fotografia do interior. Temos uma sala de controle notavelmente projetada que interessaria seus leitores, disso tenho certeza.

- Este é mesmo persistente - pensou Anne, e - fiel às normas da companhia de nunca ser rude, mesmo com pessoas desequilibradas - mudou para a fase dois. - Como sabe, somos um jornal de âmbito local. É desta região?

- Na verdade sou do planeta Quixyl, sabe, mas pareceu-me que seria de interesse local a nossa descida, de vez que isto ocorreu num campo de alfafa local, pertencente a um certo H.A. Smith, conforme está na caixa do correio. Conservamos nossos anteparos de invisibilidade levantados, naturalmente, a fim de evitar dano por parte de meninos pequenos e outras criaturas nativas.

- Naturalmente, está bem que mantenha levantado seu anteparo de invisibilidade, todavia, já que não temos tido reclamações de cidadãos locais, não sei se haveria interesse local suficiente para justificar uma história - asseverou Anne, enquanto pensava: Pronto, isto deve bastar. Afinal de contas, talvez consiga fechar este número antes do encerramento.

- Olhe, esta história vai terminar sendo importante para o mundo inteiro, contudo, julgamos que, como jornal local, mereceriam uma primeira oportunidade. No entanto, se não estiverem interessados, nada nos impede de procurarmos o *Herald-Citizen* - contraveio a voz, assumindo o familiar tom insinuante de um relações públicas.

- Realmente não sei o que lhe dizer, meu senhor. Estou certa de que daria uma matéria interessante, mas tenho mesmo de consultar meu editor a respeito. Pode esperar um momento?

- Certamente.

- Rapaz, mas você me largou mesmo um biruta, Bill. Ele insiste para que façamos uma matéria a respeito da sua espaço nave, que se encontra no momento invisibilizada no meio de um campo de alfafa. Ameaça entregar a história para o *Herald-Citizen*, e eu lhe disse que ia consultar um editor a respeito. O que me diz, editor? .

- O que acha? Pareço maluco?

- Não tão maluco quanto este sujeito. Imagino se os psiquiatras estão informados a respeito dele. Parece um relações-públicas que embirudou de vez.

- Trate de se livrar dele e voltar para o trabalho. Temos uma edição para fechar.

Tirando o fone do gancho, ela disse: - Lamento tê-lo feito esperar, meu senhor. Detesto lhe dizer isto, porém meu editor não está realmente interessado na sua história. Gostaria de ajudar, mas ... - Sua voz rastejou pela trilha da hipocrisia afora.

- Mas vocês têm de publicar nossa história! Estou lhe dizendo, é de importância fundamental para mim e para minha tripulação. Cada um deles prometeu à sua companhia de abrigo que traria para casa recortes de nossa descida triunfal - anunciou o que telefonava, bem menos arrogante.

- Como já disse, meu senhor, lamento bastante, mas é que não posso continuar falando, pois está na hora do fechamento. Existe algum telefone onde possa ser encontrado?

- Estou num telefone público - felizmente, nosso transformador de matéria portátil pôde reproduzir suas moedas-mas estou certo de poder ouvir o telefone quando chamar - Está bem. E qual é o número?

- É 832-9309.

- E como disse que era seu nome?

- Capitão Quondam.

- Muito bem, então trata-se do Capitão Quondam, da espaçonave, no 832-9309. Obrigada por telefonar, senhor. - Anne desligou com firmeza e, após consultar rapidamente o calendário para ver se fazia lua cheia, amarrotou o papel com o número do telefone, jogou-o na direção da cesta e voltou a se concentrar na sua matéria.

- Céus, que dia! - exclamou Anne, enquanto se sentava diante do seu almoço de bolachas de queijo com coca-cola e examinava as linhas de composição naquela primeira tiragem. Ouviu o telefone lá da mesa do editor estridular, e Bill berrou:

- Linha um, Williams. Acho que é o mesmo doido.

- Logo eu! - gemeu Anne, enquanto terminava sem pressa uma bolacha e alcançava o telefone.

- Julguei que me fosse telefonar. Há horas sufoco neste sol quente, procurando não perder o seu telefonema. O transformador de matéria não foi planejado para estas temperaturas. Deu um soluço e forneceu-me 27 moedas de um centavo antes de me soltar

outra de dez, asseverou a voz esganiçada.

- Bem, todos nós temos nossos problemas - retorquiu Anne, engasgando-se com a coca-cola e fazendo gestos frenéticos para um repórter que passava.

- O que posso fazer pelo senhor?

- Pode vir até aqui e tirar uma fotografia de nossa nave espacial, antes que acabe nosso combustível para o anteparo de invisibilidade.

- Desculpe, meu senhor, mas creio que nosso fotógrafo acabou de sair para o almoço. Não poderia o senhor mesmo tirar a fotografia e enviá-la para nós pelo correio? - redarguiu Anne, enquanto articulava para o repórter que berrasse por ela. Ele mostrou-se irritantemente vagaroso para entender o problema, por isso Anne continuou a ganhar tempo com o seu interlocutor de voz esganiçada.

- Onde disse que havia descido, senhor?

- Junto à Estrada Oswego, a uns três quilômetros de onde antigamente existia a igreja Batista.

- Para um extraterreno, demonstra possuir um conhecimento notável da região.

- Ora, muito obrigado. Orgulho-me dos preparativos cuidadosos que faço, antes de todas as missões. Que tal meu inglês? Apreendi-o estudando o curso de Dale Carnegie em fitas.

- É simplesmente assombroso - murmurou Anne. - Decididamente não ganho o suficiente para tudo isto. - o que disse?

- Não foi nada.

Enquanto isso, o repórter finalmente captara a mensagem e berrara:

- Williams, trate de vir aqui depressa.

- Opa, o chefe está chamando. Tenho de ir. Muito obrigada por haver telefonado para o *Star*. - Anne falou com rapidez, enquanto ao mesmo tempo desligava. Voltou-se para o repórter e disse: - Obrigada, você é um grande salvador. Esse maluco andou atrás de mim o dia inteiro e tenho uma entrevista às duas.

Quando ela arrastava os passos de volta naquela tarde, o repórter noturno disse: - Oh, Anne, pensei que tivesse ido para casa. Um sujeito telefonou para você e eu lhe dei o telefone de sua casa. Parecia um relações-públicas.

- Tinha uma voz esganiçada?

- Tinha Uma voz realmente estranha.

- Muito obrigada .. Estava contando que ele tivesse morrido.

Este dia foi de mal a pior e vou para casa esquecê-lo com umas bebidas. Veja se não dá meu número de casa mais de duas ou três vezes esta noite.

- Está bem. Tenha uma boa noite.

Quando Anne ia subindo penosamente a escada para o seu apartamento no terceiro andar, a Sra. Ellis, que morava embaixo com 137 plantas, um são-bernardo e discos de Missa Latina, deteve-a no patamar.

- Você que trabalha em jornal, querida, não poderia arranjar uma cobertura melhor para o meu clube de jardinagem? Só conseguimos umas notinhas. Precisamos realmente é de alguém que venha fazer uma cobertura das reuniões.

- Ora, Sra. Ellis, já lhe disse antes que não podemos fazer isto, a menos que tenha algum orador que interesse a todos. Sabe que não podemos fazer cobertura de tudo.

- Poderia, se trabalhasse um pouco mais, ao invés de ficar bebendo a noite inteira.

Além disso, semana que vem teremos um especialista no cultivo das orquídeas de Felenopse. Claro que todos se interessam por isto.

- Não é meu telefone que está tocando? Melhor ir atender. Não era, evidentemente, o seu telefone, porém a Sra. Ellis era um tanto surda e ela já tivera o bastante para um dia só.

Justamente quando começava a achar de novo que havia um pouco de suco de laranja demais na sua vodca, a campainha soou. - Droga, é a Sra. Ellis de novo. - Vestiu um *peignoir* e dirigiu-se à porta. Abriu-a. Era um homenzinho verde.

- Detesto incomodá-la em casa, mas tinha de lhe fazer ver o quanto esta história é importante para mim e para a minha gente proferiu a voz dos telefonemas daquele dia.

- Você é um produto da minha imaginação - disse Anne, voltando a sentar e despejando mais uma boa quantidade de bebida no seu copo.

- Mas não está entendendo - retorquiu o homenzinho, num tom de crescente desespero, pulando de um pé para o outro e girando sua cauda. - Não dispomos de muito tempo.

- Tempo para quê? - indagou Anne, com voz de devaneio, enquanto pensava: - Interessante, nunca vi um elefantezinho cor-de-rosa e agora, com um pouco de vodca, consigo um homenzinho verde de orelhas grandes.

- Tempo para fazer chegar nossa história ao jornal. A quem mais posso recorrer para conseguir isso? Ao editor? Ao dono? E se eu fizesse um bom anúncio?

Esforçando-se por focalizar a visão no agitado ser, Anne declarou:

- Se fizéssemos uma matéria, eu é quem a escreveria. Sou a redatora dos destaques - aberrações da natureza, caras estranhos e tarados em atividade e - imagino - marcianos ou seja lá o que você for.

- Sou um quixylianio, sua boba. O que precisarei fazer para conseguir que escreva uma simples história acerca de uma nave extraterrena que desceu na região coberta por você?

- Já não pensou em me apontar sua pistola de raios e dizer: "Leve-me ao seu chefe."?

- A Regra 14-A, no item "Relações com a População Nativa", proíbe explicitamente o uso de força no período inicial de contato. - Ah, sim, ela diz isso. Mesmo assim não compreendo a pressa.

Por que não aceita uma bebida e descansa?

- E por demais complicado para explicar para um ser singelo como você, mas preciso ter uma história no próximo número do jornal. Por que não pega seu bloco e toma algumas notas?

- Negativo. Estou fora do expediente. Poderiam estar esfaqueando um sujeito ali embaixo da janela que eu só falaria com o repórter policial pela manhã. Fale com o homem do turno da noite. - Foi o que fiz. Ele me disse que eu teria que falar com você e me disse onde se encontrava.

- Ah, ele fez isso, o estafermo.

- E se eu lhe oferecesse um transformador de matéria só para você? - propôs o extraterreno, matreiramente. - Poderia ficar rica.

- Oh, não - retorquiu Anne, cautelosa, a voz tomada de embriaguês. - Tenho lido ficção científica. Tudo o que eu fosse fazer se transformaria em pedras, rãs ou coisa parecida, logo que você saísse. Além do mais, existe um regulamento da empresa que nos proíbe de aceitar presentes.

O homenzinho verde soltou um guincho de decepção, girou a cauda tão rápido até

torná-la indistinta e desapareceu, deixando uma nuvenzinha verde.

Anne varreu a nuvem na direção do respiradouro do ar condicionado, tomou duas aspirinas a fim de evitar ressaca e foi para a cama.

Teve coisa parecida com ressaca, de qualquer forma, ou pelo menos certa moleza à altura das orelhas. Tinha igualmente a convicção de que ou precisava parar de beber ou deixar de trabalhar em jornal. Já pensara nisso antes, sem que resultado algum adviesse.

Alguns dias depois, estava inteiramente sóbria quando bateram outra vez em sua porta. Abriu. Em um homem cor-de-rosa, todo peludo.

- Srta. Williams, suponho.

- Faça o favor de entrar - disse Anne, repentinamente certa de que fora o trabalho que desequilibrara sua razão, e não a bebida. Teria, pois, mais dificuldade para deixar de beber.

- Sou Zhan, um investigador da Agência de Execução de Conquista do Império Galáctico. Estou aqui por causa de uma pequena questão concernente a um ser chamado Quondam que esteve aqui recentemente, acredito.

- E verdade, Zhan. Prazer em vê-lo. Gostaria de tomar uma bebida? Logo que eu termine esta conversinha com você, irei para a Austrália para recomeçar a vida.

- Maravilhoso, certamente. Tudo de que preciso é de sua assinatura nesta declaração de que ele fez contato com você, mas que nenhuma notícia de sua descida foi publicada no seu jornal.

- Sem dúvida, sem dúvida. Tudo que sirva para cooperar com um agente da lei. Pode me dizer a razão disto tudo?

- Apenas entre nós, você certamente fez um favor ao seu planeta. Eu é que não haveria de querer viver num dos planetas de Quondam. Ele não é mole - açoites, correntes, máquinas de electro-tortura, essas coisas. E que condições! Um planeta que mal se habilita a um Certificado de Civilização após a atuação de Quondam - afirmou a criatura, com o sotaque de um funcionário público inglês.

- Concordo que ele não se tenha mostrado muito cortês às vezes, mas o que foi exatamente que eu fiz?

- Bem, sabe, a gente precisa ter normas de conquista. Não se pode ter aí qualquer ditador insignificante a conquistar planetas, sem passar através de certas vias. Seria anarquia, simplesmente anarquia, minha cara senhora - disse ele, enrolando entre os dedos o pelo pendente do lóbulo da orelha. - E evidentemente um regulamento da maior importância é a Regra 12-F, "Aviso ao Populacho".

- Sem dúvida! Que estupidez a minha! Mas não me lembro do funcionamento desta regra em especial.

- Deveria lembrar-se, minha cara, de vez que se aplica à sua profissão. Seja como for, aí vai ela: "Ao descer, o dirigente do veículo deverá informar a população nativa do seu intento de conquistar o planeta, e tal aviso deverá ser feito mediante o uso do mais próximo meio de comunicação disponível. Dentro de uma revolução planetária, deverá aparecer uma notícia no primeiro meio de comunicação com o qual se tenha estabelecido contato, e cópias de tal aviso deverão ser mantidas no fichário dos Arquivos Galácticos como prova de submissão a este estatuto. A não obtenção dessa notícia dentro do tempo especificado resultará na revogação das Disposições 8912-0 e 8914, 'Permissão de Pilhagem' e 'Permissão de Conquista'."

Os dispositivos destinam-se a conceder aviso aos nativos e a chamada "oportunidade de luta", na qual a Imperatriz, que é bastante ingênua, acredita. Naturalmente, a maioria dos comandantes preferem, na verdade, descer nas proximidades de cidades menores, a fim de estarem preparados antes que forças mais poderosas possam ser mobilizadas. Geralmente as forças policiais locais não são suficientes para oferecer combate, embora tenha havido um caso ... Deixemos isto de lado, trate de assinar este formulário a fim de que eu possa tomar meu rumo. Jamais aguento ficar muito tempo neste tipo de planeta.

- Então tudo isto significa que por eu não ter feito aquela matéria, Quondam não teve permissão de conquistar a Terra?

- Claro, minha cara. Já lhe disse, tudo tem que passar pelos canais competentes.

Enquanto Anne assinava o documento, a peluda criatura cor-de-rosa começou a vibrar para fora de foco.

- Espere um instante. Quando será emitida a próxima permissão de conquista para este planeta?

- Sem dúvida que não sei, minha cara - sobreveio debilmente a voz. - Há muita papelada para estes casos. Talvez alguns milênios.

O GRANDE ANEL DE NETUNO

Martin Gardner

A história enigmática, desta vez, tem três perguntas e três respostas.

O Capitão Quank, oficial comandante da espaçonave, estava ocupado traçando diagramas. Vez por outra, apertava os botões do calculador em sua mesa.

A missão da nave consistia em obter dados detalhados a respeito do planeta Netuno. Para sua surpresa, a tripulação havia encontrado o planeta circundado por um enorme anel de poeira de baixa densidade. Não tinha mais de um centímetro de espessura - inteiramente invisível através dos telescópios terrestres.

O anel era cercado por dois círculos perfeitamente concêntricos. A nave cruzara por cima do anel, numa linha reta que atravessara o círculo externo em A , tangenciando o círculo interno em B , e atravessara o círculo externo em C . (Veja ilustração.)

- Sabemos que a distância AC é de 200.000 quilômetros - disse o Capitão Quank. - A questão é: qual é a área do anel?

- Porventura não necessitaremos conhecer os raios dos círculos exteriores e interiores? - indagou o Tenente Flarp.

- Obteremos possivelmente essa informação - respondeu o capitão. - Mas não precisamos dela. Segundo um interessante teorema - parte integrante, segundo me lembro, de um curso de pré-graduação em geometria euclidiana - a área do anel é singularmente determinada por esta corda AC .

- Está querendo dizer - alegou o tenente - que, dado o comprimento de AC , a área do anel é uma constante, não importando as dimensões dos círculos?

Certo! Difícil de acreditar, mas é verdade. Estou procurando me lembrar como calcular a área.

Primeira pergunta: Qual a área do grande anel de Netuno?

A PRIMEIRA SOLUÇÃO DO GRANDE ANEL DE NETUNO

Seja a cada metade da corda AC , seja r o raio do círculo interno e seja R o raio do círculo externo. (Veja ilustração.)

A área do círculo é pi vezes o quadrado de seu raio. Portanto, a área do pequeno círculo é πr^2 , e a área do grande círculo é πR^2 . A área do anel, a diferença entre as áreas dos dois círculos, é $\pi R^2 - \pi r^2$, ou $\pi(R^2 - r^2)$.

Desde que a e r são dois lados de um triângulo retângulo, com R como sua hipotenusa,

sabemos (pelo teorema de Pitágoras) que $a^2 + r^2 = R^2$. Reagrupando os termos, teremos $a^2 = R^2 - r^2$. Isto nos permite substituir a^2 por $(R^2 - r^2)$ na equação anterior. O resultado surpreendente é que os dois termos desconhecidos, r e R , caem, deixando a simples fórmula πa^2 . Desde que $a = 100.000$ quilômetros, a área do anel será π vezes 100.000^2 , ou 31.415.926.535,89 + quilômetros quadrados.

O Capitão Quank calculou tudo isto sem falar, enquanto o Tenente Flarp preparava um jarro de martinis marcianos secos.

- Achei! - exclamou o capitão. - A área do anel é ...

- Não me diga - interrompeu o tenente. - Deixe-me adivinhar. É ... - Fez uma pausa a fim de verificar um número que anotara nas costas de um envelope. - 31.415.926.535,8979 + quilômetros quadrados.

- Flarp, há ocasiões em que você me assombra. Está absolutamente certo. Mas como efetuou toda essa álgebra de cabeça?

- Não efetuei álgebra alguma. Precisei apenas da fórmula πr ao quadrado. Nunca a esqueci porque quando menino, e tendo dito ao meu pai que a aprendera na escola, ele retorquiu: "Filho, seu professor está maluco. As tortas são redondas".*

* A fórmula πr ao quadrado, em inglês, (πr squared) pronuncia-se da mesma forma que a frase "as tortas são quadradas" (pies are squared).

Segunda pergunta: Como o Tenente Flarp resolveu o problema tão facilmente?

UMA SEGUNDA SOLUÇÃO PARA O GRANDE ANEL DE NETUNO

O tenente raciocinou:

- Creio no capitão quando ele diz que a área do anel é uma constante, considerando-se o comprimento da corda. Se isto é verdade, não faz diferença quão grande ou pequeno seja o círculo interno. Reduzamo-lo ao mínimo - um ponto de raio zero. A corda será então o diâmetro do círculo externo e o "anel", o próprio círculo. Portanto a sua área é π vezes o quadrado de seu raio.

- Portanto - continuou o tenente - tudo o que tive a fazer foi multiplicar π por 10.000.000.000. Isso foi fácil, pois significava apenas deslocar o ponto decimal de π dez casas decimais para a direita. - Lindo! - exclamou o capitão. - Mas como, em nome de Asimov, consegue se lembrar de quatorze casas decimais de π ?

O tenente Flarp entregou ao capitão um martini carmesim, em seguida ergueu seu copo.

- O quanto desejo uma bebida! - exclamou. - Alcoólica, é claro, após as difíceis matérias concernentes à mecânica quântica.

Terceira pergunta: Como Flarp lembrou-se das 14 casas decimais de π ?

UMA TERCEIRA SOLUÇÃO PARA O GRANDE ANEL DE NETUNO (da página 93)

A última declaração do tenente Flarp: "How I want a drink ... " é um meio mnemônico para π , imaginado pelo famoso astrônomo britânico *Sir* James Jeans. O número de letras em cada palavra corresponde aos 15 primeiros algarismos de π .

MAS SERÁ QUE ELES CAVALGAM GOLFINHOS?

Frederick S. Lord, Jr.

o Sr. Lord nasceu em Concord, New Hampshire, em 1951, e morava quase em frente a um homem que trabalhava numa grande gráfica. Quase toda semana, o pai do autor mandava-o no seu carrinho vermelho ir apanhar uma caixa cheia do que a gráfica estivesse imprimindo - e havia sempre um lote de ficção científica. Dedicou-se também à pintura de hidrantes de incêndio, sobreviveu ao mortífero revezamento na fábrica de tecidos, trabalhou como auxiliar de carpinteiro e testou condensadores de tântalo.

- Ora, mas que coisa linda! - exclamou a Sra. Hunt, ao entrar na sala de estar dos Malones. - Venha ver, Wallace! Eles arranjaram um Nenenzinho d'Água! - Ela colocou o nariz extremamente empoadado a alguns centímetros do vidro do tanque às escuras e arrulhou para a figura igualmente curiosa ali dentro. -, Que coisinha mimosa você é.

O Professor Hunt aproximou-se de sua mulher, frente ao grande tanque, e assentiu com um movimento de cabeça apreciativo. - Animais fascinantes, não? - Voltou-se para seus anfitriões. - E um bom assunto de conversa, imagino.

Jeff Malone sorriu.

- Sim, é. Cada vez que temos gente aqui, geralmente passamos a primeira hora conversando sobre este pequeno Nemo.

A Sra. Hunt bateu de leve no tanque com uma comprida unha alaranjada.

- Oi, sujeitinho.

- Por favor, não faça isto - disse-lhe Mary Ann Malone. -

Ele deve estar tirando um cochilo, e não quero que se agite demasiado.

A Sra. Hunt endireitou-se e fungou.

- Está bem. Está sempre escuro ali? Quisera que pudéssemos ver melhor. Isto é - acrescentou, com menos afabilidade do que a sugerida apenas pelas palavras - se sua mãe não se importar.

Mary Ann empertigou-se, em seguida pôs-se à vontade. - É outra que jamais entenderá - disse para si mesma. Depois explicou calmamente:

- É que Nemo gosta de olhar para fora.

Aproximou-se do tanque e abriu uma porta no compartimento embaixo. O Professor Hunt inclinou-se, a fim de ter um vislumbre do mecanismo interno.

- São baterias aquilo ali? - indagou.

- Sim - disse Mary Ann. - Para o caso de uma emergência.

Ali está a bomba de ar, e aquele é o aquecedor. - Introduzindo a mão, ligou um interruptor e o interior do tanque de repente se iluminou. .

O pequeno Nemo media atualmente oitenta centímetros, da ponta do vestígio de nariz à ponta de suas largas nadadeiras. Na última verificação, pesara pouco mais de onze

quilos. Exceto na cara, mãos e pés, era recoberto de uma espessa pele dourada, com listras marrons indicando que acabaria por escurecer completamente.

As mãos, comprimidas contra o vidro, tinham formato humano, só que os polegares e mínimos eram mais compridos e desenvolvidos do que seriam os de uma criança humana. Membranas palmadas ocupavam os espaços entre os dedos, até as primeiras juntas. Da parte exterior dos polegares e mínimos, estendiam-se outras membranas, ligadas aos lados de fora e de dentro dos cotovelos. Mais uma série de membranas ligava-se por trás dos cotovelos até as costelas inferiores de cada lado, dando à parte superior do seu corpo uma aparência de morcego.

- Hum ... - proferiu Mary Ann, com ar de desaprovação. - Está na hora de limpar essas guelras de novo.

- Absolutamente encantador! - anunciou a Sra. Hunt. - Não imaginava que pudessem ser tão mimosos.

Mary Ann desceu a mão e apagou a luz.

- Agora fique quieto - disse a Nemo, brandindo o dedo. Ele começou a correr de um canto para o outro de seu cubículo. - Estou falando sério - insistiu Mary Ann. Subindo num banco junto ao tanque, enfiou a mão dentro d'água e o corpinho coleante veio subindo para ser coçado.

Jeff franziu as sobrancelhas.

- Bem, agora que todas as apresentações foram feitas, que tal uma bebida? Venha, querida.

- Já vou - retorquiu Mary Ann, ainda coçando Nemo. - Os estranhos o põem nervoso e quero me certificar de que compreende que tudo está bem.

- Vamos para o outro aposento - disse-lhe Jeff. - Não demore.

- Pode deixar - respondeu ela. No entanto ainda não estava olhando para o marido ao dizê-la.

Após o jantar, a Sra. Hunt insistiu em ajudar Mary Ann a lavar os pratos.

- Você lava que eu enxugo - disse ela. - Não me esqueci como se faz isto.

- Estou certo de que Mary está habituada a ter as mãos dentro d'água - observou o Professor Hunt maliciosamente.

A Sra. Hunt ergueu um dos pires mal combinados dos Malones. - Veja só, Wallace! Não são vantajosas essas quermesses das esposas dos membros da faculdade? Isto fazia parte da série do velho Professor Campbell, não?

O Professor ergueu os olhos do café que tomava e sorriu.

- Oh sim, assim me parece. Não sabia que ainda andavam por aí.

A Sra. Hunt teve um sorriso afetado.

- Não apenas são hediondos, como também praticamente inquebráveis.

O Professor Hunt, de súbito, sentiu a necessidade de compensar a embaraçosa falta de tato de sua mulher.

- Sabe, Célia, Jeff e Mary Ann muito breve estarão comendo em pratos de prata, se o quiserem. A julgar pelo tamanho de seu animalzinho ali, não demorará muito até que comece a render.

- Igualmente certo - disse Jeff, como se isso lhe tivesse acabado de ocorrer. - Alguém de Seattle virá no dia quatorze, me parece. Disseram quatorze ou quinze, querida?

Mary Ann manteve os olhos sobre os pratos dentro da pia. - Dia quatorze - murmurou.

- Bem, não é uma data muito distante - retorquiu o Professor

Hunt. - Estou feliz por você, Jeff, realmente estou. Vi alguns estudantes de direito bastante promissores saírem daqui simplesmente porque não tinham habilidade suficiente para arranjar dinheiro para continuar. E não haverá de passar seus primeiros dez anos após os estudos pagando esses insidiosos empréstimos em que os jovens sempre se enredam.

Não, conseguiremos, certamente, começar sem ônus - asseverou Jeff, convicto. - Sem nada que nos sobrecarregue.

Lá da sala de estar vieram ruídos de espadagnar e salpicar.

- Lá está ele recomeçando - suspirou Jeff. - Eis outra coisa que venho almejando: ter de novo uma noite inteira de sono. Ficariam surpresos com o trabalho que dão estes monstros.

- Volto já - disse Mary Ann. Deteve-se à porta, antes de sair do aposento. - E lhe agradecerá bastante, Jeffry, se deixasse de chamar meu filho de monstro.

Tentando determinar até onde poderia ir o planejamento genético, antes que o feto se tornasse tão incompatível com a mãe a ponto de não lograr sobreviver, os cientistas do Instituto de Eugenia de Seattle efetuaram modificações cada vez mais radicais, porém teoricamente harmoniosas, nas sucessivas experiências. Quando falharam as tentativas repetidas de criar um bebê mais complexo e diferenciado, foi dado o passo final. Encontrou-se um voluntário humano, e antes que objeções morais, éticas, legais ou sociais pertinentes pudessem ser adequadamente expressas, um *Homo Aquaticus* de nome Frank constituía uma realidade vicejante e ecologicamente adaptada.

Nunca se duvidou da utilidade do *Homo Aquaticus*. Não apenas estava habituado a cultivar e colher algas, plantas marinhas e dúzias de outros tipos de vida marinha comestíveis, como havia muitas outras atividades em que ele poderia se sair melhor do que até então se conseguira. Com histórica consistência, a CIA delineou muitos projetos nos quais o H.A. desempenhava um papel importante. Empresas de serviços públicos encontraram no H.A. um salvador de nadadeiras. Turmas de salvamento, biólogos marinhos, oceanógrafos e dúzias de indústrias e agências imediatamente viram o seu potencial.

A procura pelo H.A. em breve superou a oferta. Embora não houvesse falta de voluntárias para serem mães hospedeiras, apenas um número limitado de mulheres possuía o potencial genético e psicológico para dar à luz e criar uma criança gênero *Homo Aquaticus*.

Para Jeff e Mary Ann Malone, os cem mil dólares pagos por um saudável Agricultor Marinho foram uma solução pronta para um aperto financeiro de nenhum outro modo superável. Tentando desesperadamente achar um modo de manter o marido estudando e os sonhos deles intatos, recorrera ao Instituto e fora aceita. A implantação fora indolor, a gravidez calma. O parto fora um sonho prolongado, nebuloso, mas não inteiramente desagradável. E agora ...

- Dão licença? - indagou Jeff, irritado. - Tive um dia danado de comprido e amanhã tenho outro mais comprido ainda. Seu olhar turvo foi até os dois ocupantes do tanque e em seguida até o relógio murmurando suavemente sobre a mesa do café. - São quase três horas, meu Deus.

Mary Ann afastou do rosto a mecha curta de cabelo úmido e piscou para ele, um

descabido sorriso definhando em seus lábios. - Ah, é mesmo? Desculpe, querido. Não percebi que estávamos fazendo tanto barulho. Nemo estava inquieto, eis tudo.

De repente, as nadadeiras de Nemo surgiram à frente do rosto de Mary Ann e bateram forte na água, salpicando-a num ataque furtivo.

- Você! - exclamou ela, tentando alcançar o esquivo travesso, sem consegui-lo. - Gostaria que lhe fizessem cócegas?

Jeff recuou e examinou as gotas de água sobre o tapete, junto aos seus chinelos.

- Dão licença? - repetiu.

Mas Mary Ann estava rindo. Nemo abocanhara com suas duras gengivas os seus dedos dos pés.

- Devagar! - advertiu ela. - Não quero ser podada!

- Saia já daí! - ordenou Jeff. - Não quero ficar aturando isto muito tempo.

- Por que não se junta a nós? - propôs Mary Ann. - Ou já tomou seu banho semanal?

- Quer ficar séria, por favor?

- Está bem - suspirou ela. - Quer me dar meu *peignoir*? -

Subiu no banco que trouxera consigo para dentro do cubículo de Nemo e lançou primeiro uma perna, depois a outra, para fora d'água, sobre o banco fora do tanque. Jeff jogou-lhe o *peignoir*, mantendo-se carrancudo.

- Você poderia também ter um pouco de consideração comigo, sabe - disse-lhe ele. - Afinal de contas sou seu marido.

- Será mesmo? - exclamou Mary Ann sarcasticamente. - Estive imaginando quem seria a pessoa de quem eu estava tendo um vislumbre duas vezes por dia. Ainda bem que você se apresentou, senão eu poderia jamais ficar sabendo.

- As coisas vão melhorar - assegurou ele, em tom de rotina.

- E o que deverei fazer enquanto isso - hibernar? - Desceu do banco e voltou-se para olhar a carinha desapontada que lhe seguia todos os movimentos. - Acabou a brincadeira, querido disse-lhe ela. - O Monstro Genuíno está dizendo que devemos calar e ir dormir. - Cingiu mais o *peignoir* em torno de si, atravessou a sala de estar e sentou-se no sofá.

• Jeff ainda estava zangado.

- Creio que lhe pedi para não se sentar no sofá quando estiver molhada - proferiu, cortante.

- Ora, vá para a cama - retrucou ela. - E trate de se secar.

- Isto não é natural, sabe.

- O quê? Um bebê se mostrar agitado no meio da noite?

Ele sentou-se na outra extremidade do sofá e acendeu um cigarro do maço na extremidade da mesa.

— Você sabe exatamente de que estou falando - tornou ele, à primeira baforada. - Não é natural que se sinta assim com relação a esse ... - Fez um gesto em direção ao tanque. - Bastardo de luxo.

- Ele é tão humano quanto você, Jeff. Às vezes até mais.

- Isso foi o que esses espreme-cucas meteram na sua cabeça: Se eu tivesse tido alguma idéia de quanto ele ia tomar do seu tempo, nunca teria ido adiante com isto.

- Bem, foi você quem trouxe a propaganda a respeito.

Ela ficou observando as bolhas de ar dentro do cubículo de Nemo e inconscientemente avaliou a velocidade do oxigenador. Nunca imaginei que pudesse ser tão ciumento, Jeff.

- Você precisa desistir dele, sabe.

- Não quero. Pretendo comprar uma casa na praia e criá-lo eu mesma. Mas não me parece que você compreenda isto. Nos dias que correm, você só se preocupa é com você mesmo.

Jeff tragou fundo o cigarro, antes de responder.

- Olhe - disse finalmente - nada há que eu possa fazer a respeito. Temos um contrato que diz o que acontecerá a Nemo, eis tudo.

- Mas eu sou a mãe dele, Jeff - retorquiu Mary Ann, a voz agora um áspero sussurro. A água salgada descendo vagarosamente por suas faces não provinha do tanque. - O que acontecerá a ele? Quem cuidará dele? Ele precisa de *mim*, Jeff!

- Mas ele gostará de estar com os da sua espécie.

- Mas nós também somos da sua espécie.

- Isto foi o que os psicólogos lhe disseram que devia achar.

- Não. É a verdade. Não se importa com o que for feito dele?

- Li a informação toda - retorquiu Jeff. - Ele será treinado no Instituto uns dois anos e depois será posto para trabalhar onde quer que achem que poderá se sair melhor.

- Mas ele estará feliz?

- Todos os Nenéns d'Água são muito bem tratados. Deixe de se preocupar com isso.

- Não é isto que estou querendo dizer! - gritou ela. Jeff jogou fora o cigarro e pôs-se de pé.

- Está por demais agitada para dizer coisa com coisa no momento. Vou dormir. Sugiro que tome um banho e faça a mesma coisa. Boa-noite.

Ela não respondeu. Jeff deu um suspiro de cansaço e frustração misturados e voltou para o quarto. Menos de um minuto depois estava dormindo. ~

Mary Ann fitou a figurinha boiando no tanque, também adormecida. Tentou imaginá-lo deixando-a, mas a idéia era por demais penosa. Acharia que ela deixara de amá-lo? Iria se sentir confuso e apavorado, tinha certeza. E estava igualmente certa de que ninguém jamais se importaria tanto com ele quanto ela.

Vira os filmes sobre a vida dos Agricultores Marinhos. Lera tudo o que pudera sobre eles. Plantavam, cultivavam e colhiam. Pescavam, caldeavam e exploravam. Comiam bem e trabalhavam muito. Dormiam profundamente e pareciam satisfeitos.

- Mas será que eles cavalgam golfinhos? - indagou ela e não havia ninguém ali para responder-lhe.

Mary Ann abriu a porta do apartamento, as duas pesadas sacolas de mantimentos aninhadas nos braços. A tarde de sábado constituía uma exaustiva, porém bem-vinda mudança em sua rotina. Não que houvesse algum romantismo em pagar contas, comprar *hamburgers* e uma dúzia de incumbências pela cidade inteira; o fato é que tinha tempo para dedicar a si mesma - tempo de ver vitrines e devanear. Aquelas poucas horas fora do apartamento, mesmo cansativas, de algum modo a restauravam para a semana.

Fechou a porta atrás de si com um pontapé e acendeu a luz com um piparote. Em seguida, lançou um olhar sobre a longa parede vazia defronte á janela panorâmica e largou os mantimentos a seus pés.

Nada restava. O tanque, o compartimento, Nemo. Nada, a não ser a marca retangular e mais clara do tapete. Haviam-no levado. Chegaram num fim de semana e levaram-no.

A bolinha de borracha vermelha, que estivera aninhada no topo de uma das sacolas de mantimentos, rolou para dentro do espaço vazio. Na outra sacola, lentamente crescia a

mancha dos ovos quebrados. Arquejante, ela deixou os mantimentos onde estavam e dirigiu-se à cozinha. Sabia que Jeff dificilmente poderia ter mudado tudo para o outro aposento, mesmo assim se permitiu alguns momentos de esperança.

Sobre a mesa da cozinha, estrategicamente exposto, estava um dispendioso jogo de porcelana óssea Haviland, com um magnífico desenho vermelho. Era uma das coisas que ela outrora dissera a Jeff sonhar possuir, quando ele fosse um advogado bem-sucedido e tivessem casa própria.

Havia um bilhete sobre um dos pires. Antes de pegá-lo para ler com a mão trêmula, reconheceu os rabiscos de Jeff:

Querida:

Achei que ficaria mais fácil para você se fizéssemos desta maneira.

Tudo correu muito serenamente e Nemo estava simplesmente ótimo. Trarei carne e bebida para o jantar.

Com amor,

Jeff!

Era um jogo de peças numerosas. A jovem soluçante levou tempo para quebrar cada uma delas.

Mary Ann comprimiu as palmas e o nariz de encontro à janela panorâmica da casa nova dos Malones e contemplou, sem muito interesse, a flora e a fauna dos subúrbios de Chicago. Não havia mesmo muito que ver. As casas em estilo campestre, regularmente espaçadas em ruas lisamente pavimentadas, desafiavam o olhar a encontrar alguma coisa fora do lugar ou estapafúrdia. As casas eram todas muito bonitas. Os carros estacionados em fila dupla nas pistas junto às casas eram todos muito bonitos. E as pessoas que moravam nas casas e guiavam os carros eram todas muito bonitas.

Nos dois anos desde que haviam deixado a Costa Oeste e se mudado para o Meio-Oeste, Mary Ann conhecera um bocado de gente boa e fora convidada para um bocado de bons lares. Jeff estava indo bem na firma e trazia, quase todas as semanas, amigos novos e influentes "para conhecer sua senhora e bater um papo". E todos aqueles casais, destinados por Jeff a serem alvos do encanto dela, eram exatamente iguais a Célia e Wally Hunt. Dentro de dez ou vinte anos, disse consigo mesma, ela própria e Jeff estariam transformados em Célia e Wally Hunt. Ninguém indaga a esses peixes sobre o aspecto das coisas vistas do seu lado da redoma, pensou Mary Ann. Ninguém.

Deixou que a sua memória revivesse a discussão que ela e Jeff tinham tido na noite anterior. Ela queria voltar para a escola. Queria voltar a trabalhar. Queria fazer qualquer coisa que a tornasse algo mais do que a sua cozinheira, governanta e huri. E Jeff gostava das coisas do jeito que elas estavam.

Então, naquela manhã seguinte, sugerira um acordo. Ao café, ele falara a respeito de ter "um verdadeiro bebê".

- Para que você se ocupe de alguma forma - dissera ele. - Para que lhe faça companhia durante o dia.

E ela atirara sobre ele tudo o que não estava pregado. não iria ser comprada daquela vez, gritara-lhe. Era um débil mental insensível, inapto para a paternidade. Vendera o primeiro bebê deles. Quem diria que não fizesse o mesmo de novo?

A certa altura no meio disto tudo, Jeff murmurara alguma forma de desculpa e

esquivara-se para fora da casa, o café escorrendo da gravata.

Por volta do meio da tarde, ela já havia arrumado a cozinha, a maquilagem e as ideias. Sabia agora o que tinha a fazer e o faria. Jeff provavelmente não entenderia, mas ela havia tentado transmitir sua mensagem no bilhete agora colado à geladeira.

Enquanto ela olhava para fora da janela, um velho táxi arruinado penetrou na entrada para veículos. Apanhou a maleta e saiu.

Os olhos cor de avelã da Sra. Danis cintilaram na direção da jovem que esperava por ela no seu gabinete.

- Desculpe fazê-la esperar, Sra. Malone. Juro que passei metade do meu tempo ao telefone.

- Espero não tê-la afastado de alguma coisa importante - disse Mary Ann. -

- Já não me deixam fazer coisa alguma importante - retorquiu-lhe a Sra. Danis. Sentou-se diante da sua mesa em desordem e enfiou uma mecha solta do cabelo castanho para dentro do coque frouxo, no alto da cabeça. - Quer café? - indagou.

- Não, obrigada. Na verdade não quero tomar muito do seu tempo. Só vim lhe fazer algumas perguntas, eis tudo.

Mary Ann achava difícil pensar na Sra. Danis como sendo uma das mais destacadas cientistas que trabalhavam no Instituto. A velha suéter verde e os *jeans* desbotados, embora uma vestimenta prática considerando-se a sua função de "chefe" da Escola Marinha, não contribuíam para lembrar ao observador o seu prestígio. E o colar de pérolas dançando por fora do agasalho surrado davam à quarentona um ar de desconcertante excentricidade.

- Muito bem, pergunte então - retorquiu a Sra. Danis. - Faz parte do meu serviço. - Estendeu a mão de pele rugosa e puxou as cortinas da janela do seu gabinete. Lá fora, um grande tanque estava apinhado de Agricultores Marinhos meio crescidos, supervisionados por carrancudos behavioristas.

- Estou espantada de ver como eles crescem depressa - observou Mary Ann.

- E. Parece não haver transcorrido tempo algum desde quando os apanhamos até a hora de os soltarmos. Acho que assim acontece numa quantidade de situações. O Dr. Hargen mostrou-lhe as dependências?

- Sim. Ele foi muito gentil. Não fazia idéia de que o lugar fosse tão grande. Há tantos deles.

As duas mulheres ficaram caladas alguns momentos.

- Bem, agora - principiou a Sra. Danis jovialmente - imagino que esteja interessada no que aconteceu com o seu sujeitinho ...

Mary Ann tentou disfarçar sua surpresa.

- Puxa, estou. Lembra-se dele? Tinha marcas marrons nas costas e ...

- Sra. Malone - interrompeu pacientemente a Sra. Danis. - Propositadamente não conservamos registros de onde vêm nossos alunos. Deve saber por quê. Além do mais, lidamos com milhares no momento. Suas marcas mudam à medida que crescem. Não conseguiríamos localizá-lo para a senhora, por mais que tentássemos. Desculpe, pensei que soubesse.

- Oh! - foi tudo o que Mary Ann pôde proferir.

- Diz que ele veio ter conosco uns dois anos atrás, não foi isso?

- Ah, disse? Não me lembro. Quero dizer, sim. Dois anos atrás, neste mês.

A Sra. Danis manuseou alguns papéis e acenou com a cabeça, em assentimento ao que

estava lendo.

- Era um sujeito muito ativo? Poderá ter se formado com a turma do mês passado.

Mary Ann esboçou um sorriso triste à lembrança. - Sim. E era muito hábil com as mãos.

- Então provavelmente foi ter nos leitos de Vancouver. Quase todos os melhores dentre os nossos têm ido parar lá recentemente. Não demora muito e teremos todo o Sound cultivado.

- Tem certeza que é lá onde ele está?

- Não, não posso dar certeza. Mas trata-se do lugar mais provável. Não que vá conseguir reconhecê-lo, entenda. Ou que possa, bem assim, encontrá-lo.

O queixo de Mary Ann tremeu, numa esforçada demonstração de firmeza.

- Acho que poderia reconhecer meu próprio filho. Apenas queria vê-lo mais uma vez. Sabe, nunca tive a oportunidade de despedir-me dele. Nunca tive a oportunidade de explicar.

- Tenho certeza de que ele compreende - disse a Sra. Danis com bondade. - Presentemente ele tem uma vida nova. E uma quantidade de amigos novos. Ouça: são quatro horas agora. Por que não vem até minha casa comigo para uma bebida e um dos fantásticos jantares do meu marido? Então poderíamos conversar devidamente sobre isso.

- De qualquer maneira, obrigada - proferiu Mary Ann, levantando-se. - Desejo agradecer-lhe pelo tempo que me concedeu. - Dando uma reviravolta, saiu porta afora antes que a Sra. Danis pudesse dizer qualquer outra palavra.

A barca das cinco horas de Seattle estava apinhada de carros e de passageiros entediados. Reconhecia-se os poucos turistas a bordo por sua presença junto ao parapeito, debruçando-se para uma visão melhor dos Agricultores Marinhos abaixo.

Mary Ann baixou o olhar sobre a água azul-esverdeada, a mente arrebatada pela própria turbulência. A bola de borracha de um vermelho reluzente sobressaindo do seu bolso ainda trazia o rótulo adesivo com o preço.

Talvez se um dos Agricultores Marinhos não houvesse olhado para cima: movido por uma curiosidade autônoma, ela não teria tentado agir sob o impulso que momentaneamente acometera sua imaginação.

Tinha um pé descalço sobre o parapeito, quando uma mão tomou-a pelo braço e uma voz suave disse:

- Não.

- Obrigada por me haver impedido de fazer uma tolice - proferiu apenas Mary. - Ainda bem que me seguiu.

Os olhos cor de avelã- da Sra. Danis tremeluziram.

- Sabia o que você poderia fazer desde o primeiro instante em que conversamos. Tendo acabado de falar com Jeff ao telefone, comecei a me preocupar com você. Já tinha visto antes a expressão que havia em seus olhos.

- Já?

- Mary, porventura achou que era a primeira mulher a se sentir dessa maneira? Ou que irá ser a última? Tudo a que damos vida, devolve-a para nós. Não abandonamos tal vida sem perder um pouco da nossa. Teria sido anormal você não ter amado seu filho. Está confiando demais em psicólogos e hipnoterapeutas. Oh, sim, já vi esse olhar antes. A

primeira vez foi no espelho.

- Você? - Mary Ann ficou-se boquiaberta.

A Sra. Danis assentiu com a cabeça, orgulhosa.

- Tenho cinco filhos aí por baixo das ondas. Amei cada um deles e chorei a partida de cada um. Mas me sinto grata pelo que passei. Penso neles como rapazes fortes, bem-sucedidos e bonitos, fazendo o que todas as mães esperam de seus filhos: tornar possível o futuro. Gosto de pensar neles como assistentes de oceanógrafos, como capatazes de poços de petróleo submarinos, ou como ... - Exibiu o colar, em seguida tirou-o, colocando-o em torno do pescoço de Mary Ann. - Pescadores de pérolas.

- Mas será que eles cavalgam golfinhos? - murmurou Mary Ann, ansiosa.

- Hein? O quê? Oh, sim, cavalgam. Pelo menos os mais jovens.

Não é que deveriam fazê-lo, mas o fato é que os golfinhos adoram. E você sabe como são os garotinhos.

UMA RECUSA A MAIS

Patricia Nurse

A Sra. Nurse, nascida Patricia LaPlante, num subúrbio de Londres, Inglaterra, emigrou para o Canadá em 1955, onde prontamente pegou um marido canadense. No devido tempo, geraram um filho encantador, que está estudando engenharia na Universidade Ocidental. Ela atribui a um exemplar do Writer's Digest o fato de haver reanimado seu interesse por escrever. Este conto foi o primeiro que vendeu.

Caro Dr. Asimov:

Imagine minha satisfação quando dei com a sua nova revista de ficção científica nas bancas. Há muitos e muitos anos sou uma admiradora sua e naturalmente não perdi tempo, comprando logo um exemplar. Desejo-lhe todo o sucesso neste novo empreendimento.

O segundo número, li com interesse seu pedido de contos de autores novos. Embora não seja escritora, de duas semanas para cá um viajante no tempo está morando comigo (ele materializou-se na banheira, sem roupas nem dinheiro, por isso me senti na obrigação de oferecer-lhe abrigo) e escreveu uma história de como será a vida na Terra no ano 5000.

Antes que ele deixasse este marco temporal, teria imenso prazer de ver a sua história impressa. Espero que se sinta habilitado a realizar este seu desejo.

Afetuosamente,
Nancy Morrison (Srta.)

Cara Srta. Morrison:

Obrigado por sua amável carta e pelos bons votos.

E: sempre reconfortante saber de um novo autor. A Srta. colocou algumas coisas extremamente imaginativas no seu conto. Entretanto, é um pouco curto de enredo e de interesse humano - talvez pudesse reescrevê-lo, levando isto em consideração.

Afetuosamente,
Isaac Asimov

Caro Dr. Asimov:

Lamento que não tenha podido publicar o conto que lhe enviei. Vahl (o viajante no tempo que o escreveu) sentiu-se bastante ofendido, pois me declarou ser um autor de alguma fama na sua época. Reescreveu, no entanto, o conto e desta vez acrescentou bastante enredo e alguns rituais de acasalamento que tomou emprestado do ano 3000.

Na sua época (o ano 5015) o sexo não é mais praticado, portanto pode compreender que seja perfeitamente decente que o tenha em minha casa. Gostaria, entretanto, que ele pudesse adaptar-se ao nosso costume de usar roupas - meus vizinhos estão começando a comentar!

Tudo o que o senhor possa fazer para acelerar a publicação do conto de Vahl seria extremamente apreciado, a fim de que tenha possibilidade de regressar ao seu próprio tempo.

Afetuosamente,
Nancy Morrison (Srta.)

Cara Srta. Morrison:

Obrigado por haver reescrito seu conto.

Não quero desanimá-la, mas receio que tenha aceito minhas sugestões com um entusiasmo um pouco demasiado - entretanto, posso entender que o fato de se ter um despido visitante imaginário de outro tempo constitui uma experiência bastante inebriante. Receio que o seu conto agora mais se assemelhe a um episódio remotamente futuro de "Mary Hartman, Mary Hartman".

Procure abrandar um pouco e suprima os rituais sexuais mais extravagantes do ano 3000 - devemos nos lembrar de que a *Revista de Ficção Científica de Isaac Asimov* destina-se a ser uma publicação familiar.

Talvez um pouco de humor também melhorasse o conto.

Afetuosamente, Isaac Asimov

Caro Dr. Asimov:

Yahl ficou extremamente ofendido com a sua segunda recusa - disse nunca haver recebido antes um bilhete de recusa, e o fato do senhor considerá-lo "imaginário" não melhorou as coisas. Devo lhe dizer que ele chegou a se exaltar e saiu furioso para o jardim - foi neste infeliz momento que o vigário achou de passar por ali.

Afinal de contas, consegui acalmar Yahl, ele reescreveu o conto e acrescentou um bocado de humor. Receio é que meu encontro subsequente com o vigário não tenha sido abençoado com tal sucesso! Tenho certeza de que Yahl não aceitará outra recusa.

Afetuosamente,

Nancy Morrison (Srta.)

Cara Srta. Morrison:

Admiro realmente sua persistência em reescrever seu conto mais outra vez. Por favor não perca a esperança - poderá tornar-se uma escritora bastante competente com o tempo, tenho certeza.

Receio é que o humor que acrescentou não tenha sido do tipo que eu tinha em mente - será que porventura anda colaborando com Henny Youngman? Na verdade eu estava pensando num tipo de humor mais sofisticado.

Afetuosamente, Isaac Asimov

P.S. Já pensou em ler o seu conto, conforme está, no Programa dos Calouros?

Caro Dr. Asimov:

Foi realmente lamentável ter o meu manuscrito devolvido mais uma vez - Yahl ficou mudo de raiva.

Foi com a maior dificuldade que o persuadei a aprimorar o humor que o senhor achou tão desagradável, e a sua versão segue anexa.

No seu desapontamento, Yahl resolveu regressar imediatamente para o seu tempo. Ficarei triste de vê-lo partir, pois estava começando a me afeiçoar bastante a ele - pena é que ele não seja do ano 3000. Mesmo assim, não teria dado um marido muito satisfatório. Jamais haveria de saber de onde (ou de quando) ele era. Parece igualmente que os meus planos de casar com o vigário sofreram também um sério abalo. O senhor é casado, Dr. Asimov?

Tenho de encerrar agora esta carta, pois preciso me despedir de Vahl. Diz ele que acaba de fazer alguns melhoramentos, há muito em atraso no nosso marco temporal, como um presente de despedida - não é bondade dele?

Afetuosamente,
Nancy Morrison (Srta.)

Cara Srta. Morrison

Fiquei muito confuso com a sua carta. Quem é Isaac Asimov?

Verifiquei junto a diversos editores e nenhum deles ouviu falar na *Revista de Ficção Científica de Isaac Asimov*, embora o endereço no envelope tenha sido correto quanto a esta revista. .

Entretanto, gostei muito do seu conto e terei prazer em aceitá-la para o nosso próximo número. raro recebermos um conto reunindo qualidades como um enredo bem imaginado, bastante interesse humano e uma forma de humor deliciosamente sutil.

Afetuosamente,

George H. Scithers, Editor
Revista de Ficção Científica de Arthur C. Clarke

A LINHA ... LINHA ... LINHA DERRADEIRA DE FRAGGER

Scherwood Springer

Durante a sua carreira ziguezagueante, o autor foi espeleólogo, aprendiz de tipógrafo. bacterista corredor. compositor de tipos. poeta. camelô de mafuá, pintor de cartazes. copiadador de música. golfista. perito em falsificações. colunista, dono de salão de bilhar. cronista financeiro, editor e filatelista. Grande parte do material de seus contos é extraído dessa experiência. Na qual nunca se incluiu, garante-nos ele, qualquer feição reativa.

Duas vezes por dia, de segunda a sexta, às 10: 14 da manhã e às 2: 14 da tarde, Fragger Larsen tomava o ônibus 83, na esquina da rua Sete com a rua Olive, no centro de Los Angeles, viajava para oeste até Beverly Hills, descia em Wilshire, caminhava para o norte pela Via Rodeo, entrava na famosa joalheria Soffington's e roubava a Lua de Benares, uma das mais fabulosas pérolas do mundo.

Aos sábados, fazia apenas a viagem da manhã. E já que; caso não surgissem pequenas complicações, estaria seguramente de volta ao estabelecimento de Doe Endore, em Bunker Hill, dentro de noventa minutos, e cada vez que trazia uma pérola recebia cem dólares, não havia jeito de Fragger perder a hora ou o pagamento.

Quanto ao esforço despendido em se arrancar com a Lua de Benares, exigia nada mais do que a habilidade necessária para se pôr as mãos nela, geralmente o pretexto de examiná-la sob a lupa que trazia consigo, uma manobra que de hábito ocorria na chamada segurança do gabinete reservado da Soffington's. Uma vez feito isto, Fragger percorria a sua linha especial de transporte até o laboratório subterrâneo de Bunker Hill - juntamente com o produto da pilhagem, é claro.

Na verdade, entretanto, havia dias em que não conseguia trazer duas pérolas ou, às vezes, sequer uma pérola. A Lua de Benares, é fato, era idêntica às outras Luas anteriores

cada vez que a obtinha, mas o ambiente no qual Fragger se movia tendia a ter diferenças imprevisíveis.

Numa das viagens, o empregado da Soffington's informou-o de que a pérola fora recentemente vendida, outra vez foi no laboratório, onde estava sendo fabricada uma imitação para os Estúdios Universais, duas vezes a Soffington's preveniu-o de que não haviam conseguido comprar a pérola, outra vez o nome do joalheiro era Bellini e o empregado apenas meneou a cabeça, e em três vezes não houve sequer uma joalheria na localidade. Fragger, acostumado a perder; mostrava-se filosófico. Não se pode ganhar sempre.

Algumas das surpresas, entretanto, eram assustadoras. No dia em que Endore resolve experimentar o corte na frequência de dezoito milhões, Fragger voltou lívido e trêmulo.

- Céus! - proferiu ao descer, vacilante, da placa. - Meus pés. - Do armário debaixo da pia, onde Endore guardava o seu conhaque, ele pegou uma garrafa, escarrapachado numa cadeira, os pés sobre um caixote, e puxou um gole comprido.

O rosto levantino de Virgil Endore, de lábios grossos, franziu-se de irritação.

- Por que não usa um copo?

Fragger fez uma careta. Imaginem, pensou. O filho da mãe é mesmo genial, está mais preocupado por eu beber da sua maldita garrafa do que pelo fato de eu haver quase morrido.

- O que aconteceu então? - inquireu Endore.

Bunker Hill, foi isso que aconteceu. Eles deceparam o topo de Bunker Hill. Estamos a quatro metros e meio no ar.

- Como assim?

- Estou lhe dizendo. Caí três metros e aterrissei no teto de um carro estacionado. Dei um susto danado no sujeito que vinha saindo. - Isso é bobagem. Estamos no subsolo.

- Não nessa frequência O morro se foi, Angel's Flight se foi, todas essas velhas casas se foram. Eles têm arranha-céus, estacionamento, Pavilhão de Música e uma enorme coisa idiota que eles chamam de Trifório.

Endore achou aquilo ridículo e Fragger concordou. Mas não houve viagem até a Soffington's naquele dia. Fragger passou o resto da tarde com os pés de molho.

Depois disso, ainda que evitassem a frequência de 18.000.000, cada vez que Fragger se posicionava na placa para um salto, conservava o dedo no botão de transferência à altura do umbigo - para as emergências. Caso sentisse que estava se materializando em pleno ar, brraque! lá estava de volta à placa de expedição.

Vários dias depois, após completar seu vigésimo êxito, voltou para um laboratório silencioso. Não havia sinal de Endore, e Fragger, após ficar à espera durante uns vinte minutos, resolveu ir almoçar, com a Lua ainda no bolso.

De volta, ao subir os degraus da casa na rua Olive, deu um encontrão num homenzinho lépido que ia saindo.

- Desculpe - proferiu, passando de raspão por ele.

- Eh, espere um minuto - disse o outro. - Já o vi antes. Está na casa de alguém? - Como assim?

- Está morando aqui, quero dizer? Sou encarregado deste prédio.

- Oh ... não, não moro aqui. Trabalho para Doe Endore - no porão.

- Endore? Quando ele voltou?

- Voltou? De que está falando?

- Olhe, conheço Virgil há ano. Todas as tardes de domingo, xadrez. 'Ele não é nenhum Casablanca, mas às vezes faz boas jogadas. E agora deu de faltar três domingos seguidos. Bato na porta e Murdo diz que ele saiu de viagem. - O homem virou as mãos espalmadas para cima. - O que está acontecendo lá embaixo?

- Murdo? Quem é Murdo?

- Quem é Murdo? Murdo é o sujeito que vi em sua companhia no saguão, na semana passada. Murdo trabalha para Endore, também. O que há com você? Acaso é retardado?

- Endore é que estava comigo no saguão.

O homem recuou como se Fragger tivesse uma doença contagiosa.

- Estou falando com um maluco - proferiu, e saiu apressadamente rua abaixo.

Fragger, de mão no bolso, ficou-se ali a observá-lo, até ele quebrar para a esquerda, entrando no Angel's Flight. Sentou-se então no degrau superior. Momentos depois, retirava do bolso a caixa de pérolas, abria com um piparote a tampa e expunha à vista a luminosa Lua de Benares. Era uma coisa de incrível beleza, com 18mm ao todo, do melhor fulgor e refração, e uma esfera perfeita. No comércio tinham o nome de roletes virados de oito.

Contemplou suas róseas profundezas.

- Agora está começando a fazer sentido - disse ele. Veja só, um maníaco por pérola era uma coisa. Um cientista capaz de criar uma máquina como o transítron era outra. Que Endore pudesse ser os dois era algo que há algum tempo estava atravessado na garganta de Fragger.

Então onde estava o verdadeiro Endore? Morto, ou ... ? Fragger começou a pensar na placa de expedição. Esses mundos alternados. Diabos, bastava que você abatesse ou anestesiasse um homem, o arrastasse para a placa, ativasse a máquina e ele iria embora. E se não estivesse com o seu campo portátil não haveria jamais um modo de poder voltar. Murdo não precisava matar Endore, era só enviá-lo para fora deste mundo!

Aquela missão toda estava ficando desagradável. Por um lado, teria agora que vigiar Murdo, por outro lado, seria melhor começar a pensar num ponto de vista próprio. Facilitar com um assassino pode levar alguém a ser assassinado. Aquela manobra de 200 dólares por dia poderia ser boa, mas talvez fosse boa para um - como é que o velho o chamara? - um maluco.

Estava mais do que na hora, resolveu Fragger, de falar com esse idiota do Murdo. Fechou o recipiente da Lua, levantou-se e entrou no edifício.

Murdo estava à espera dele, com a sua caixa de joias aberta sobre a mesa. Era forrada de veludo cinzento e tinha pequenos compartimentos, dezenove dos quais exibiam uma coleção combinada de tesouros nacarados sem par na história do ornato.

- O que houve com você? - indagou Murdo. Em seguida divisou o conteúdo da mão de Fragger. - Oh, pegou uma - disse. - Bom, então são vinte. Faltam oito. - Estendeu a mão para ela.

Fragger, porém, passou de repelão por ele, chegando em passos largos até a geladeira, e abriu com violência uma cerveja.

- Vai tê-la num minuto - declarou. - Primeiro quero resolver uma coisa.

- Que coisa? Dê-me a pérola. - Ainda não. É hora de pormos algumas coisas em pratos limpos por aqui. Para começar, explique-me sua mania de pérolas.

- Não tenho mania de pérolas. Irene é que tem mania de pérolas.

- Irene?

- É, a minha garota. Ela me largou por esse idiota do Trusio só porque de repente ele apareceu com umas pérolas ordinárias. Pois bem, por Deus, hei de lhe mostrar algo que vai lhe virar a cabeça.

Fragger fitou-o.

- Está fazendo este movimento todo só para dar a uma qualquer um colar de super-pérolas?

Murdo começou a defender sua posição, mas Fragger interrompeu-o bruscamente.

- Para o inferno com isso. Você me disse que era Doe Endore. Você não é Doe Endore. Você é um impostor chamado Murdo. Quero saber o que aconteceu com Endore. Acabou com ele?

- Olhe só quem fala.

- O quê?

- Sei tudo a seu respeito. Por isso é que arranjou este trabalho.

Sondei a seu respeito. Aquela história do Vietnã. Aquele tenente que você mandou pelos ares com uma granada.

Fragger investiu sobre ele e agarrou-lhe a garganta.

- Melhor ver como fala, meu chapa. Se sabe tanta coisa, deve saber também que me inocentaram de tudo isto. - Deu uma sacudidela em Murdo e empurrou-o.

Murdo segurou o próprio pescoço entre as mãos e gaguejou: - Pro... provas insuficientes ... isto não o torna inocente

E quando Fragger ia partir de novo sobre ele, recuou. - Espere aí. Então dei cabo de Endore. E daí? Então nenhum de nós dois é um anjo. Estamos numa muito boa. Logo que eu arranje mais oito pérolas para Irene, faremos um acordo. - Tirou duas de cinquenta da carteira. - Aqui está sua grana.

Fragger hesitou um momento, em seguida pegou o dinheiro, entregou a vigésima Lua e voltou-se, indo em direção à porta.

- Vou pensar nisso - proferiu, saindo em seguida.

Tirou folga naquela tarde, à noite tomou um pifão e na manhã seguinte chegou uma hora atrasado ao trabalho. Devia ter continuado de pifão. O dia revelou-se um dos piores de sua vida.

Quando chegou, a porta não estava trancada e Murdo não se encontrava por ali. Fragger engoliu rapidamente uma aspirina, pôs um pano molhado na testa e estendeu-se num divã.

Murdo chegou ruidosamente trinta minutos depois.

- Onde esteve? Andei a cidade toda atrás de você. Vamos embora.

Resmungando, Fragger levantou-se, despiu-se e vestiu o seu conjunto de campo transferencial - fios de uma liga de titânio, um sobre cada ombro e dois passando pelos testículos, todos se encontrando em duas placas ovais, de dez centímetros de comprimento, à frente e atrás, unidas à cintura por um aro de metal. O elemento dianteiro, que continha o mecanismo de ativação, também era provido do botão de transferência oculto, que, quando comprimido, gerava um campo que, em todas as épocas e em todos os lugares em mundos alternados, era imediatamente sintonizado com a placa de transferência no chão do laboratório de Endore.

Na verdade, havia duas placas de transferência - uma também no teto - e os saltos

realizavam-se no interior de um cilindro invisível de fluxo subeletrônico que emanava de uma para outra. Mas sem Virgil Endore ali, os princípios que presidiam a construção do mecanismo também estavam perdidos. Murdo, por mais experiência que houvesse obtido do trabalho com Endore, era obviamente um imbecil, embora pudesse, pelo menos, fazer três coisas: (a) regular os mostradores, (b) ativar os saltos, e (c) sonhar em virar a cabeça de Irene com uma ridícula bugiganga. Naquele primeiro dia, fazendo-se passar pelo cientista, tentara explicar o transvirar- do tempo a Fragger, a teoria de que mundos alternados resultavam de uma série contínua de pontos limites na corrente do tempo. A única coisa que fizera sentido naquele dia fora a carteira recheada que Murdo trazia. Notas graúdas eram a causa daquilo.

Fragger, envergando seus trajes, passou para o laboratório, onde Murdo mexia nos controles. Subiu na placa.

- Dispare - disse.

Murdo fechou o comutador e ouviu-se um som, como o estalo de um galho de árvore congelado, quando o ar estrondeou para dentro do vácuo repentino. Fragger se fora e o aposento rescendia a ozônio.

Encontrava-se no chão de terra de um porão, com teias de aranha e desabitado, muito semelhante a outros que vira antes. Com a luz fraca de uma janela encardida, ele não se apercebeu dos detalhes enquanto subia os degraus de dois em dois e, com uma de suas chaves, abria a fechadura simples da porta do porão. Espiando para fora e não vendo ninguém no vestíbulo, rapidamente ganhou a rua.

Dentro de poucos minutos embarcava no Sinai, numa das duas viaturas do Angel's Flight, descendo o declive de 33 graus até a rua Hill.

Setenta minutos depois, descia do ônibus na Via Rodeo, em Beverly Hills. Parando em frente a uma vitrine, passou um pente no seu corte de cabelo de homem de negócios, ajeitou a gravata e escovou os ombros do seu terno de vendedor de apólices. Como na vida militar, assinalara Murdo, o roubo de joias exigia um uniforme. Para se sair à procura de uma Lua de Benares era preciso ter a aparência que o papel exigia. Aos olhos do sistema, Fragger tinha a aparência do papel.

Foi subindo Via Rodeo, talvez a última rua nos Estados Unidos onde ainda se pode ver vitrines à noite. A proteção policial é considerada tão boa em Beverly Hills que um morador pode ser preso se sair para a sua viela e abrir a sua lata de lixo após a meia-noite.

Alguma coisa estava acontecendo rua acima, observou Fragger.

Dois carros de polícia estavam em frente à Soffington's, um deles em fila dupla. Fragger manteve o ritmo de sua marcha, procurando conservar a atitude do freguês casual, dando a volta ao quarteirão e considerando aquela viagem como perdida. Afinal de contas, o que estivesse ocorrendo naquele momento do tempo, não lhe dizia respeito.

Vários espectadores tinham se aglomerado na calçada. Um policial no interior do carro ouvia a voz inexpressiva do locutor do rádio da polícia, enquanto um outro se quedava olhando para as unhas. Dois outros interrogavam uma garota de cabelos compridos e *jeans*. Na porta do joalheiro, um homem bem vestido, com bigode fino, gesticulava para um quinto policial. Fragger reconheceu o primeiro como Bellini que, em vários outros contínuos de tempo, fora gerente da Soffington's.

Enquanto Fragger abria caminho entre os circunstantes, Bellini de repente apontou.

- Ali está ele agora! - berrou. - É ele! É o homem!

Era uma loucura. Como isto poderia estar acontecendo? Antes que pudesse reagir, três homens estavam sobre ele. Seus braços foram imobilizados. Mãos revistavam-no à procura de armas. Poderia estar sonhando tudo isto? Lembrou-se de estar deitado no divã de Endore, mas ...

Bellini e o outro policial defrontavam-se com ele agora.

- Tem certeza de que foi este o homem que tirou a pérola? - o policial perguntou ao gerente.

- Certamente - retorquiu Bellini. - Sem a menor dúvida.

- Revistem-no.

- Um minuto - disse Fragger. O que quer que estivesse acontecendo a ele, não era sonho. - Estava apenas passando. De que se trata?

- Identifique-se.

- O nome dele é Larsen - atalhou Bellini. - Já vi a identidade dele.

- Isto é verdade? - indagou o policial.

Fragger ficou-se de olhar espantado sobre Bellini. Como o joalheiro poderia saber o seu nome? Aquele idiota do Murdo e os seus mostradores! Aquele deveria ser um dos mesmos momentos do tempo que já visitara. Mas, não, teria sido ontem ou na semana passada. Por que a reprodução estaria agora aqui? Ou haveria alguma coisa traiçoeira neste salto no tempo que nem ele nem Murdo conhecessem? Talvez superposição ou volta do tempo, ou então outra coisa ... que o pudesse trazer a um círculo, ou ...

Um dos tiras retirou-lhe a carteira e entregou-a ao policial de serviço. Este deu uma olhadela na carteira de motorista.

- Gerald Larsen. É o bastante, Charlie. Algeme-o e informe-o de seus direitos.

Somente quando as algemas se fecharam nos seus pulsos foi que Fragger lembrou-se do botão de transferência. Bom Deus! Por que não o apertara quando tinha a mão livre? Bem, agora era só confiar na sorte. O que poderiam lhe fazer? Jamais vivera naquele contínuo, portanto não poderia ter lençol amarelo algum ali. Estava bem vestido, a joia não se achava em seu poder, e sustentaria a sua história. Ainda que o ficassem e o colocassem no cárcere, teriam de retirar-lhe as algemas. E no instante que o fizessem, adeus! Sendo assim, durante a breve corrida até a delegacia de Beverly Hills, na Via North Crescent, Fragger, de bom grado, invectivou contra o governo, dirigindo-se aos seus dois companheiros uniformizados, porém sem se dispor a lamentar seu destino.

Na delegacia foi fichado por roubo, mas Charlie, o policial que o capturara, o acompanhara no assento de trás e o revistara na Soffington's, não lhe retirou as algemas,

- Ele está usando alguma coisa debaixo da roupa - informou ele ao escrivão. - Algum tipo de equipamento. Aqui, veja isto. - Puxou a camisa de Fragger e mostrou a placa metálica na barriga.

- Bem, ele terá de tirá-la e conferi-la com o seu outro material antes que nós ...

- Eh! não podem fazer isto - protestou Fragger, reagindo de repente. - Este é o meu cinturão medicinal ... para o meu problema.

- Que problema?

- E quetenho um problema cardíaco. E um marcapasso magnético, e .

- Podia ser uma bomba - disse Charlie.

O suor começou a brotar dos poros de Fragger. Que diabo estava acontecendo com as pessoas naquele momento do tempo? Pareciam prestes a fazer um grande movimento em torno daquele equipamento de transferência. Se desprendessem a placa meu Deus ele

poderia ficar encalhado ali em . . . "

- Então tratem de tirá-lo daqui - anunciou o escrivão. - Buhldorf; da equipe de choque do xerife, está com o chefe agora. Vou providenciar pra que tenha um encontro com ele no porão.

Durante a descida de dois lances de escada até a parte inferior do porão, Fragger lutou para manter a calma. Ao atingir o fundo, ouviu o ruído do couro dos calçados descendo pelo lance acima. A equipe de explosivos não perdia tempo.

- O que está acontecendo? - indagou o recém-chegado, ao entrar estrepitosamente.

Quando Charlie mostrou a placa a Buhldorf, Fragger insurgiu-se.

- Querem parar com isso? Estão vendo que não se trata de bomba alguma. Porventura pareço um terrorista ou coisa parecida? É exatamente o que eu disse - um marcapasso magnético. E para o meu ...

- É eletrônico - atalhou Buhldorf, examinando a placa.- Não é relógio. Deve ser alguma coisa nova. Vamos retirá-lo dele.

- Querem me ouvir! Isto passa pelos meus ombros. Tenho de tirar o paletó e a camisa. Se tirarem as algemas, poderei ...

- Deve ter alguma massa por dentro - disse o especialista em bombas, ao tirar um alicate do cinturão. - Acho que é só cortarmos esses fios que ...

Os fios de titânio eram ocos. Continham fluido. Uma: vez cortados, só poderiam ser reconstituídos no laboratório de Endore. Mas não havia um laboratório daqueles nesse mundo! Uma cena do Vietnã relampejou pela mente de Fragger. Fingira-se de morto durante sete horas num fosso, a uns seis metros de um grupo de vietcongues acampados, após um vôo de reconhecimento no qual dezesseis dos seus haviam levado a pior. Quando finalmente chegou a hora de se mexer, seus músculos recusaram-se a funcionar. Mas o que tem de se fazer é preciso ser feito.

Quando Buhldorf ergueu o alicate, Fragger apertou o queixo contra o peito, prendeu a respiração, contorceu a fisionomia e então, arreganhando os dentes, soltou um grito de dor estrangulado e abatendo-se encolhido no chão, conseguiu arquejar:

- Meu peito ... eu lhes disse ... Charlie tentou ampará-lo,

- Ele está tendo um ataque cardíaco! Buhldorf ficou ali, de alicate em punho.

- Fico imaginando se esse troço aí não poderia ser uma dessas novas panquecas de PLO de que ouvi falar.

- Pelo amor de Deus - exclamou Charlie - quer calar a boca e trazer um paramédico aqui? .

O especialista em explosivos meneou a cabeça, enquanto subia a escada.

- Nos velhos tempos, eles simplesmente enfiavam dinamite no cinto.

Fragger estava pondo oxigênio pata dentro com vontade no momento. O aposento se tornava indistinto e suas mãos e pés começavam a formigar, antes de se tornarem dormentes. Até onde iria antes de desmaiar? O tira, preocupado como estava, não parecia disposto a abrir as algemas enquanto permanecesse com o prisioneiro. Mas afrouxou a gravata e o cinto de Fragger e virou-o de lado. Fragger continuava a botar para dentro dos pulmões grandes inalações de ar. Tinha os pés dormentes e começava a perder a noção do tempo.

Perdera os sentidos? Não tinha certeza. No entanto, alguém mais se encontrava com eles no momento.

- Vou lhe dar uma injeção de morfina e um pouco de CO₂. Tirem as algemas.

Charlie finalmente estava libertando-lhe os braços, e o viravam de barriga para cima.

Mas agora que seu estratagema dera resultado, as mãos de Fragger estavam dormentes e tinha o cérebro nebuloso. Mal sentiu a agulha no antebraço, mas o calor calmante da morfina deslizou-lhe pelas veias e sua respiração moderou. De que tamanho seria a injeção que lhe tinham dado? Iria derrubá-lo antes que voltasse a sensação às suas mãos? Tentou mover os dedos. Chegava-lhe às narinas alguma coisa. Devia ser o dióxido de carbono. Seus dedos moveram-se Mas a morfina o estava abatendo. Seria agora ou nunca.

Ergueu o braço esquerdo, fazendo-o cair sobre o peito, num movimento para despistar. Então, o mais rápido e habilmente possível, a mão direita disparou até a placa, soltou a trava e apertou o desengate.

Brraque ! Um estalo, o cheiro de ozônio e três policiais estupefatos ficaram para trás num porão de Beverly Hills, onde de súbito uma lenda nascera - uma lenda a ser comentada e a constituir assunto de coisa escrita durante gerações.

De volta à rua Olive, Murdo ajudou o desfalecido Fragger até o divã, onde ele dormiu até esgotar o efeito da morfina. Na manhã seguinte, ele contou a Murdo a história toda e os dois consultaram a caderneta das viagens. O registro era claro. Jamais estivera mais de uma vez num contínuo de tempo. Tinha de haver alguma outra explicação.

- Diga-me uma coisa sobre esta joalheria - disse ele a Murdo.

- Como foi que deu com ela da primeira vez?

- Bem, dei alguns saltos, sabe, antes de você chegar.

- Não me diga que Endore também estava atrás das pérolas.

- Não, não. Isso não. Ele queria jornais, revistas, periódicos científicos e aqueles almanaques grossos que saem todos os anos de informações e besteiras.

- E quanto à Soffington's, então?

- Bem, eu estava tendo aquela briga com Irene a respeito de Trusio e suas malditas pérolas, e enquanto me encontrava pela cidade, numa dessas viagens, estava almoçando e lendo os jornais quando dei com esta noticiuzinha a respeito da Lua de Benares ter chegado a Beverly Hills. Soffington's a arrematara num leilão do Sotheby, em Londres. Mostrava uma fotografia da pérola e fiquei todo ouriçado. Bastava eu dar a Irene uma dessas, que logo a ouviria indagar "Trusio existe?". Por isso tinha de vê-la. Tomei um ônibus para Beverly Hills e disse ao sujeito que eu estava ali para examinar a pérola para o meu patrão, um *sheik* do petróleo de Kuwait, em visita a Los Angeles. Ele chamou o gerente e levaram-me para o seu gabinete. Abriram a caixa forte e trouxeram a Lua dentro de um estojo luxuoso. A esta altura eu estava sabendo o que iria fazer. No instante em que pusesse as mãos no estojo, acionaria o botão e me mandaria embora.

- Foi aí então que teve a briga com Endore?

- Bem, eu tinha o estojo na mão quando saltei da placa, sem trazer nada para ele, além do mais atrasado, portanto tive de inventar uma história - que ele não engoliu - e aí uma coisa puxou outra e quando se viu, ele percebera a história toda. Fez um barulho dos diabos e foi chamar a polícia. Já imaginou ir em cana por tirar alguma coisa de uma loja que nem sequer existia? Vá em frente, pode procurar. Não existe Soffington's alguma em Beverly Hills.

- Está bem, está bem, prossiga.

- Bem, não bati forte nele. Só o coloquei sem sentidos, eis tudo. Ele estava sintonizando quando o acertei na cabeça com aquele cinzeiro de vidro. Não pare para

pensar. Simplesmente o arrastei até a placa e tratei de ligar o comutador. O engraçado é que não mudei de cenário, portanto agora ele está lá, no mesmo momento do tempo onde apanhei a Lua!

- E, engraçado, engraçado - disse Fragger. - Mas você teve tempo de roubar-lhe a carteira.

- Que diabo isso importa; ele me devia dinheiro. De qualquer forma, a essa altura eu decidira que uma pérola não era suficiente para Irene. Precisei de auxílio, por isso chamei um sujeito chamado Keegan, conhecido meu, e ele falou-me sobre você.

~ Keegan? King Kong Keegan?

- Ele mesmo. E proteste inocência se quiser, mas Keegan viu aquela cena lá no Vietnã.

- É, bem, isso apenas prova que ele está precisando levar uns pontos nos lábios.- De repente os dedos de Fragger enterraram-se no ombro de Murdo e sua voz endureceu .. - Mas ouça bem uma coisa, camarada. Matar para mim é como extrair um dente. Não faço isso por prazer. Mas se tiver de ser feito, não costumo recuar.

- Está bem, está bem. Não precisa se esquentar por causa disso. - Quando Fragger o largou, Murdo esfregou o ombro e acrescentou, impaciente: - Como é, vamos prosseguir com o trabalho?

A história de Murdo esclarecia algumas indagações, mas a perspectiva de defrontar-se com Bellini de novo, mesmo em outro momento de tempo, dava arrepios em Fragger.

- Você já tem pérolas suficientes - disse ele a Murdo. -

Contente-se com vinte e poderemos tratar de outra coisa.

- Não posso fazer isso.

- Por que não?

- Um colar de pérolas tem de ter seu devido comprimento.

Quarenta e três centímetros. No momento consegui cerca de trinta e oito centímetros. Na verdade, porém, para Irene decidi-me por cinquenta e três centímetros.

- Escute, Murdo, está acontecendo alguma coisa de que não gosto nessa terra-de-ninguém. Vamos derrubá-la.

- Está bem. Mais três e teremos quarenta e três centímetros.

Para mim estará bem assim. Hoje e amanhã bastarão.

- Certo - concordou Fragger. - Mas nada de saltos esta manhã. Ainda não estou recuperado.

A caminho da parada de ônibus naquela tarde, ele pensou de novo em Bellini. Bellini existia em três ou quatro linhas de tempo, talvez mais. Isso significaria que todos estariam espalhados assim desta forma? Emocionado, verificou que aquilo também se aplicava a ele. A idéia era estimulante. Ao diabo com o de 2:14. Tomaria um ônibus mais tardio. Havia muito em que pensar. Entrou numa lanchonete da rua' Hill e pediu café.

A primeira reação de Fragger foi de surpresa - e depois curiosidade. Se o seu duplo existisse ali, como seria? Porventura se pareceriam exatamente, falariam igual, pensariam da mesma forma? Suponhamos que se encontrassem frente a frente? Se ao menos Endore ainda estivesse por ali. Seria quem saberia das respostas. O que Murdo dissera? Havia pontos contíguos no tempo. Significaria isso que antes de, digamos, determinado ponto contíguo, ele e o seu duplo seriam o mesmo homem - ou menino? Era de confundir a mente.

Muito bem, suponhamos que ali naquele momento ele preferisse encontrar aquele duplo. Como faria? Catálogo de telefone? Diabos, Fragger jamais fizera parte de um guia telefônico em sua vida. Tampouco o seu duplo, certamente. Ora essa, pensou, não havia lei que dissesse que ele não poderia. Outra idéia estimulante. O seu duplo poderia ter entrado numa boa! Havia muitas maneiras. Fragger mesmo quase conseguira, diversas vezes.

Engoliu o resto do café e rumou para uma cabine' telefônica.

Havia lima coluna inteira de Larsens no catálogo, mas nenhum Gerald. Todavia, tratava-se apenas de um Guia Central e, como todos sabem, Los Angeles está no mesmo nível de Nova York - são necessários cinco catálogos grossos para incluir o território. Sabia de um lugar na rua Quatro que tinha todos os livros - se é que ainda existia. Ainda estava lá, mas os dois Gerald Larsens que encontrou tinham inicial errada. No último volume, entretanto, o do Nordeste, encontrou mais. Descendo o dedo ao longo dos Larsens, saltou-lhe um nome. Freda K., com um endereço em El Monte. Sua mãe!

Claro. Por que não pensara nela? Estremeceu. Por que não pensara nela em qualquer outra época, como no Dia das Mães ou no Natal, por exemplo? Bem, de nada adiantava. Se o seu duplo não fosse melhor do que ele, sua mãe teria agora dois filhos na mesma linha, cujos paradeiros desconhecia. Telefonou-lhe, disfarçando a voz. Claro que ela sabia onde estava Gerald. Trabalhava num posto de gasolina de Santa Mônica. Fragger agradeceu-lhe, dizendo que era um antigo colega do exército, tentando localizá-lo.

Posto de gasolina! Grande coisa.

A viagem de Fragger a Beverly Hills também foi um fracasso completo, embora nada de ameaçador ocorresse. Simplesmente os, joalheiros nunca tinham ouvido falar da Lua de Benares.

No dia seguinte, Fragger telefonou para sua mãe duas vezes, em duas linhas de tempo diferentes, e localizou uma pérola. O paradeiro de seu duplo, num dos casos, era desconhecido. No outro, ele trabalhava no hipódromo de Del Mar. Del Mar? Melhor do que um posto de gasolina de Santa Mônica. A menos que o seu serviço fosse limpar as estrebarias.

Em cada salto depois disso, Fragger deu um telefonema semelhante, mas a informação continuou a ser desanimadora. E devido ao transítron estar funcionando a alguma distância daquele malfadado contínuo da delegacia de polícia, o encontro de Luas tornou-se menos frequente

Passaram-se três dias e Murdo ainda precisava de uma pérola para completar o colar de Irene. No pulo seguinte, Fragger telefonou para a mãe, de uma cabine na rua Quatro, como fizera anteriormente, e uma voz de criança atendeu. Uma menina. Por um instante, julgou haver ligado errado. Mandou chamar a Sra. Larsen.

- A vó não está agora - respondeu a menina. - O senhor é o homem que quer falar sobre o telhado?

Fragger não mantivera contato, no entanto aquela devia ser sua irmãzinha menor, Mary Sue, que teria atualmente uns dez anos. - Não, sou um amigo do seu tio Jerry - explicou ele. - Sabe onde posso encontrá-lo?

- Ele não mora aqui, mora na praia de Laguna. Também é amigo de Powder?

- Powder?

- E, Powder. Não vê televisão? Powder e Gory. Andam juntos. Saiu no jornal.

- Ah! - proferiu ele, mostrando-se impressionado. Por que não? *Estava* impressionado.

- Sabe onde ele mora em Laguna?

- Acho que a vó tem no caderno de endereços. Vou olhar. - Dentro de poucos minutos, a menina lhe dava um número da Estrada Spyglass. Agradeceu-lhe e desligou. Que sorte!

No ponto de ônibus, ele parou ao lado de um adolescente que vestia uma camiseta de malha com a inscrição: NÃO ME PRENDA, SEU GUARDA, QUE A DOSE É BAIXA. Fragger perguntou-lhe sobre Powder e Gory. Era uma comédia seriada sobre as peripécias de um conjunto de *rock*. Um conjunto de *rock*! Imaginava Powder com cabeleira bravia e voz de sirene de carro de bombeiros. Ah, muito bem. O nome dela verdadeiro, soube ele, era Bonnie Bristol.

Como medida de segurança e para não complicar aquela linha de tempo, evitou Beverly Hills e na volta certificou-se de incluir na caderneta a devida retificação. Na manhã seguinte, sua viagem à Soffington's foi bem sucedida e finalmente Murdo pôde reunir as contas do colar de Irene. O artesão que pegasse tal serviço, Fragger não pôde deixar de pensar, arriscava um enfarte.

- Quero folga de dois dias - declarou Fragger - e vou tirá-la nessa que estive ontem. - Como assim?

- Gostaria de procurar um troço, eis tudo. Pode dar numa boa.

- Está bem - disse Murdo. - Por que não?

Fragger efetuou o salto na manhã seguinte, porém, daquela vez deixou de lado a gravata e o terno. De *jeans* e camiseta, pegou um ônibus estadual para a estação balneária, oitenta quilômetros ao sul. Laguna era uma colônia de artistas, logo ele soube, e o edifício onde o seu *a/ter ego* morava tinha o nome de Utrillo. A Estrada Spyglass acompanhava o litoral durante uma curta distância entre a Praia de Laguna e Laguna do Sul, ao longo de um escarpado baixo que dominava uma extensão de praia particular. O Utrillo compreendia cinco apartamentos de três andares, construídos diante do escarpado, com o andar de cima à altura da rua. O número de Gerald Larsen era o mais ao norte dos cinco. Entretanto, como nas outras áreas seletas, em parte com prédios, cercas e portões fechados impedindo o caminho dos intrusos, não havia maneira de chegar até a praia de lá. A rua fazia uma curva ali, uma aparente reentrância ligeira na linha litorânea abaixo, pequena demais para ser considerada baía. Mais longe, entre duas casas, Fragger divisava o que se assemelhava a um baixo afloramento de rochas a uns sessenta metros mar adentro. Era um aspecto a merecer investigação; já que se esperava descobrir alguma coisa, teria que se aproximar pelo lado do mar.

Caminhou de volta a Laguna, comprou um calção de banho, mudou-o num balneário público, guardou as roupas num armário e veio descendo para o sul, pela praia. Os componentes de ombro do seu conjunto de campo estavam enfiados no calção, em volta da cintura. O mar estava calmo, Fragger entrou por ele adentro e em breve nadava paralelo às ondas fracas. Dez minutos depois, subiu pelo lado dos recifes, que dava para o mar, e parou para descansar.

Depois, continuou a subir, até poder divisar por sobre os rochedos a praia particular do *playboy*. Uma garota bronzeada, de pernas compridas, com fantásticos cabelos louros, estava estendida sobre uma enorme toalha. Ao seu lado, numa cadeira de praia, encontrava-se um homem. Atrás deles, sobre uma mesa protegida por um guarda-sol alegremente colorido, achavam-se copos e um recipiente que, segundo pareceu a Fragger, continha bebidas geladas. O rosto do homem estava meio virado, mas mesmo àquela distância, Fragger tinha bem a certeza de duas coisas: a garota era esplêndida e o homem

era um duplo exato dele mesmo.

Havia coisas a serem feitas agora. Antes de mais nada, precisava de mais bronzado para se comparar à pele de seu sócia. As três semanas que passara com o falso Endore tiveram como resultado a perda gradual da cor que adquirira lidando com aquela turma em Santa Mônica. Bastariam três dias. Dirigiu-se para um motel ao norte da cidade e iniciou um programa rápido de bronzeamento ao sol da Califórnia. Comeu cestos de alimento e evitou lugares elegantes onde o outro Larsen pudesse ser reconhecido.

Observando à distância, Fragger concluiu que o seu sócia passava três horas na areia diariamente, saindo por volta de quatro horas da tarde. No decurso desse período, ele geralmente dava duas ou três nadadas até os recifes e de lá mergulhava a fim de voltar para a praia. Isto formava um exemplar de ação e, uma vez se tendo um inimigo, tal exemplar pode significar ruína.

Mas Fragger não estava de todo pronto. Precisava não se esquecer de Murdo. Poderia voltar à rua Olive e, à força, enviar o punquista das pérolas para outra linha do tempo. Isso evitaria que Murdo jamais lhe seguisse o rastro ou o acompanhasse até ali. Mas por que se preocupar? Se esse plano da Laguna tivesse êxito, o corpo do outro Larsen voltaria para a sua casa, e Murdo, pensando que fosse o primeiro, simplesmente reajustaria a máquina e se desfaria do corpo como fizera com Endore e em seguida procuraria um novo auxiliar.

Mas havia uma falha. E se Murdo não reajustasse a máquina? Se ele apenas examinasse o corpo, retirasse o conjunto de campo e brraque! o arrojasse de volta ali, de onde viera? Isso, evidentemente, seria num porão abandonado de Los Angeles, mas finalmente o corpo seria encontrado e identificado como o de Gerald Larsen, outrora do exército americano. Quanto tempo levaria para uma investigação chegar até Laguna? Diabos. Não adiantava. Teria de voltar.

Foi cedo para a cama e tirou uma soneca até as duas e meia da manhã. Vestiu-se então, engoliu um pouco de café puro numa lanchonete aberta a noite inteira, e estava de volta em Bunker Hill às três da manhã. Acendeu a luz e dirigiu-se furtivamente até o quarto de Murdo. Inclinando-se sobre o levantino adormecido, todo encolhido, desferiu-lhe uma cutilada de caratê na base do ouvido, agarrou-o pelos pulsos e arrastou-o até a placa no laboratório. Então, movendo com precisão os mostradores, ligou o comutador. E assim deu conta de Murdo.

Após reajustar cuidadosamente o mostrador, começou a estudar o seu problema. O comutador que ativava o salto estava no painel de controle, a uns bons quatro metros da placa de lançamento. Era do tipo comum vertical, em U, com uma manivela embaixo. Para fechar o circuito, a manivela tinha de ser empurrada para baixo e para dentro até que os braços do U engrenassem nos terminais. Estava, no entanto, de funcionamento novo e ainda rígido, e Fragger verificou que precisaria de alguma força para realizar a manobra.

Numa gaveta da cozinha, encontrou um rolo de barbante e numa caixa de ferramentas, uns pregos e um martelo. Empurrou um caixote até o painel de controle. Então, trepado nele, enterrou dois pregos em vigas contíguas no teto, diretamente acima do comutador, e amarrou a ponta do barbante num deles. Desenrolando o cordel até descer um laço à altura do comutador, levou o rolo ao outro prego, até medir o comprimento que desejava, cortou o barbante e amarrou a outra extremidade ao segundo prego. Dirigindo-se então à estante de Endore, escolheu um dos volumes mais pesados que encontrou, abriu-o

aproximadamente pela metade e pendurou-o, de lombada para cima, na linha formada pelo laço suspenso. Então, puxando o livro para fora e para cima até setenta centímetros do comutador aberto, soltou-o. Ele foi de encontro à manivela com impacto suficiente para levá-la à posição de fechamento. Até então, tudo bem.

Em seguida, Fragger foi até o armário de roupas de Murdo e pegou um cabide de arame. Como pura adaptabilidade, aquele utensílio deveria figurar entre as dez maiores invenções da mente humana. Quantos automóveis trancados não abria com um cabide torcido? Podia ser dobrado de mil formas para milhares de usos. A ferramenta "ideal para um ladrão.

Contudo, Fragger usou o cabide como estava. Parou de lado, junto ao painel de controle, e de novo puxou o livro até a sua posição elevada. Segurando-o com a mão esquerda, deixou que cerca de meio centímetro do livro se apoiasse na base do cabide com o gancho para cima. Então, com o cabide em ângulo reto com o livro, visou ao longo de sua borda um outro ponto no teto, bem distante. Movendo o caixote para debaixo do novo local, subiu nele, enfiou outro prego e amarrou o barbante como antes. Deixando o rolo se desfazer enquanto descia, de novo pôs o livro e o cabide em posição e cortou o cordão no comprimento devido, prendendo-o no gancho do cabide. Finalmente, amarrou o que restava do cordão na metade da base do cabide, onde o livro iria se apoiar, e deixou o restante do rolo cair para o chão. Em seguida, colocou as coisas de novo em-seus lugares, e o dispositivo pendeu no ar, como uma ratoeira armada. Pegou o pedaço pendente do cordão e jogou-o para longe do painel de controle. O cabide foi arrancado de debaixo do livro e este despencou de encontro ao comutador. Funcionara.

Só faltava uma coisa. De novo moveu o caixote, desta vez até cerca de um metro e meio do painel, e ali enfiou outro prego, de lado, mesmo na parte de cima do caixote. Pegando o barbante pendurado, passou-o no prego, puxando-o até a placa de lançamento. O rolo desfizera-se todo, mas sobraram-lhe quase sessenta centímetros.

Armando de novo o dispositivo e colocando-se desta vez junto à placa, deu um puxão no barbante. Fragger nunca ouvira falar de Rube Goldberg, o antigo ladrão, que, no entanto, se visse o que acontecia, haveria de adorar.

Eram quatro da manhã. Não haveria ônibus dentro de três horas ou mais. Fragger resolveu dar mais uma dormida ali mesmo. Quatro horas depois, repousado, subiu na placa e deu seu último salto.

Precisava de mais outra coisa - uma arma. E, apenas no caso de as coisas se complicarem, de algum modo seria mais seguro que a arma não fosse comprada em Laguna. Parou numa casa de penhores da rua Cinco e arranjou uma faca de mola, de lâmina fina. Estava pronto. O ônibus deixou-o na praia de Laguna às 11 :45. Registrou a saída do seu motel, devorou dois substanciais sanduíches e um leite maltado no McDonald's e voltou para a praia. Com a faca presa à cintura, abaixo do elemento de transferência, rumou como antes até o recife, na baía. Era cerca de 1: 15 agora, e ninguém se encontrava à vista ainda, na faixa de areia de Larsen. Passaram-se quinze minutos e Fragger começava a amaldiçoar sua sorte. Aquele seria o dia em que o filho da mãe resolveria não aparecer.

Mas estava enganado. Um casal saiu-da casa e a moça deixou-se cair pesadamente numa toalha de praia. Algumas palavras foram trocadas, o *playboy* marchou para dentro d'água e começou a nadar com braçadas desenvoltas. A cabeça de Fragger girou para os dois lados, inspecionando a baía. Nenhum observador parecia próximo ou interessado o

suficiente a ponto de constituir uma ameaça, por isso ele desceu a mão e agarrou a faca. Quando o nadador chegou ao rochedo e saiu da água, Fragger submergiu e movimentou-se, atento. Quando o homem mergulhou, Fragger ao mesmo tempo largou da praia e veio por baixo dela, a lâmina um mortífero traço tremeluzente.

O homem resistiu momentaneamente, enquanto sangue e bolhas brotaram de um feio corte em seu peito. Uma onda arrebatada passou por cima deles e por perto não havia nadador algum. Fragger verificou que o ataque não fora observado. Tomando uma respiração profunda, rebocou o corpo em torno dos rochedos. Então, uma descoberta horrível atingiu-o como um soco. O morto usava um bigodinho fino!

O castelo de Fragger começou a desmoronar à sua volta. Era uma dessas imprevisíveis ninharias que mudam o curso da história. Um homem simplesmente não deixa a praia para nadar e volta, gotejante, sem o bigode. O cérebro entorpecido, Fragger ergueu a cabeça e olhou atentamente através do Pacífico. Na distância, uma vapor errante era uma mancha no horizonte. Diversos barcos pesqueiros moviam-se vagarosamente ao sabor da brisa e uma lancha-cruzeiro sulcava seu rumo setentrional em direção a Balboa. Mais próximas, na praia pública, divisou cabeças de nadadores balouçando-se nas ondas. Sentia a faca fria em sua mão.

Teve um movimento repentino então. Retirando o calção do outro e depois o seu, juntamente com o conjunto de transferência, efetuou a mudança de equipamentos. Verificou os fios e placas, deu mais uma olhadela em torno e apertou o desengate. A água do mar fez um ruído de bofetada ao se precipitar a fim de preencher o vácuo deixado pelo corpo que desaparecera. Dentro de poucos segundos, o último vestígio de sangue dissipara-se. Fragger submergiu e ergueu a faca até a boca. Mobilizando-se, riscou um talho por cima do lábio superior. Em seguida, erguendo desafiadoramente o braço, jogou a faca no mar e começou a nadar em direção à praia.

Ao sair d'água, a mão encobrindo o corte, o sangue passou a abrir-se em leque pelo seu queixo molhado.

Apoiada num cotovelo, a garota observava sua aproximação, mas não parecia aperceber-se do que acontecia. Para o diabo, pensou Fragger, com certeza seria uma dessas gurias ceguetas, que se recusavam a usar óculos. Pelo menos esta seria uma vantagem.

Finalmente se ligou e pulou em pé.

- Jerry! O que lhe aconteceu? O que foi isso ... ?

- Não foi nada - resmungou, enquanto marchava para o balneário. - Foi no mergulho. Dei um talho numa rocha.

Ela aproximava-se dele. - Deixa ver.

- Agora não. Voltarei num minuto.

Por enquanto, precisava enfiar-se num roupão, a fim de esconder qualquer diferença epidérmica ou corporal que a garota pudesse notar, e chegar até um banheiro onde pudesse pôr uma atadura no talho e fingir que raspava o bigode. Enquanto a loura acompanhava-o com o olhar, Fragger abriu de braço rijo a porta do balneário e procurou um roupão. Envolto nele, entrou na casa propriamente dita.

Dentro, à esquerda, havia uma porta que dava para um salão de jogos e um bar. Para a direita da escada, havia duas portas, uma das quais entreaberta, revelando um banheiro. No armário de remédios, encontrou um esparadrapo e pregou-o no lábio. Em seguida,

subiu a escada de dois em dois degraus. No segundo andar, havia três quartos de dormir, cada um deles com banheiro, segundo parecia. Fragger penetrou no quarto principal e deslizou as portas de um armário embutido.

Durante toda sua vida, as roupas não tinham sido importantes para ele. Por que, perguntou, enquanto contemplava aquela repentina ostentação de vestimentas, teriam sido tão significativas para aquele seu duplo de Laguna? Talvez o gosto viesse fácil - uma vez tendo dinheiro para custeá-lo.

Escolheu uma camisa esporte marrom-escuro, calças largas axadrezadas, marrom e bege, um casaco bege e um par de mocassins. Nenhum homem branco da Califórnia do Sul com menos de sessenta usa chapéu. De um armário, retirou roupa de baixo limpa e meias cor de ferrugem. Um chuveiro rápido e envergou as roupas. Dentro de poucos minutos, examinava o resultado com um ar crítico diante de um espelho lateral de corpo inteiro. Lado direito. Lado esquerdo. Retaguarda.

- Céus - proferiu. - Consegui.

Começou a sorrir, depois descobriu que doía.

Olhou para as mãos. Ali estavam suas impressões digitais para desmentir qualquer acusação de personificação. De fato, há algum tempo, realmente *fora* este Gerald Larsen. Se a lembrança mais recente estava prejudicada, a culpa era do acidente de mergulho. O corpo de que se desfizera se fora irrevogavelmente, há milhões de linhas de tempo. O espólio era seu, com tudo o mais incluído. Inclusive ... como era o nome dela? Bonnie ... Bonnie Bristol. Como poderia uma iguaria daquelas ser personagem de um conjunto de *rock*? Puxa, se King Kong Keegan e os outros caras da turma antiga pudessem vê-lo agora ...

Tirou o casaco, pendurou-o numa cadeira e refez seu caminho até a praia, onde Bonnie esperava.

- Oh, você se vestiu - disse ela. - Como está seu rosto? Ficou de assustar com essa atadura.

- Está bem. Mas por hoje basta. Vamos ao bar ..

Lá dentro de Fragger havia certa impaciência de mergulhar naquela nova vida, saborear suas gulodices, Porém tolo ele não era. Devagar e sempre, disse para si mesmo. Havia tempo, muito. Além do mais, verificou que o seu lábio inchado latejava. Talvez precisasse pontos. Deixou Bonnie falar.

Encomendaram pelo telefone uma *pizza* para o jantar, Bonnie preparou uma salada de verduras e Fragger localizou no bar um engradado de seis *Coors* geladinhas. Esta é a marca de cerveja que os do leste contrabandeiam para casa após visitarem o oeste. O casal comeu no terraço que dominava a praia. A esta altura, Fragger já se embalara até achar que encontrara o ritmo da impostura e sua conversa casual passou a ser mais descontraída. Em alguns pontos, porém, ainda não soava bem. Bonnie empertigou a cabeça e fitou-o com um ar de perplexidade.

- Está preocupado com alguma coisa?

- Como assim?

- Disse coisas engraçadas. Sabe, como ir a Los Angeles na semana que vem. Tem que estar no tribunal em San Diego na próxima semana.

- Eu disse isto? Então não quis dizer semana que vem e sim o fim de semana. - Fragger levou os dedos à cabeça. - Estou meio tonto. Devo ter ficado abalado.

- Quer que lhe leve a um médico?

- Depois. Vamos entrar.

A porta do quarto de dormir, Bonnie apertou-lhe a mão.

- Está precisando é de descanso. Volto para pô-lo na cama. Virou-se e deslizou pelo corredor abaixo.

Fragger observou-a afastar-se, a pulsação acelerada. Como seria a vida sexual deles, cismou. Ao localizar o pijama e enfiar-se nele, decidiu apenas que ficaria passivo, deixando a ela a iniciativa e tocando de ouvido. Estava escovando os dentes quando ela entrou, os cabelos cor de trigo soltos em queda pelos ombros de sua bata preto-turquesa. Fragger bochechou e recolocou no lugar a escova. Saindo quase na ponta dos pés, pousou as mãos aos quadris dela. Ao tocá-la, teve a sensação estranha de que todo o seu passado de repente fora arrebatado, a cortina estava se erguendo para um segundo ato, e todas as viçosas promessas de uma vida nova estavam bem no limiar.

- Sabe - ele disse. - Estou me sentindo exatamente como renascido. - Era um verso que lera em alguma parte.

- Vida curta - proferiu calmamente uma terceira voz.

A cabeça de Fragger levantou de arranco. Um homem penetrara silenciosamente no aposento e estava parado, a três metros de distância, com um 38 apontado.

- Você! - arquejou Fragger. Fitava o rosto do homem que acabara de matar.

- Quem mais?

Bonnie soltou-se e olhava, atônita, de um para o outro.

- Jerry - disse ela. - O que significa isto? Quem ... ?

- Sou Jerry - retorquiu o homem com arma.

-Mas ...

- Quer vir para o corredor, por favor? - propôs o intruso. - Temos alguma coisa a tratar aqui.

- Espere um instante - atalhou Fragger - você não pode ...

- Cale-se - tornou o outro. - Fique de fora, querida - ordenou à garota. Ela desviou-se obliquamente em direção à porta e quando esta se fechou após sua passagem, o homem encarou Fragger com álgico humor. - Eis o que considero uma verdadeira beleza. Agora, você se saiu lindamente hoje. Lindamente. -

- Mas ... então você não é ...

- Claro que não. Fiquei apenas acompanhando de binóculo.

Sabe, você pensou que poderia chegar aqui e tomar conta da situação. Mas esqueceu-se de uma coisa.

- Baixe a arma - disse Fragger. - Vamos conversar. Vou preparar algumas bebidas.

- Não se mexa! Prepararei depois minhas bebidas. Notei que você não falou com o outro sujeito. Fez o que tinha de fazer. Somos todos iguais.

- De que esqueci?

- Esqueceu-se disto. Fale-me sobre seus saltos. São todos longos, não são?

- Na faixa de 22/18.000.000 - respondeu Fragger.

- Um fracasso na 23. Por quê?

- Nada de pulinhos no zero, digamos, na faixa de dez mil?

- Não, por quê?

- Não sabe por quê?

- Que diabo é isto, um inquérito de tráfico?

- Vou lhe dizer por quê. Porque em cada uma dessas linhas de tempo de número baixo,

havia um Endore e seu transítron despejando Murdos e Larsens aos milhões, e depois que teve início esse negócio das pérolas, a faixa de 22/18.000.000 foi terrível para com eles. Daí é que veio tudo, homem. Você não topou com *alguém*?

- Com os diabos, como não? Foi como me encalacrei na Soffington's. Um deles deve ter arrancado a Lua antes de mim!

- Acontece todos os dias - em algum lugar.

- Está bem - retorquiu Fragger - entregue-me seu equipamento, que voltarei à sua linha de tempo para caçar alguma outra coisa.

- Não posso fazer isto. Já imaginou as probabilidades contra a que algum de nós proceda como esse sujeito? Um bilhão para uma? Talvez ele seja o *único* que o fez. E quantos de nós estão à sua procura? Milhares? Milhões? Apenas por um acaso cego foi que eu e você topamos um com o outro aqui. Mas se eu deixá-lo voltar, vai se cansar de procurar e depois o que irá impedi-lo de mudar de idéia e vir por esta porta como eu fiz? Já disse - somos todos iguais. Passamos pelo Vietnã de arma ardendo. Para alguns era espontâneo. Passamos até por recalcitrantes. Sabe por quê?

- Eu lhe darei minha palavra.

- Não, assim terá de ser. Nada de pessoal, entenda.

Seus dedos inteiriçaram-se no gatilho. Fragger, num desespero repentino, lançou o braço à frente, como que para aparar a bala. - Não! - berrou. - Espere ...

O disparo rasgou-lhe o peito. Saiu-lhe um estertor da boca, vergou os joelhos e, de olhos esbugalhados, foi desmoronando. A última imagem a fixar-se nas suas retinas foi a do seu duplo ali parado com a arma silenciosa. E... ou porventura seria algum embuste de sua visão desvanecente?

Por trás de seu matador, na porta agora aberta, detinha-se um terceiro homem, ameaçadoramente idêntico a eles dois ...

QUANDO DESCEMOS

Stephen Leigh

o Sr. Leigh informa que ele e sua mulher, Denise, aumentaram de um gato a sua família. Agora eles têm dois. O autor tem uma novela quase terminada e está a meio caminho de outra. Qual será completada? Primeiro, ele não sabe dizer. O título "Quando Descemos" é de sua mulher, resultado da proposta dela de tentar ser melhor do que ele.

Por alguma estranha razão, parece ser sempre noite quando descemos.

Criaturas das trevas, nós: rindo e gritando para anunciar nossa presença indesejável para a neblina noturna e as fachadas vazias à nossa volta. Não somos das mais graciosas criaturas terrestres. Com o nosso jeito afetado e contido, nos empertigávamos (chamavam nosso modo de andar de "impertinente") rua afora, aos poucos ganhando a sensação de estar fora da nave. A parte traseira de meu pescoço coçava onde se enxertavam as tomadas de entrada e o nevoeiro nos envolvia com o seu abraço úmido. Não era uma excelente acolhida, porém, amistosa como sempre.

Para mim, cada local novo se torna um cenário teatral, um pano de fundo bidimensional, povoado de personagens dramáticos, com falas, fisionomias e maneirismos estereotipados. Um porto é apenas umas poucas ruas de armazéns enfileirados e uns bares que atendiam a BPs - bio-pilotos, ao pessoal técnico de terra e aos trabalhadores portuários. Eles variam apenas de maneira superficial e são segregados pelas cidades como uma pessoa que leva, de braço esticado, algo repugnante. Por mais que se troque de mundos, desapercebe-se a diferença. Ali, a neblina nos amortilhava e aconchegava. Movíamos-nos num mundo comprimido, com as volumosas massas sombreadas de edifícios mais percebidas do que vistas por nós, e ao passarmos debaixo das lâmpadas suspensas esparsas, a luz aformoseava tanto a névoa a ponto de caminharmos (na nossa maneira claudicante, penosa) imersos num banho de argêntea fosforescência.

Não reparei sequer no nome do bar. Entramos, os anéis de neblina volteando como mantilhas cinzentas à nossa frente. Raj e Moret foram atrás de bebidas, enquanto eu e Cara descobríamos uma mesa, no canto destinado aos BPs. Era uma típica taverna portuária. Alguns estivadores e membros de tripulações acotovavam-se em torno do bar principal, com gestos exagerados e pomposos, conversando ruidosamente de modo a encobrir um aparelho de holo tanque atrás do bar. O holo tanque estava desregulado. Um grupo de músicos rodopiava em uníssono com as suas imagens espectrais, ao som de uma canção distorcida e abafada, enquanto faixas de interferência os atravessavam e envolviam, em centelhas, como uma tempestade incandescente.

As paredes do estabelecimento pareciam transpirar fumaça e as saliências das mesas muito retalhadas estavam empastadas da imundície de décadas. As inscrições dos

antecessores clamavam numa confusão obscena, as mais novas cobrindo ou enfeitando as mais antigas. A cadeira em que eu sentava vacilava. A mesa inclinava-se num ângulo perigoso, já bêbada.

Não era um local acolhedor, mas fazia o possível.

Raj e Moret voltaram com uma bandeja cheia de bebidas e alguns tira-gostos. Como de costume, o recanto dos BPs localizava-se de modo a que pudéssemos nos instalar e (na nossa repulsiva inépcia) ficar distanciados da atividade e dos rebuliços gerais da taverna. Segregação voluntária, aquela, com aquiescência dos dois lados. Eles nos chamam de aleijados, corcundas e tolos e nos consideram, quando muito, uma ofensa às suas sensibilidades delicadas todavia, seus movimentos ah ... tão naturais, haveriam de destruir um comboio ou arruinar uma nave. Claro, é importante lembrar que este é o porto. A hostilidade não é (geralmente) tão notória nas cidades. Eles são tão detestavelmente corteses! Pelo menos aqui sabemos onde estamos e nada, nem mesmo o ressentimento, é oculto.

Moret conversava. Eu observava o holo tanque, de vez que minha cabeça virara para aquele lado. Ele ficara em branco, escurecido, afora os jatos de estática. Alguns estivadores discutiam a seleção a ser tocada em seguida e finalmente, com gesticulação excessiva, enfiaram uma ficha na ranhura. Uma multidão de dançarinos cabriolava ao sabor da interferência do ronco de um contrabaixo. Afastei-me.

- ... disse que o **BP** estava em muito má forma. Fora alguma falha do computador e a estase cessou a meio caminho da descida. Na verdade, é de espantar que tenha conseguido descer intacta. Mas, claro, experimente só dizer isto à tripulação.

O tira-gosto circulava vagarosamente. Raj ofereceu-o a mim. - Jaírg?

Recusei com um encolher de ombros e ele entregou-o a Cara. - Ela poderia processar, mas não adiantaria muito, certo? Bem pagos, porém não bem tratados, é como somos. Que tribunal decidirá em favor de algum maldito BP? - O rosto de Cara é marrom-dourado e, olhando de perto, divisa-se uma penugem loura como veludo pelo corpo todo. Seus olhos escuros fitaram-me.

Minha vez:

- É Ela não terá grande possibilidade. Lembro-me de um bio-piloto que processou *mesmo*, mas o tribunal terminou dizendo que o erro era dele. Não é de esperar, porém, que os tribunais sejam diferentes do resto da humanidade. Este Deo de que você vive falando, Raj, talvez ele possa fazer alguma coisa. - Levei meu copo aos lábios. A conversa, na sua forma enredada, fluíu por mim.

- Ei, escutem, talvez ele possa. Ele próprio é um **BP** e conseguiu fazer com que a Aliança reconheça que existe um tratamento preconceituoso com relação aos bio-pilotos, E um passo. De qualquer modo, terá oportunidade de encontrá-lo em Nova Aberdeen. - Raj deu curso. à conversa, com aquelas sutilezas que preenchem os claros por entre os pensamentos. Nenhum de nós estava ouvindo de fato. Após um vôo, ficamos por demais inclinados a descansar, a deixar nossos músculos controlarem um corpo, ao invés de uma nave. As bobagens ocasionais nos predispõem mais a sermos apenas gente, apenas uma família feliz procurando desconstrair. Sei de Raj, por exemplo, o de rosto moreno e largo - faz parte da equipe desde que perdemos Mark, alguns padrões atrás. Sei que por dentro ele está trabalhando num problema de tri-lógica, E, afinal de contas, um dos poucos que entendem esse campo esotérico, e as universidades estão sempre competindo por seus serviços. Por que ele não deixa de pilotar, não sei ... não, eu sei. Como todos os BPs .-:....

bio-pilotos - ele desconfia desses outros, essa gente que não sabe o que significa ser uma criatura do espaço, e ele está fazendo incríveis quantias de dinheiro pilotando e não deseja enfrentar a aversão da piedade hostil dos normais. Quanto a mim, meu campo é a música terrana da pré-Aliança, Também tive minhas ofertas para sair.

Conversávamos, pois, a respeito de nada e sorvíamos nossas bebidas, ocupando-nos apenas conosco.

Não sei o quanto demorou antes que notássemos o silêncio no outro lado da taverna. De imediato nos apercebemos dele, verificando que somente podíamos ouvir uma voz ou outra sobressaindo da conversa e o truncado do holo tanque Cara parou no meio da frase (alguma coisa a respeito de um jogo de Vari-Decisão naquela noite), embora nenhum de nós se mexesse. Somente nossos olhos dançavam em comunhão. Finalmente, ergui o olhar.

A multidão de gente no bar cessara de rodopiar e de gritar.

Estavam parados, silenciosos, mostrando-se embaraçados ou interessados. Um mecânico alto - usava um macacão portuário e divisei manchas onde passara a sujeira da blindagem e o encardido colorira o tecido com listras irregulares - berrava num contraponto discordante com o holo tanque Dois companheiros, vestidos de modo semelhante, tentavam contê-lo, mas ele desvencilhara-se e defrontou-nos numa fúria etílica.

- Larguem-me, com os diabos! Olhem esses estropiados sentados aí. Ei, idiotas! Ah, agora eles olharam. - Fora minha cabeça que levantara.

Deu alguns passos, enquanto o holo tanque diminuía, cessava e ressurgia, numa fanfarra agônica de metais. Seus dois amigos, como ostras, grudavam nos seus braços. Ele debruçou-se sobre a balastrada do canto e agarrou-a. Vi os nós de seus dedos esmaecerem, enquanto os colegas tentavam puxá-lo em vão. Chegamos a sentir seu bafo.

- Larguem-me, sei o que estou fazendo. Ei, idiotas! Seus aleijões esculhambados, vão se ligar numa outra linha. Vejamos só se algum de vocês é capaz de se mover como um verdadeiro ser humano. Que tal você, moça? Hein? Quer ver como ...

Raj se voltara, até se defrontar com o homem, e então pôs-se de pé, enquanto o bêbado vociferava e seus ajudantes tentavam arrastá-lo para o bar. Enquanto Raj se mantinha de pé - tombando um pouco à esquerda da vertical - o salão silenciou, exceto quanto ao sussurrar quase imperceptível do mecânico. Raj espetou o silêncio com o indicador.

- Por que não volta para o bar, mecânico de araque? Já bebeu demais, não é? Está de cabeça tonta. Deixe seus amigos cuidarem de você, tá? Podemos até lhe pagar mais uma bebida.

- Ouça o que ele está dizendo, Bard. Ande, vamos deixá-los em paz. - Um dos homens puxou o braço do bêbado, mas este repeliu-o.

- Nada disso. - O mecânico empertigou-se. - não quero saber de ficar olhando para essas metades de seres humanos. Já não basta tê-los diante dos olhos enquanto trabalho? Por que vocês, seus pirados, não desguiam? Né? Estou convidando essa turma mansa de defuntos para dar o fora. Se tivesse tanto dinheiro quanto os BPs, eu também poderia pagar bebidas.

Nenhum de nós realmente se mexera. O dedo de Raj ainda furava o ar. Não como a gente comum, nada disso. Nosso treinamento nos leva a nos mexer somente quando devemos, e então vagarosamente. Os hábitos são por demais arraigados para mudar de veneta. Por isso, ficamos quietos enquanto o bêbado esbravejava.

(Cruzei o olhar com Moret. - Quer dar o fora?

- Bem que podíamos. As coisas não vão melhorar por aqui.)

O bêbado ainda gritava com Raj, mas este dera as costas. Acho que o mecânico sentia-se insultado porque estávamos a fim de não tomar conhecimento dele. Arremessou o copo, com um rosnado de advertência. Quase que acertou em Raj, passando a poucos milímetros de sua orelha esquerda e espatifando-se de encontro à parede atrás dele. Raj não se movera - não havia necessidade.

- Vamos embora, Raj. -

Raj é o membro mais jovem da Equipe, o menos habituado ao ressentimento dissimulado e também o que tivera menos tempo para se acostumar com os hábitos dos BPs. Por isso é que talvez ele tenha feito isto. E o que mais me parece.

O bêbado bradava.

- Olhem, se eu chegar a ter um filho deformado, talvez ele possa ser um **BP** e me sustentar na velhice. Né? - Gargalhou, lançando olhares ao redor para que os demais se juntassem a ele em comemoração à sua atrevida réplica. Ninguém se mexeu. - Um filho deformado, biruta - repetiu.

Raj cuspiu na direção do homem. A saliva salpicou o assoalho. - Ele haveria de ser mais humano do que você.

E então, de forma rápida e abrupta, e tão elegantemente quanto qualquer um deles, saiu de nosso recanto, passando pelo mecânico e deixando o bar. Quase não mancava. O silêncio mais uma vez nasceu, aumentou e explodiu de tanto pesar. O ruído e a conversa, dentro de uma hilaridade um tanto forçada, voltaram a atingir os níveis anteriores. A gerente - ela surgira de seu escritório na parte final do tumulto - trancara-se de novo. O distribuidor lançava bebidas em mãos sedentas. O holo tanque gemia em inepta aflição. Jarros de cerveja circundavam as mesas.

Escrevem com a mão direita? Experimentem escrever com a mesma rapidez e destreza com a esquerda. Trata-se de um hábito. Os BPs caminham devagar e de forma esquisita, numa falha de neurônios. E isto é pior do que hábito: é treino, reforço psicológico e manipulação biológica. Raj saiu dali como qualquer ser normal, num passeio pelos Jardins Aelisianos. Sabíamos o que aquilo demandava, e eles também. Bela exibição aquela.

No entanto aquilo transtornara a noite. Encolhi os ombros, abrangendo todos os comentários que poderíamos ter feito. Tentamos retomar os gracejos anteriores, porém nossas palavras morreram por carência de sentido.

Cara acariciou a superfície úmida de um copo. A luz veio, prismática, na ponta de seus dedos.

Os olhos de Moret roçaram de leve pelos rostos. O holo tanque trepidou, vacilou e recomeçou.

Engrenamos nossas desculpas. Tínhamos um voo para Nova Aberdeen no dia seguinte e eu queria descansar. Cara queria ver se a biblioteca da hospedaria tinha livros sobre estratégia de Vari-Decisão. Moret queria encontrar Raj. A ladainha do tédio. Mea culpa.

- Tratemos de regressar à hospedaria. Podemos sentar lá no salão, pagarmos ao distribuidor para que nos arranje umas bebidas. - Empurrei meu copo, lambuzando de umidade o tampo irregular da mesa. - Cara? Moret?

- Está bem, irei - assentiu Moret, com um olhar. - Raj estará lá, a esta altura. Escute, Cara, pague o distribuidor. A parte de Raj também.

Notas farfalharam, mudando de mãos. Vagarosamente nos quedamos em pé e manquejamos até a porta. Olhei em torno, à procura do mecânico que causara a confusão, sem conseguir divisá-lo, no entanto. Não me recordava de sua saída, na verdade, porém, não estivera olhando. Os ultrajes eram 'bastante comuns,

Lá fora, haviam posto os condicionadores pela cidade, aliviando o nevoeiro por sobre o porto. Apenas algumas volutas serpeavam através das esferas de luz, embora a luminescência do porto enodoasse as nuvens turvas, enredando as estrelas.

De olhos erguidos conforme estávamos quase tropeçamos em Raj, ao dobrarmos uma esquina entre as fachadas vazias de edifícios

Cara tomou fôlego e engoliu uma praga:

- Raj? - Interdita, entre a indagação e o horror.

O sangue, negro à escuridão do crepúsculo, tremeluzia, em pequenos regatos tortuosos, de seu nariz e de sua boca. Havia vergões escuros onde a roupa se descosera e rasgara. Estava uma mixórdia; seu peito, no entanto, arquejava e os olhos se abriram ao ajoelharmo-nos. Cara, sob o alento, resmungava.

- Jaírg? Acho que tropecei e caí. - O riso de Raj transformou-se em tosse e ele cuspiu sangue. Moret limpou-lhe o rosto com a manga.

- Olhe, só quero que me levem de volta à hospedaria - disse Raj. Forcejou para sentar-se e conseguiu-o com a ajuda de Cara. - Eles têm lá um médico. Mais meia hora e estarei pronto a seguir pela manhã. Não há necessidade de incomodar a Segurança do Porto.

Voltei o olhar para Cara. Ela encolheu os ombros. Olhei para Raj.

- E, está bem. Acha que pode caminhar?

- Posso. Todavia, parece que tenho o braço esquerdo quebrado.

- Quem foi?

- Hein? Quer dizer o cara em que tropecei? não sei, estava escuro.

- Sem dúvida. Acho que estava.

Entre nós, erguemo-lo e o fizemos andar. Entregamo-lo ao médico. Levou uma hora e mais um pouco, mas ele saiu com um ar saudável. Pela manhã, traçamos órbita para Nova Aberdeen, deixando para trás mais outro porto anônimo. Acolhedor como sempre.

Nova Aberdeen era diferente, certamente, o que não deixava de fazer sentido, me parece. Não há muito, havia sido terraformada, e ao contrário da maioria dos mundos que padeciam debaixo da burocracia incômoda de um sistema governamental local (mundial) e da supervisão da Aliança, achava-se sob controle direto da Aliança. Facilita, dizem eles. O porto era uma coleção de antiguidades abandonadas e equipamento virgem, com muito uso ainda pela frente, e a Autoridade Portuária não tinha muita aptidão para dirigir o tráfego. Levamos quase o dia inteiro para desembarcar, e depois passei mais duas horas tentando localizar o funcionário certo para autorizar meu vale, fazer nosso pagamento e arranjar a próxima missão para a nossa tripulação.

A cidade era distante - além do horizonte, nada menos - e ligada ao porto apenas através da extensão aracnoide de um mono-carril. Transportava carga, principalmente. Ninguém parecia muito ansioso para entrar ou sair da cidade.

Eu me encontrava sentado junto a uma mesa no saguão da hospedaria, aparentemente lendo, porém, na realidade, olhando as paredes (quando haverão de pintá-las de outra cor afora rosa-salmão acetinado?). Cara e Moret estavam sentados na outra extremidade do salão, jogando Vari-Decisão, que eu nunca conseguira aprender, apesar das instruções da

meiga Cara. As regras mudam a cada cinco minutos mais ou menos, de acordo com uma outra série de regras, elas próprias governadas por regras alteradas pela hora do dia, o tempo de duração do jogo, o número de jogadores e perto de uma dúzia de outros esotéricos fatores. Apenas afirmar possuir algum vislumbre das regras, a mim parece habilidade suficiente; porém, ser capaz de tirar uma estratégia ...

Raj fora à cidade à procura de Deo. Voltou horas depois, com o homem a reboque. Sentaram-se à mesa comigo. Deo trazia uma garrafa sem rótulo. Não ofereceu.

- Então este é o seu Chefe de Equipe, Raj - disse ele, após as apresentações e cortesias.

- É, o melhor na profissão.

Preparei a fisionomia, a fim de parecer devidamente modesto e embaraçado.

- Certamente. - Deo piscou-me e passou a mão atrás do pescoço. Reparei então duas coisas que me indicaram há quanto Deo operava. Tinha a parte traseira do pescoço impregnada da ferrugem dos dispositivos - e há *muito* que vinham sendo usadas tomadas de aço chapeado de latão dourado, e leva *muito* tempo para que o latão dourado gaste a ponto do aço enferrujar. E Deo anda tão bem. Os hábitos dos BPs, há muito em desuso, estão se gastando também. Velho.

- Deviam saber a esta altura que o seu Chefe de Equipe é sempre o melhor. - Voltou-se para mim. Seus olhos eram vivos, em constante animação, e senti uma imediata simpatia por ele. - Não é verdade, Jaig? - Tinha a voz de uma aguçada aspereza.

- E: o que *eles* me dizem. - Acenamos um para o outro com a cabeça.

- Venho dizendo a este pessoal o que você conseguiu fazer pelos BPs na Aliança, Deo.

- Raj recostou-se na cadeira e olhou para Cara e Moret. Deo acompanhou seu olhar.

- Quem está ganhando? - indagou Deo.

- Não sei.

Deo tomou um longo gole de sua garrafa. O líquido incolor torvelinhava e desaparecia rapidamente. Deixei aparentar que estava impressionado.

- O que acha de minha atuação política, Jaig?

- Não sei o suficiente a respeito dela para ter uma opinião. E Raj é parcial quando se trata de você.

- E: assim? - Deo voltou-se de mim para Raj. - Ouvi dizer que teve aborrecimentos na sua última parada.

- Um pouco. Eu e um mecânico tivemos uma pequena discussão. O costumeiro.

- Vai fazer alguma coisa?

- O que há a fazer? - Raj encolheu os ombros, enquanto Deo tomava outro gole comprido de sua garrafa, mantendo os olhos em Raj. Os BPs bebem e fumam, talvez mais do que um normal, mas há muito que eu não via alguém entornar daquela maneira. E nada de oferecer ainda. - O que quer que a gente faça, Deo? Chamar a polícia local? Reagir? Olhe, Deo, posso ser um **BP** novo, mas nunca vou cair nessa de chegar às vias de fato com um normal.

- E você, Jaig? Fez alguma coisa diante do insulto a um dos membros de sua equipe?

Era uma ferroadada. Comecei a achar que Deo exorbitara um pouco. Era isto um diplomata?

- Faço o que posso para proteger minha gente. Tenho sido um BP durante quinze Padrões. Aprendi que a melhor maneira de se preservar é ficar calado. Leis há em toda a parte, e ninguém irá fazer alguma coisa de drástico. Não se trata de fomentar genocídio, pois constituímos uma religião diferente ou uma raça ou estilo de vida diferentes. Para

eles, não somos *humanos*, e sim uma diversão tecnológica, metade máquinas. Já trataram alguma vez um holo como uma pessoa? - De início eu não pretendia parecer amargo, mas terminei assim, cuspiendo palavras. Creio que o rancor não se encontra muito abaixo da superfície em nenhum de nós. - Pode ficar sentado aí e vomitar sermões e maus conselhos. Eu próprio já fiz isto algumas vezes, embora os da Aliança nunca me tenham pedido para trabalhar para eles. - Fitei significativamente a garrafa.

Deo baixou o olhar para a garrafa. Tomou um longo gole cuidadoso e recolocou-a no lugar. Do outro lado do salão, uma sineta soava na mesa de Vari-Decisão de Cara, anunciando uma mudança de regras.

Deo sorriu-me.

- Concordarei com uma coisa. Não se trata de algum preconceito antigo. Tem base econômica e é tecnologicamente gerado. O problema é que a cultura não passa de um tênue verniz e nós - todos nós - ainda recorremos à força bruta como um último recurso para determinar quem é melhor do que quem. Acontece apenas que temos esse escoadouro de frustração retirado de nós. Os normais já estão achando que somos pouco mais do que robôs biológicos, imitações imperfeitas e mutiladas da humanidade. Não adianta que BPs tenham tido um recondicionamento psicológico. Somos deficientes e *malucos* - mas ganhamos mais dinheiro do que a maioria deles, por isso, como se sentem? Agimos de maneira estranha, fazemos coisas estranhas. E um primeiro contato constante - e as pessoas ficam imaginando por que a Aliança fica impedindo que o espaço humano se intrometa nas outras espécies conscientes por nós descobertas e que nos descobriram. Oh, a coisa é expressa em termos amenos como integridade territorial e coisas semelhantes, mas a verdade é que não queremos nos misturar com eles e vice-versa. Somos alienígenas sob disfarce diferente. E o pior é que não se trata sequer de moral, apenas de disciplina. - Terminou o que restava de líquido na garrafa e pousou-a com violência sobre a mesa.

- Então devemos sair e nos defendermos, né? Pegar uns estivadores, violar algumas mulheres ... - Cara ergueu os olhos a esta altura. Desculpei-me com um olhar. - Pôr fora de combate uma força de segurança portuária e pisar em cima deles. E isto?

- Não. - Confiarei em Deo. Ele era difícil de combater. Sua voz mantinha-se tranquila e imperturbável, ainda que áspera. Era como se eu estivesse mais seriamente discutindo do que ridicularizando. - Tentemos outro método. Raj, você ofereceu qualquer resistência quando eles o espancaram?

- Está brincando? Meus músculos não funcionam desse jeito, você sabe. Mesmo se tivesse lutado, de que teria adiantado, afora irritá-los ainda mais?

Deo sorriu e pôs a mão sobre o antebraço de Raj. Como um normal.

- Não o estou culpando. Tampouco contestarei sua lógica.

Mas não vê como isto afeta nossa situação? Não oferecemos qualquer resistência a ataques verbais ou físicos, no entanto representamos pontos de conflito. Não admira sermos alvos fáceis.

- E a sua solução?

- Não tenho. Mas estamos tentando. - Encolheu os ombros, olhou para a garrafa e encolheu de novo os ombros. - Existe alguma bica por aqui?

- Água? - Tive esperança de não aparentar tanta surpresa quanto sentia.

E, repito, confiarei em Deo. Ele poderia ter me feito parecer um idiota completo ante minhas insinuações precedentes relativas à sua bebida. Entretanto, apenas acenou com a

cabeça e levantou-se.

- Só isto é que o médico me permite e minha garganta está seca de falar o dia inteiro no Conselho. - Lançou um olhar pelo saguão. - Não faz mal, procurarei na cozinha. Acho que ainda consigo me orientar numa hospedaria. Voltarei sem demora.

Pegou a garrafa e deixou a mesa, andando rápido e sem qualquer coxear, gíngua ou qualquer outra singularidade de porte. Velho.

Olhei para Raj, em seguida para o anel de umidade deixado sobre a mesa.

- Acho que fiz papel de burro. Você devia ter me prevenido.

- Não sabia. Pensei o mesmo que você.

Lá na mesa de jogo, Moret empurrara de lado as peças, zangado, enquanto Cara ria. Ela voltou-se na cadeira.

- Está vendo, Jaírg? Eu lhe disse que jogava melhor. Cinco em seguida em cima do pobre Moret. - Bocejou rápido e involuntariamente. - E por esta noite basta. Será que já está cansado, Jaírg? Adoraria um pouco de companhia.

Sorriu. Encolhi os ombros. Não estava especialmente interessado, no momento, mas não me sentia disposto a defrontar-me de novo com Deo. Pura sensação de culpa.

- Sem dúvida - respondi.

- Poderia convidar Moret, mas ele ficaria só falando do jogo e de como poderia ter ganho.

- Não é verdade - retorquiu Moret, fingindo irritação. - Você estaria cantando vitória. Mesmo que convidasse, eu recusaria. Que Jaírg aguente a sua tagarelice.

- Perderia novamente, querido. - Cara arreganhara um sorriso para ele.

- É

- Concederei revanche amanhã. Estou indo, Jaírg.

Levantei-me devagar. Deo ainda não ressurgira da cozinha, o que não importava.

- Dê boa noite a Deo por mim, está bem, Raj? Ele era o seu instrutor de treinamento, não?

- E dos bons. Ele é um bom BP, Jaírg.

- Sem dúvida.

Eu e Cara manquejamos até o quarto dela.

Como resultado, tivemos uma permanência de um dia local. Na manhã seguinte, eu e Raj tomamos o monocarril até a cidade, enquanto Cara e Moret ficavam para trás para a revanche.

Era uma cidade, na verdade, e bastante pequena. A sujeira e o encardido urbanos ainda não tinham tido tempo de depositar-se nos prédios e nas ruas. Além disso, estava instalada numa escala humana, o que me intrigava. Não vimos edifícios com mais de três andares, e na maioria menores - o que é comum quando se tem terreno de sobra. Os sistemas de trânsito de massa estavam acima, passando pelo céu, enquanto os passadiços comportavam apenas tráfego de pedestres, as ruas mais estreitas do que de costume, com uma valeta no meio para recolher a chuva e os detritos. Havia muitas lojas pequenas, com promessas de atendimento pessoal. Gostei, mas com o tempo, provavelmente se transformariam em mais uma cilada turística neo-antiquada, para embalar os fregueses numa amizade e entusiasmo de falsa sinceridade. Conteí isto a Raj, porém ele é mais idealista do que eu. Rebateu.

Recebemos os olhares e comentários sussurrados de costume à nossa passagem. Não é

fácil caminhar quando não se tem a compleição especial para isto. O eixo cerebral de um **BP** é alterado. O movimentar de uma perna pode alterar um outro músculo não relacionado. Não se acha enganchado como o de um normal. Vai num safanão, parece que vai cair, cambaleia, claudica, vez por outra o pé arrasta. Não é elegante. Observei isto, afinal de contas, e não me agrada ser notado mais do que os normais gostam de deparar conosco. De certa forma posso até compreender. Antes de morrer, minha bisavó perdeu o controle parcial de seus músculos faciais. Enquanto comia, um lado de seu rosto podia de repente afrouxar e o alimento babar de sua boca, pelo queixo, para o prato ou o colo. Eu tinha onze anos, com idade bastante para saber que não deveria rir, embora para mim parecesse engraçado. Ela comeu na mesa certo dia quando eu tinha uns amigos comigo. Nessa altura não era mais engraçado para mim. Senti-me intensamente mortificado. Mostrei-me cruelmente crítico, tudo fazendo para dissociar-me dela. Senti repugnância por aquele momento, no entanto nada havia que eu ou ela pudéssemos fazer para mudar a situação. Não é uma analogia perfeita, mas posso compreender os normais, posso mesmo.

Mas não adianta.

Eu e Raj fizemos o possível, mas uma cidade não difere tanto assim de uma outra quando se tem só um dia para passar. Pode-se ir nos buracos (mas não se pode fazer isso em qualquer parte), pode-se comer (mas a comida é comida, não importa o tempero, e não se pode só ficar comendo), ou olhar a arquitetura (mas qual o atrativo de um prédio quando apenas se tenta perder tempo da maneira mais agradável possível?).

Ao meio-dia estávamos fartos. Numa loja de objetos de arte, diligentemente desprezados pelo proprietário, tentávamos atinar por que ele atendia a todos menos a nós. ("Ah, com os diabos, Jairg. Atendido o último freguês, nos quedávamos por entre as armações entulhadas. Parecíamos' estar ciscando uma coisa e outra. E a senhora veio perguntar a ele uma coisa.") Íamos sair, quando a vidraça da porta ganhou transparência e Deo entrou.

- Jairg. Raj. - Deo sorriu e estendeu a mão. Tenho a dizer que não pareceu surpreso de nos ver.

- Cidade pequena - observei. Depois: - Ei, quanto à noite passada...

- Esqueça. Não fiquei ofendido. Todavia, fui culpado de havê-lo incitado. Podia tê-lo avisado antes. - Um diplomata, sim.

- Estranho deparar com você assim. - Raj meneou a cabeça.

- Nova Aberdeen deve ser menor do que eu pensava.

- Não é. Confesso que estive procurando por você. Motivos ocultos. Estou em boas relações com a polícia local e simplesmente pedi que me informassem se algum deles o havia visto. Queria pedir um favor e não consegui encontrar Jairg na hospedaria.

Olhei para Raj. Ele encolheu os ombros, assinalando sua inocência.

- Você me encontrou. O que quer, Deo?

- Vai a Dáfnis amanhã?

Assenti com a cabeça.

- Segundo consta, o Centro Niffleheim quer que eu vá lá.

Trata-se de alguma coisa a respeito de acordos comerciais com a Aliança. De qualquer forma, eu preferiria pegar uma carona com os BPs do que ir num vôo comercial. Vocês são mais velozes, além do mais.

Devo ter me mostrado em dúvida. Ele apressou-se em falar de novo.

- Eu ... quer dizer, a Aliança ... o indenizará pela sua perda de peso, e tomei a liberdade de esclarecer tudo com a sua tripulação. - Jairg, Deo explicou-me, ele está nos ajudando a todos um bocado agora. - A voz de Raj tinha um tom que eu não gostava de ouvir num colega.

- Escute, ninguém está fazendo objeção. - Espalmei as mãos, como que para mostrá-las limpas de qualquer mancha de culpa. - E a viagem é de graça. BPs não precisam pagar. - Sorri para Deo.

- Bom. - Ele suspirou, e como se isso modificasse a questão, olhou em torno. - Estão aqui para comprar alguma coisa?

Olhei para o lojista. Ele parecia meio invocado. Pelo menos estava de sobrolho carregado em nossa direção.

- Não propriamente, Deo. Estamos prestes a regressar à hospedaria.

Deo alternou o olhar entre mim e o lojista. Pareceu que ia dizer alguma coisa e então encolheu os ombros.

- Muito bem. Olhe, tenho de voltar para a sede da Aliança para as providências finais. Os burocratas não dispõem de muito tempo. Verei os dois pela manhã.

- Ótimo. - Trocamos apertos de mão e saímos para a rua.

Deo voltou para a sede e eu e Raj fomos à procura de um terminal de monocarril.

E, ah, sim, ao regressarmos, Cara vencera Moret de novo.

Uma vez ligados, somos mais mente presa a metal frio do que carne viva.

- Raj, remaneje suas teias. Está perto demais de Cara. Recue e desfaça.

- Tá, Jairg.

Observei (através de minhas vigias sem oclusão) as teias coletoras da nave de Raj - não, essa terminologia está errada, de *Raj* - contorcerem-se no vácuo. Por trás dele, uma estrela piscou num curto eclipse, enquanto um fio da teia passou-lhe em frente, e em seguida uma névoa de gaze, um espirro mecânico, disparou dos tubos dele, enquanto ele se afastava de Cara. Duas mariposas de constituição de aço esvoaçando em torno da vela de um sol, eles moviam-se em círculo.

- Moret?

- Estou pronto.

- Ótimo. Verifique as coordenadas e toque para adiante.

E com um chute das pernas, voamos para o triste consolo do vazio. Em seguida, durante longas horas, nada acontece. Ligados, à espera de nos distanciarmos o suficiente do sistema local até a passagem, fornecendo o controle dos seus sistemas autonômico, somático e nervoso central para o computador de bordo e deixando a mente e o sistema nervoso governarem a nave. A entrada sensorial é através dos neurônios aferentes, a saída (funções motoras) através dos eferentes, Meneie os dedos, que as teias se estendem. Dobre uma perna, que os desintegradores entram em ação. Simples, não é? Exige certa personalidade - uma neurose pré-catatônica, dizem eles, evocando uma imagem dos mentalmente transviados derivando por entre os interstícios das estrelas. E preciso ser capaz de viver dentro de si mesmo, eis tudo. Um pouco de esquizofrenia nunca fez mal a ninguém, E por quê? Sempre perguntam. Porque é mais barato: mais barato deixar que façamos isto do que construir e conservar' as ferragens para as naves se dirigirem sozinhas.

Economia, motor dos homens, como diria Deo.

Armáramos mais uma série de ligados para Deo, na minha nave.

Isso lhe permitiria ficar à espreita de tudo, embora não tivesse controle da produção. Era estranho saber que este *voyeur* estava vigiando através dos olhos e sentindo através da pele da gente. Mas compensava, Achei que a minha dívida para com Deo chegava a tanto e sabia-o satisfeito de verificar que não iria ser um passageiro obscuro e solitário.

Então operamos nossa tri-lógica, deixamos o computador esquadrihar nossa música (embora Deo me tivesse pedido para invocar um texto histórico para ele). Fazemos isto porque é mais fácil do que desligar e verificar o quanto se deveria estar entediado. E coisa para ricos, com seus enxertos tão variegados e adornados que lhes punham em funcionamento os iates pomposos e ineficientes. Uma singularidade, isto: só se encontram enxertos espinhais em dois segmentos da população, os BPs e os muito ricos. Os trabalhadores e os ociosos. Os ligeiramente malucos e os ligeiramente normais.

Fui a nave durante longo tempo, sentindo o fluxo de maré do vazio, vendo as estrelas alterarem suas cores ao mínimo, à medida que acelerávamos. Revirei os olhos e divisei os demais, criaturas do vazio como eu, fendendo o oceano que era o nosso elemento. Acenei - um gesto caracteristicamente humano - e eles responderam com movimentos de seus coletores. Era bom ser de novo uma nave, uma consciência adequada ao frio e ao vácuo, sabedor de que meus reflexos eram bons e adequados aos meus objetivos. Como sempre, desejei rapidamente que pudesse continuar assim, que eu pudesse pastar para sempre nos escuros pastos hidrogenados e não ter de voltar e praticar as ações humanas, os ruídos humanos. (Lembre-se do treino, Jairg. Por aí, é a loucura. Lembre-se de que um BP conhecido como Knud certa vez recusou-se a desligar e derivou durante três anos - o seu tempo - antes que pudesse ser encontrado e controlado, jamais se mostrando normal ou coerente depois disso. Uma centena de vezes eles contam esta história. E no entanto ... como puderam eles julgar a sua sanidade mental? Na verdade, ele se tornara um alienígena. Sua lógica não. era mais a deles, suas alegrias e tristezas desassociadas das meras coisas humanas.)

Eu era uma nave, um leviatã conduzindo meu bando de naves companheiras. Era natural e certo.

Talvez.

Trespasamos. Saltando pelos *quanta* acima até a região onde a energia tiritava em gélidos espectros que chovem e descaem, quebrando de encontro aos meus flancos, com suspiros tremulantes e agudos. Ali não havia vazio, mas impetuosas correntes escarlates, vórtices do mais puro lápis-lazúli. Famintos, nos alimentávamos, mergulhando nas torrentes chispantes com nossas mãos/coletores, absorvendo energia e regozijando-nos ante a nossa adequação àquele local. E a morada, mas uma morada onde só podemos ficar por momentos, pois nos tornamos repletos e assaltados por suas maravilhas e rapidamente ocorre a sobrecarga sensorial. Já o computador está contando os segundos até precisarmos descer de nosso paraíso de volta à realidade.

Cabriolamos: eu, Cara, Raj, Moret. E mais Deo. Dentro de mim, eu sentia sua exultação crescente. Sabia que ele gostaria de ser uma verdadeira nave e não um simples observador. Outros se perguntam por que as equipes são tão estreitamente unidas, uma organização social tão compacta. Eles nunca nos vêem aqui. Aconchegávamo-nos, esfregávamos suavemente os coletores sobre as peles metálicas, num parentesco que só BPs podem sentir, que naves são capazes de experimentar. As metáforas sexuais são pálidas, no entanto é assim que os psicólogos chamam - uma comunicação, uma

comunhão. Dizem que se trata simplesmente de uma modificação de padrões normais de conduta, que eles instalaram os detonadores mentais que aqui nos conferem prazer e que tão-somente vemos uma terra de fantasias por eles inventada, super-jacente à realidade de modo a que sintamos prazer em estar aqui - assim como o instinto transforma o acasalamento numa feição agradável da sobrevivência.

Em outras palavras, tudo o que vemos aqui não passa de ficção. Não! É coisa diferente.

- Jaírg?

- Sim, Cara?

- Roce-me atrás dos holos. Aí. Isso. - E. Ia tiritou. - Deo, que tal estarde volta?

- E magnífico. Melhor do que me parecia. Obrigado, Jaírg.

- Seja bem-vindo. - Era como se estivesse falando sozinho. E estava.

Rocei Cara de novo, só por desincargo de consciência, antes que ela se desvanecesse, indo se esconder atrás de uma cortina de luz de arco-íris, que ofuscou meus sensores. Ouvi-a rir, porém não há senso de direção para as co-unidades. (Os técnicos haveriam de explicar que Cara tinha uma disfunção secundária da blindagem que para ela se traduzia em coceira, e que eu simplesmente reabastecera a blindagem no ponto de contato. Errado. Sei como é a sensação, a carícia de uma mão cálida sobre você.)

E através do prazer, a voz inexorável do computador por sobre as co-unidades. Luzes ambarinas nasceram em brilho atrás de meus olhos, avisando-me.

- Hora de partir. Vocês têm as coordenadas. Y5-D54-W9. Na minha marca.

Dos demais vieram sinais de assentimento. Cheguei a ouvir a voz de Deo. Velhos hábitos.

- Ótimo. Marquem dentro de três segundos. - Conteí. - Marquem.

De volta para baixo, de volta ao vazio, à realidade. O último contato de *quanta* raspou-me a pele, avisando-me. Silenciei-o com um leve toque repreensivo de mão e mergulhei na descida. As estrelas, agora mudadas, tão distantes de onde as víamos por último, fitaram-me friamente e devolvi o olhar.

De novo em baixo, e é claro que o porto tinha de estar situado no lado noturno de Dáfnis. Limpamos de nós a imaginada imundície do vôo, na hospedaria. Estranho isto. Sempre nos sentimos sujos depois de um vôo, como se de alguma forma nos tivéssemos conspurcado. Sugeri que subíssemos até a cidade: Raj e Moret recusaram. Iam ficar na hospedaria. Deo se dirigiria ao Centro da Aliança e faria relatório antes de regressar à hospedaria. Cara disse que viria comigo.

Caminhamos durante algum tempo, olhando à volta - eu estivera ali antes, Cara não - assimilando o que havia para ver. Os edifícios eram altos, elevando-se sobre nós, mais espalhafatosamente ornamentais do que me agradaria ver, com fachadas iluminadas e colunas de pedras resplandecentes. A praça da cidade (sim, um farol do passado) tinha uma escultura em pedra lífiana por d'Vellia, como em tantas outras cidades. Conversávamos em voz baixa entre nós e tentávamos não notar as pessoas procurando a toda a força não olhar para nós. Eles gostariam de satisfazer sua curiosidade mediante um olhar prolongado, mas são por demais constrangidamente educados para fazê-lo. Isso, pelo menos, é diferente no porto. Lá eles olham com franca animosidade e nós olhamos de volta.

E após breve espaço de tempo, através de um pastiche de apatia disfarçado em

altruísmo ("Tem alguma coisa especial em mente?" "Não, irei para onde vocês quiserem." "Olhe, estou pouco me importando, o que *vocês* querem ver?" "O que você quiser."), fomos a uma boate perto da praça, onde através de uma vidraça raiada de sujeira, podíamos observar os perambuladores noturnos a vaguear pelas ruas.

O estabelecimento tinha música ao vivo, ao invés do holo tanque enlatado, o que significava que sairíamos dali com a reputação mais abalada do que ao entrar. Eu já estava de humor azedo e tentava convencer-me de que não estava tão contrariado comigo mesmo por não haver escolhido outro lugar quanto estava louco com Cara por nos ter permitido vir aqui. Sentamos, e eu refletia diante de uma bebida, grunhindo réplicas monossilábicas à animada tagarelice de Cara.

O conjunto era bom, urdindo uma pequena peça de Hausse numa teia musical. Fagotes gemiam, tímpanos retumbavam. Os intérpretes atuavam numa luz vermelha tão intensa e saturada a ponto de parecer líquida, enquanto um narrador declamava do centro do palco, debaixo de um azul elétrico, envolto numa película molecular que se deslocava através do espectro, tornava-se transparente e depois recomeçava. Arcos-íris no encalço uns dos outros pelo seu corpo. Eles tocavam bem, representavam bem, os efeitos eram passáveis - e como de costume, trabalhavam através de uma névoa de conversas e desinteresse. Tentei ao mesmo tempo assisti-los e ouvir Cara e só consegui não fazer direito nem uma coisa nem outra. E mais fácil fazer duas coisas ao mesmo tempo quando se está ligado.

Algum tempo depois, o conjunto fez uma parada e Cara verificou que eu não estava ouvindo. Ela dirigiu-se para um jogo de flutuações ao lado da nossa mesa e começou a brincar. Era uma espécie de variante ilógica da concepção de um idiota sobre uma guerra espacial. Manobrava-se um ponto de luz (sua nave, é claro) através de um campo holográfico bordado de minas, tentando destruir as naves "inimigas" antes que elas retribuíssem a homenagem. Um computador ao lado marcava os pontos, enquanto luzes explodiam em nebulosas em miniatura e estrelas floresciam em buquês de novas. Um brinquedo muito bonito e tolo, a desperdiçar muito bem a valia da pessoa.

Sinetas tocaram alegres quando Cara entalou sua nave entre duas outras, numa volta demasiado fechada.

Observando-a, não me apercebi imediatamente de que havia alguém atrás de *mim*. Ouvi um roçar de tecido e um bafo, mas o clube estava apinhado e isto nada tinha de inusitado.

- Você é um BP. - Declaração, num contralto sussurrante.

Gostei da voz e detestei a abordagem.

- Não sou bailarina. - O que constitui uma resposta tradicional a esta abertura.

Não me voltara. Observava os parcos movimentos de Cara, enquanto jogava as flutuações. Pontos (em amarelo esverdeado) aumentavam a cada segundo. Abraçava a máquina, os dedos leves nos diversos controles. Uma excelente BP: não desperdiçava energia.

A voz atrás de mim veio para o meu lado. Peguei um vislumbre lateral de carne azul clara envolta em gaze.

- Posso sentar?

Observando Cara, fiquei impassível. A mulher (vinte? trinta?) olhou para mim, depois para Cara, depois de volta para mim. Mudou seu peso de uma perna para a outra.

Sentou-se.

Voltei a cabeça e olhei significativamente para a cadeira. - Seja bem-vinda.

- Você não disse de que maneira. - Ela retirou a mecha de cabelo acaju dos olhos grandes. No lado esquerdo, ele era cortado rente ao crânio e no outro, pegando luz, fumegava-lhe sobre os ombros e caía como fios de fumaça até a cintura. Cada centímetro de carne exposta era de corante azul. Ela parecia um fragmento do céu.

Percebi que olhara tempo demais. Afastei o olhar, tentando me lembrar do que ela dissera.

Finalmente:

- Meu nome é Jairg. - Como poderia ter sido "qual o seu nome?" ou "está gostando do clube?" ou "pegue um lugar". Escolha o chavão.

- Meu nome é Linnea. Você acabou de chegar?

Sinetas tocavam e canhões vociferavam no jogo de Cara. Assenti com a cabeça.

- É, estou numa escala de uns poucos dias.

- Faz parte de alguma equipe?

- De quatro membros, trabalhando para Moache, Ilimitada.

Aquela ali é minha colega. - Inclinei a cabeça na direção de Cara.

Um vislumbre de expressão passou pela fisionomia dela. Olhou para Cara, abraçada às flutuações, enquanto uma galáxia explodia diante de seus olhos. Acompanhei-lhe o olhar. Cara ainda se abastecia de pontos e notei que ganhara uma jogada gratuita da máquina. Ergueu rapidamente o olhar, olhou de mim para Linnea e sorriu com um soerguer de sobrancelhas. Voltou-se de novo para a máquina.

- Ela é boa neste troço. - A voz de Linnea trouxe-me de volta à mesa.

- Deveria vê-la jogar Vari-Decisão. Ela olhava para o meu copo vazio.

- Quer outra dose? - Ela pegou uma bandeja que passava, antes mesmo do meu encolher de ombros, e marcou seus números de crédito. O distribuidor cuspiu um copo.

- Obrigado.

Ela deveria ter sorrido, mas não o fez. Houve um silêncio enquanto eu aguardava e seus olhos de corça examinavam a sala. - Também ando ligada. - A voz dela estava entoada uma terça demasiado alta, como se estivesse se arrojando sobre algo que não era sua intenção revelar.

- E, mesmo? Não parece uma BP.

- Devido à minha maneira de andar? Olhe. - Virou a cabeça, varrendo meia cascata do cabelo da parte de trás do pescoço. Divisei o que esperava ver - as ligações reluzentes e inúteis, num esplêndido vaivém pelo pescoço abaixo e desaparecendo na ombreira do vestuário. Lustroso e imaculado, fulgurando de categoria. Era, pois, rica.

Voltou-se para mim e o cabelo no seu lado direito recaiu no lugar. Penteou a mecha sobre o ouvido esquerdo. Contive um impulso de recostar-me na cadeira. A máquina de Cara gemia.

- Desculpe - retorqui. (Ela sorriu, então. Os dentes coloridos do mais tênue dos azuis.)

- Ainda assim, você não age como uma BP. O que está fazendo agora despedaçaria uma nave.

Ela parou de tamborilar os dedos sobre a mesa e cruzou as mãos. No que diz respeito a uma nave, esta alternativa não era muito melhor.

- Não usei muito isto.

- E o que estou vendo. - Nada de novo naquilo, afinal de contas. Um bocado de gente usa as ligações para atrair BPs, mas esse tipo de transviados geralmente ronda os portos. Os BPs têm sido usados sexualmente em lugar dos Padrões - não levando em conta os

gostos. Ela mostrava-se nervosa agora, o oposto da mulher que antes ali sentara. Se fizera aquilo antes, não haveria de ser muito frequente E eu não estava interessado.

- Olhe - proferi finalmente, quando outro silêncio ameaçava nos sufocar - se está procurando companhia, não sou indicado. Por que não tenta lá no porto, hein? Há umas outras equipes por aí.

Os olhos dela piscaram uma vez, duas, como se fosse necessário um momento para que as minhas palavras se registrassem. E então, baixinho:

- Não, você entendeu errado.

- É,? Então o que pretende? - O tom fora falso, com uma malícia que a mim mesmo não agradava. Quero dizer, também nos sentimos solitários, tive minhas ligações com pessoas como ela antes e, ao que parece, são piores do que somos. Desculpei-me intimamente. Era tarde, sentia-me cansado. Não estava me agradando o clube repleto.

- Jaírg, posso fazer com que não perca seu tempo. Eu ...

- Deixe disso, Linnea. - Simplesmente. Categoricamente - Com a minha sutileza habitual. Levantei e fui até Cara, embevecida por entre estrelas e naves espaciais em explosão.

- Vamos indo, hein? - Um amarelo cintilante ofuscou-me os olhos, desvanecendo através do espectro.

- Está maluco! Ganhei três ... - ela teve um vislumbre de Linnea. - Oh, de qualquer forma, estava me cansando disto, não é? Não passa de um simples jogo.

Quase havíamos rompido a divisão da porta, quando Linnea ergueu a cabeça e falou alto através da atmosfera sombria.

- Cometeu um erro, aleijão. Não agradamos a você? Vai para a cama com a sua amiga deformada?

Não paramos para ouvir mais. Cabeças voltavam-se na nossa direção. Empurrei Cara noite a dentro e fui atrás dela. Mesmo depois de passarmos pela porta, ainda ouvíamos os berros e as arengas lá de dentro.

Tentei ir apressando Cara, de volta ao porto. Não me agradara a ameaça que pressentira na voz da mulher, mas Cara se mostrava satisfeita de ir caminhando, olhando as mesmas cenas noturnas que havíamos contemplado antes.

- Jaírg, você está sendo paranoico - retorquiu ela, ante meu argumento de que poderíamos ter mais problemas. - Por que se preocupar só por causa de uma normal frustrada?

- Olhe que ela era rica.

- E daí? Não somos pobres. Olhe, deixamos aquele lugar. O que mais ela poderá fazer?

Discutimos, inutilmente, durante alguns momentos, enquanto eu caminhava o mais rapidamente que podia, acompanhado por ela, quase correndo.

Eu não sabia de fato por que sentia tanta agitação. Fiquei esperando as sombras se fundirem e criarem um bando de perseguidores furiosos e farisaicos. Esperava que Linnea pulasse aos guinchos, saída de trás de cada cornija, e enfiasse os afiados dentes (azuis) em mim, dilacerando-me o corpo com unhas (azuis) aceradas. Esperava um som de passos atrás de nós e então, antes que pudéssemos nos virar, a agonia torturante de uma aguilhoada de multidão em minhas costas. Uma serpente hostil espreitava em cada vão escuro à nossa frente.

Espantoso como é fértil a imaginação paranoide

E nada aconteceu. Entramos ilesos na hospedaria - embora não pudesse ou não me permitisse descontraír até estarmos de fato no seu interior. Deo estava jogando Vari-Decisão contra Raj e Moret juntos e os derrotava habilmente. Cara guinchou de prazer e foi assessorar o jogo. Fui atrás, devagar, descartando-me de meus fantasmas e deixando que as gárgulas de minha mente se desintegrassem nas suas respectivas celas desoladas (e úmidas).

- Vejam só! Ele cercou o Elfo Dançante deles e mesmo o Jagarnate não pode se mover - riu Cara. Deo mostrava-se satisfeito, mas não exultante - no lugar dele eu estaria com um sorriso de triunfo arreganhado - enquanto Raj e Moret tentavam explicar a Cara que não fora por causa *dele* que eles haviam sido derrotados, mas pela jogada idiota de Raj/Moret (escolham qual).

- Jogue conosco e veja o que acontece - disse Raj. Pegou o Elfo Dançante e estendeu-o a ela. - Ele é bom. Melhor do que você.

- Garanto-lhe que você mesma não conseguiria vencê-lo, m'dame. - Moret recostou-se na cadeira (divisei nas paredes rosa-salmão a marca onde a cadeira batera antes) e fez um gesto em direção ao tabuleiro. - Venha, Cara, vamos jogar com ele de parceirada. Tem tempo, Deo?

Deo encolheu os ombros.

- Sempre posso dormir durante as sessões do Conselho. - Sorriu do próprio gracejo. - Está certo. Anne as peças.

Cara foi puxar outra cadeira para a mesa do jogo, enquanto Raj e Moret punham de novo as peças nos lugares. Deo deu um vasto bocejo, espreguiçou-se e suspirou.

- Quer me ajudar, Jaírg? A experiência contra a juventude?

- Não sei jogar - confessei.

- Você está de parceria com estes três aficionados - Deo riu escarninho para Raj. Raj não tomou conhecimento - e não sabe jogar Vari-Decisão? - Meneou a cabeça. - Entretanto, não há melhor maneira de aprender. Sente aí que lhe ensinarei como vencer esse pessoal. E a única maneira de o respeitarem, rapaz. Até mesmo os normais jogam Vári-Decisão.

- Acho .que serei aprovado. Em todo caso, estou precisando reler nossas faturas.

- E um jogo excelente. Complicado como a vida - a se acreditar no que afirma a Sociedade do Vari-Decisão, embora se deva levar em conta a sua parcialidade.

Sacudi a cabeça.

Ele abanou a mão, de palma para cima. A luz atingiu as rugas. - O zeloso BP. Terei então de derrotá-los eu mesmo.

Cara proferiu uma interjeição nasal.

- É a sua vez - disse ela. Quando Deo estendeu a mão para movimentar o seu Desbaratador de Campo de um muro de fortaleza para um baluarte dianteiro, dirigi-me à mesa de leitura geral e fiz a chamada da minha fatura no computador do porto. Comecei a examinar as cifras. Descobri uma discrepância entre o computador e os meus assentamentos. Levou uma hora para localizar, perscrutando a tela verde-marinho do painel de leitura.

Deo precisou de mais três horas para derrotar a parceirada.

Segundo parece não percebemos um pequeno tumulto durante o vôo. Estávamos em

órbita em torno de Newhone, ouvindo notícias pelo rádio, de vez que o porto não iria falar conosco, e sendo basicamente indolentes em nossos corpos reluzentes enquanto aguardávamos. Os BPs não tinham permissão de descer, declarou o governo local. O porto de Newhone simplesmente não reconheceria a nossa presença, e não dispúnhamos de transmissores FTL para nos comunicarmos com as Agências Moache e saber o que a companhia pretendia que fizéssemos. Ficamos ali a ouvir as notícias, tentando recolher as informações possíveis. Tudo começara numa cidade bastante longe do porto. Alguém (ou alguma organização, nunca ficou claro o que queriam dizer) passara a destroçar tudo o que fosse biomecânico: choferes, bio-pilotos, robôs - sabe-se mais o quê. A coisa desenvolveu-se através de um ou outro processo - o que não vem a constituir algo de especialmente novo. De qualquer modo, o governo resolvera seguir uma política de apaziguamento (alguns governos não sendo mais fortes do que o seu temor de votos perdidos) e haviam impedido a importação de "dispositivos" biomecânicos. Incluindo os BPs.

Cara ouvira especialmente aquele comunicado. Seu comentário foi sucinto.

- Isso é besteira.

O que desgastou todos nós.

Soubemos que a Aliança enviara um representante para servir de árbitro em algum tipo de acordo. Quando, muito depois, tivemos conhecimento de que o representante era um certo Deo da Guerber, ficamos encantados. Devia ter sido por simples brilho ou por mera estupidez que a Aliança enviava um antigo **BP** para apaziguar a pequena rebelião - não sei qual dos dois.

Deo chegou uma semana depois de havermos entrado no sistema - uma semana local, diga-se. Ele se achava numa aeronave agaloada com os aparatosos equipamentos necessários quando não se tem um **BP** atuando como nave. Preconceito reverso: Uma nave incrustada de equipamentos é uma contrafação fria e mortiça, uma impostura, uma imitação. Tenho intensa aversão a ver uma passar por mim. Imaginem como um normal haveria de reagir caso um sirnac entrasse num de seus gabinetes - uma coisa que não se comunica, não opera tão bem ou tão rapidamente e custa três vezes mais - e tentasse passar-se por algo tão eficiente como qualquer um deles?

Deo veio de visita algum tempo depois, num módulo que o deixou perto de nós saindo de marcha à ré como se temesse contágio. A Equipe desligou-se e veio até a minha nave conversar. E enervante desligar durante o vôo e, de inopino, se deparar percorrendo as entranhas. Requer tempo para se efetuar a transição, puxamos os alco-bulbos e bebemos um pouco, deixando que a conversa trivial nos acalmasse.

Deo derivou até o porto-visor - uma concessão à humanidade normal que não gosta de espaços fechados. Um alco-bulbo pulou ao lado dele, um planeta cercado de luas líquidas. Eu ia ter de limpar depois o maldito lugar.

- Está bem acabado, por ora - disse Deo. Ninguém fez comentário.

Ele prosseguiu.

- Antes de mais nada, foi um ato estúpido, e acho que o governo viu isto rapidamente. Não se pode lançar proibição sobre alimentos e coisas essenciais e nenhuma companhia dispõe do equipamento para despachá-los até Newhone, mesmo *se* fosse possível arcar com o gasto adicional acarretado. Eles chegaram à conferência que organizei prontos a ceder diante de quaisquer sugestões da Aliança.

- Isto significa que podemos descer? - Cara tomou o alco-bulbo de Raj e sorveu-o. Fez

uma careta de desagrado e devolveu-o. - Isto significa que podem descer - tornou Deo. - Contanto que permaneçam no porto, não deverão ter mais problemas. Vão carregar de imediato?

- Segundo me consta - respondi-lhe. - Sabe como são os fornecedores. Pensam que tudo pode ficar na dependência de seus caprichos.

- É., sei o que quer dizer. Há duas equipes presas lá no porto, portanto não lhes faltará companhia, e seja como for, terei de ficar por aqui a fim de resolver umas coisinhas - haverá uma multa lançada contra o governo local e talvez alguns processos apresentados contra eles. - Encolheu os ombros. O movimento levou-o a interromper-se, pareceu-me, da orientação em que estava. Ele apoiou a mão no tabique para se firmar.

- Precisa arranjar tempo para uma partida de revanche, Deo.

Ainda não esquecemos a sova que nos deu no Vari-Decisão e eu e Cara imaginamos uma nova estratégia. - Moret falava da cozinha. Jogou fora o restante dos bulbos. Peguei um deles de passagem.

Deo abandonou a sua expressão séria. - O desafio foi aceito.

- Ótimo

- Olhem, preciso voltar, e não posso demorar-me muito com vocês, por mais agradável que isto seja. (Cara fez uma mesura de troca do meio da sala. Deo retribuiu.) Querem que eu chame o módulo?

- Para um BP? Desça conosco. Está bem, Jaírg? - Raj deu um salto de junto da parede e puxou seu traje da placa de retenção. Acenei em resposta para Deo.

- Mande de volta seu módulo.

Os outros começaram a envergar os trajes. Fiz um gesto para Deo me seguir e dirigi-me à sala comum a fim de ligar. (De volta ao corpo - celebrado com um cântico. Ao meu redor estavam os cascos vazios do resto da minha equipe, corpos sem almas. Não era uma visão agradável, mas as almas estavam chegando.) Deo usou as tomadas que lhe havíamos preparado, enquanto eu falava pelo interfone.

- Todos prontos?

- Prontos - veio pelos fones. Era Cara.

Lancei-os em órbita, depois observei os corpúsculos ambulatórios que eram a minha equipe derivarem em direção a suas naves. Um por um foram se ligando. Tudo certo no Universo.

Liguei para o Porto de Newhone. Desta vez responderam. - Pelo jeito você resolveu o problema, Deo.

- Quisera poder achar que o tivesse.

Chutei-nos para baixo.

A hospedaria não era diferente (surpresa!) da que havíamos deixado - e sim, as paredes eram do mesmo rosa detestável. Não fosse pelo fato de que o Porto de Newhone estava em pleno inverno e ao se olhar através das janelas do saguão divisavam-se nuvens subindo pelos muros externos, poderíamos nos julgar de volta a Nova Aberdeen (ou Dáfnis, Niffleheim ou Longago - escolham). Deo voltara ao Centro da Aliança, situado em meio ao continente. As duas outras equipes que ele mencionara haviam deixado Newhone em direção ao seu novo destino, a crise tendo terminado. As revistas da Aliança, no saguão, eram números antigos, enquanto as locais não eram especialmente atraentes, o holo só exibía filmes velhos e a biblioteca da hospedaria estava fechada para reforma.

Tédio.

Eu tentara averiguar quando nossas naves poderiam ser carregadas - deveríamos transportar uma carga de combustíveis fósseis até o Elo Um - mas ninguém parecia saber quando isso se daria. A revolta atrapalhara todos os horários pelo planeta afora. Cara, Raj e Moret jogaram partidas sucessivas de Vari-Decisão. Li as revistas locais, assisti aos velhos programas. Durante dois dias.

Muito tedioso.

Moret foi o primeiro a exteriorizar o fato de que estávamos retidos pelas calmarias.

- Por que não vamos até a cidade? Poderíamos pegar um mono do porto.

- Deo nos disse -para permanecer aqui. - Sempre o prático, disse eu para mim mesmo. Intimamente, minha mente entediada repeliu aquela noção desabrida.

- Vai ser bastante seguro, Jaig. O noticiário cessou inteiramente de se referir à "situação". - Sua voz acrescentou os pontos de interrogação.

- Sem dúvida, Jaig - acrescentou Cara. - Pelo menos podemos fazer alguma coisa de novo. Chego a estar cansada do Vari-Decisão, e isto é dizer muito. - Afastou uma mecha de cabelo dos olhos e bocejou. Surpreendi-me reprimindo ação semelhante de minha parte.

- Para constar, meu voto é sim - declarou Raj. Cabeça inclinada sobre as mãos, falou através dos dedos.

Finalmente acabei cedendo. Não foi uma batalha penosa. Eu ansiava por sair, apesar das advertências de Deo. Por pior que seja andar por um mundo novo e por mais que eu repudiasse passeios, idas a bares, restaurantes e cinemas, ainda seria melhor do que permanecer por mais tempo pela hospedaria. Acondicionei meus temores latentes num compartimento algures no lobo frontal e sorri, dando minha permissão. Afinal de contas, disse para mim mesmo, não existe lei que proíba isto e Deo estava apenas sugerindo que permanecêssemos na zona portuária. Não pusera uma *grande* ênfase nisto. 'Saímos, descobrimos o terminal do mono até o porto e pagamos nossa passagem a uma arredia caricatura de um robô assistente, que se diria estar precisando de uma vistoria. Manquejando e aos tropeções, como de costume, fomos buscar enlevo na Newhone metropolitana.

Não parecia que iria ser fácil achar. A cidade a que chegáramos - nunca aprendi seu nome - era uma mixórdia de pesadelos arquitetônicos variados. Estruturas geométricas atarracadas e feias alternavam-se com arranha-céus inacabados e funcionando. As ruas variavam de largura caprichosamente, enquanto o tráfego de veículos só parecia obedecer à lei da anarquia. A única consistência era a de uma nevada imunda - um entulho confuso dentro de um molde cinzento-esbranquiçado. E havia, é claro, os olhares onipresentes. As pessoas se voltavam e chegavam mesmo a *parar* a fim de nos ver passar, cambaleantes. Movíamos-nos num mar mercurial de gente que se abria à nossa frente para nos deixar passar e fechava-se silenciosamente atrás. Pelo menos há muito havíamos aprendido uma lição importante: nunca olhar, como se não os notássemos. Caminhar e tagarelar alegremente a respeito de nada, enquanto se está realmente ouvindo os comentários sussurrados (ou gritados) em volta - parece simulação, por melhor que se tente disfarçar. Bom é simplesmente aparentar não estarmos querendo ouvi-los, o que constitui verdade, afinal de contas.

A cidade não era dividida em zonas, pelo menos como eu vira até então. Mercados acotovelavam-se a teatros, e lojas de móveis trocavam olhares com residências do outro

lado da rua. Edifícios de um andar só fitavam timidamente estruturas grudadas ao céu. Caminhávamos à toa, sintonizados com a cidade, à procura de algum lugar que nos atraísse para fora daquelas ruas geladas. A fome, finalmente, teve a decisão. Esgueiramo-nos para dentro de um restaurante bastante inusitado, quase esmagado entre dois prédios muito maiores, num distrito pouco próspero. Era pequeno, nisso consistia sua atração principal. Não queríamos uma centena de pessoas nos olhando enquanto tentássemos comer.

Havia apenas duas pessoas no lugar, um casal que nos olhou do interior de uma cabine perto da porta, ao entrarmos. Nossos olhos se encontraram ao nos aproximarmos, avaliamo-nos uns aos outros, numa antipatia mútua, e em seguida os dois voltaram sua atenção para seus jantares. Senti o odor penetrante de molhos de carne e o travo mais leve de desinfetantes, o aroma normal de um estabelecimento desses. O chão era gasto, mas os ladrilhos pareciam ter sido esfregados recentemente. Pelo menos o lugar estava limpo.

Escolhemos uma mesa o mais longe possível daquelas pessoas.

Ao sentarmos, a mesa fluoresceu e exibiu o cardápio. Toquei numa seleção de frutos do mar e aguardei que o meu pedido fosse registrado, porém, nada aconteceu.

- A mesa não está funcionando? - indaguei generalizadamente.

Raj tentou outra escolha. Nada.

- Acho que não. Vamos tentar outra mesa?

Quando estava prestes a me levantar e sugerir que regressássemos à hospedaria, uma mulher alta e magra saiu do interior da cozinha. Suava, como se estivesse entregue a alguma atividade física, as mangas da roupa todas arregaçadas. Aproximou-se da mesa e retirou uma caneta do bolso.

- Estão mesmo com fome? O Heimstag está bom, se tiverem apetite suficiente.

Todos nós erguemos o olhar um tanto surpresos. Ela falara como se fôssemos seus fregueses costumeiros, sem sugestão negativa alguma na voz. Não esperávamos sequer cortesia e ali tínhamos a mais pura afabilidade. Ou não sabia que éramos BPs - pouco provável - ou seria simplesmente uma normal invulgar. Esfreguei a parte de trás do pescoço - um gesto com insinuações de obscenidade em algumas rodas: só BPs fazem-no com regularidade. Ela olhou-me com aquele sorriso ainda no rosto.

- Querem escolher mais por algum tempo?

- Está pegando pedidos? - Raj indicou a mesa.

- E. As mesas daqui não retransmitem mais, por isto tive de vir atender. Não me importo, realmente. É agradável encontrar gente que vai comer nossa comida.

- Você mesma é quem cozinha? - mostrei-me surpreso. Não há mais muitos lugares que fazem isto.

- Certamente, é a única coisa que este lugar tem a oferecer. Não existe ambiente, sem dúvida. Preparação de refeições humanas autênticas. Original, não?

Voltei o olhar para a mesa. O cardápio cintilava de leve.

Enquanto eu observava, obscureceu e desvaneceu. - Disse que o Heimstag estava bom?

- Eu mesma experimentei.

- Vou querer, então. - Deixei que os meus temores da cidade avaliassem a situação. Os avisos de Deo para permanecer no porto, segundo parecia, tinham sido desnecessários.

A caneta da mulher moveu-se. Ela olhou para Raj. Olhei para o casal no compartimento. Uma proprietária cordial como aquela constituía uma exceção. (Intimamente, minha paranoia motejava de meu instante de otimismo.) O casal nos fitava

com um ar próximo da aversão. Enquanto eu observava, a moça disse qualquer coisa para o homem e foi se levantando. Ele respondeu-lhe, assentiu com a cabeça e ambos ficaram de pé. A mulher magra ergueu o olhar do pedido de Raj que estava recebendo e dirigiu-se a eles. .

- Indo embora assim tão cedo, Miffa?

O homem olhou para ela e depois para nós.

- A fome passou. - Afivelou à cintura o protetor contra as intempéries. - O dinheiro está aí na mesa, Ulla. - Abraçados, eles saíram.

A dona - Ulla - observou-os, esboçou um encolher de ombros e voltou-se para nós.

- Eh, lamentamos isto aí. - Cara inclinou a cabeça na direção do compartimento.

Ulla baixou a caneta e, apoiada nas mãos, curvou-se mais para perto de nós.

- Não se preocupem. Ele não compra grande coisa, nem vem muito aqui, e quando o faz, fica horas na mesa. Não faz falta.

Aprumou-se e olhou para Moret. - Qual é, então, seu pedido?

A comida, quando veio, foi tão boa quanto o tratamento que Ulla nos dispensara. Não é muito frequente comermos algo além da comida do porto ou as rações a bordo da nave. A diferença era imensa. Comemos avidamente, pedimos mais e passamos o tempo contentes, saciando-nos. Ulla chegou-se quando estávamos terminando e sentou-se conosco. Ficou-se sabendo que tinha um irmão que se tornara um BP. Explicável o seu altruísmo.

Ninguém veio nos interromper. O restaurante estava silencioso, afora nossa conversa, e a proteção da porta nos vedava o rumor da noite pela cidade.

- Você não está propriamente dando qualquer preocupação à competição - observei, durante um intervalo da conversa.

Ulla olhou em torno da sala, como se verificasse se alguém entrara.

- A noite está devagar. Lá para o meio da semana fica mais animado. Além disso, a confusão toda tem mantido as pessoas em casa.

- Deve ter sido estranho.

- Não me atingiu mais do-que aos outros. Não utilizo biomecanos aqui. - Olhou-me com um repentino ar de desculpas. - Não me leve a mal.

Fiz-lhe um gesto dissuasório.

- É tão complicado - disse ela. - Nunca sei como me sentir. Gies, meu irmão, é agora um BP. Mas ainda não consigo considerar um robô como tendo sentimentos. Afinal de contas, um robô não passa de uma enxugada cerebral, com uma sobrecarga de instruções a serem seguidas, Só podem fazer o que lhes é programado, Gies, então, estive com ele anos. Não gostava muito dele. Nunca se mostrava comunicativo, nunca se mostrava de fato, bem, são do juízo ou satisfeito. - Dirigiu o olhar para Cara. Seus olhares se encontraram. Cara deu um sorriso de incentivo.

- Ele está muito melhor agora - continuou Ulla. - Tenho estado com ele. Veio aqui com a sua equipe. Agora ele fala: comigo. Parece melhor adaptado.

Acenamos com a cabeça em assentimento. B como enfrentar uma iluminação repentina. Os BPs não gostam de multidões e não são sociáveis, a não ser com outros BPs, mas até certo ponto funcionamos socialmente. Antes não éramos assim. A Associação Psíquica não pode curar este nosso problema, embora possa desorientar bastante. Sabíamos o que ela queria dizer.

Conversamos longo tempo, nós .cinco. Do lado de fora, o tempo tornava-se mais frio e

tempestuoso. Eu avistava a neve delineando-se em torno de rajadas de vento, e a cidade fazia transição para a noite. O sol guarnecia de luz dourada os edifícios mais elevados, mas ali embaixo já estava escuro. Lâmpadas flutuantes adejavam, partilhando luz entre as ruas. As pessoas que passavam pela porta do restaurante moviam-se mais rapidamente do que haviam feito à luz vespertina. E muito embora me sentisse um chavão vivente, meus temores retornavam com a noite. Eu queria nós quatro de volta à hospedaria.

Cara estava pronta a ir, porém, Raj e Moret queriam ficar um pouco, para ver se conseguiam consertar os retransmissores da mesa. Declarei que os esperaria. Cara retorquiu que saberia seguir seu caminho sozinha. Raj e Moret me disseram para seguir em frente, depois haveriam de ir. Sendo assim, eu e Cara nos despedimos, tentamos pagar Ulla - ela nada aceitou - e saímos. A meio caminho, deixamos uns créditos sobre o balcão.

Do lado de fora, ao relento, comecei a ficar preocupado. - Espero que ela os encontre.

- Os créditos?

- É.

- Você precisa ter alguma coisa para se preocupar, não é assim?

- Isto me mantém jovem.

- Hum.

O frio era cortante. Meu protetor contra as intempéries parecia estar deixando entrar vento de todos os lados. Tirei involuntariamente e desejei ter-me agasalhado mais. A cidade não ajudava. O vento fustigava pelas ruas, acoessando o lixo e assobiando um motezinho desafinado para os prédios ao nosso lado. As lâmpadas flutuantes lançavam um clarão azul-branco, tão frio quanto o vento, e o céu - quando conseguíamos vê-lo - era de um cinzento encarvoado a escurecer rapidamente à medida que o sol desistia de lutar. O terminal do mono mais próximo ficava a quarteirões de distância. Tirei, reprimi a agitação e aconcheguei-me a Cara.

A transição foi abrupta, sem aviso. As pessoas pareciam vir não se sabia de onde e de toda a parte. Agarrei o braço de Cara, tentei correr. (Eram cinco? Seis? Centenas?) Demos uns poucos passos vacilantes e eles nos alcançaram facilmente. Avistei um homem - uma cara rosada que parecia recentemente lavada - brandir algum tipo de cacete. Pegou Cara no lado do pescoço. Ela caiu e em seguida encontrei-me por demais preocupado em me proteger para poder cuidar dela. Um peixe atingiu-me em cheio no, rosto e senti o sangue esguichando de meu nariz. Veio-me um gosto salgado na boca.

Achei-me então de joelhos, olhos fechando-se em fendas, através das quais divisava imagens indistintas e deformadas. Mãos me puxaram para levantar. Algo bateu-me com força no estômago. Arquejei, com uma náusea repentina e violenta. Tive ânsias de vômito, procurando respirar enquanto era atingido de novo. Teria caído, mas eles me sustentaram. Não resisti - de que adiantaria - e não me preocupei com relação a Cara. Pensava apenas na dor que sentia. Alguns minutos depois, nem sequer isso sentia

A certa altura então, cessei inteiramente de pensar.

Saí da enfermaria antes de Cara. Aguardei-a de pé, em silêncio, com Deo, Raj e Moret na sala de espera desinfetada. Ninguém parecia querer conversar, desejar explicações. Considerei isto como uma censura, verdadeira ou não. Eles não queriam falar comigo, pareceu-me. Eu propusera que fôssemos para a cidade, não me dispusera a esperar que saíssemos juntos do restaurante. Minha culpa. Por isso invectivei-me antes que o

fizessem.

- Deveria ter nos mantido no porto. A culpa é minha.

- Jaírg. - Baixinho, da parte de Raj. Senti sua mão sobre o meu ombro.

- Ninguém o está culpando. - Era Moret.

Deo apenas olhou-me com uma cara que não consegui decifrar.

Chafurdei na auto-comiseração e no sentimento de culpa.

- Minha culpa. - Devo ter proferido isto uma centena de vezes. Após algum tempo, eles pareciam não tomar conhecimento. Pouco depois, eu falava apenas para evitar o silêncio.

Cara não saiu da enfermaria durante uma extensão de tempo assustadoramente longa. Quando o fez; ainda exibia remanescentes de equimoses roxas no rosto. Hesitei, mas os demais precipitaram-se em direção a ela. Raj apegou-se-lhe e ela começou a chorar, embora apenas por um momento. Avistou-me.

Quis me esconder. Como uma criança.

- Jaírg, como vai? - Seu interesse era doloridamente genuíno.

Doía mais do que as contusões .

. Encolhi os ombros, não confiando na minha voz. Cara manobrou o lábio como se estivesse tentando sorrir.

- Acho que deveria tê-lo ouvido melhor, hein? - Quedou-se me fitando. Atrás dela, divisei uma enfermeira assistindo de um canto ao nosso encontro, careteando e empertigando a cabeça. - Jaírg, ei, eu estou *bem*.

- Certo. - Proferi por fim. Minha voz estava mais rouca do que eu esperava.

- Temos um vôo amanhã à noite - disse finalmente Raj - e estamos todos cansados. Vamos regressar aos quartos. Que tal? - Passou o braço em torno de Cara. - Deo? Moret? Jaírg?

- Acho que ainda ficarei um pouco acordado. - Não sentia vontade de dormir. Não queria ver que horrores meu subconsciente seria capaz de extrair para o entretenimento daquela noite.

- Está bem. - Ao passar, Cara deu uma pancadinha na minha mão. Tentei sorrir.

Alcansei Deo na saída e esperei que os outros deixassem a sala. - Existe alguma possibilidade das autoridades daqui os apanharem? - indaguei, enquanto a porta da hospedaria estremecia, tragando os demais.

Deo deu uma risota de desdém. Depois, como se percebesse o quanto rude isto poderia parecer, falou. .

- Duvido. Você e Cara não chegaram a vê-los o suficiente para. poder identificá-los, e, além do mais, dentro de um dia terão partido. Detesto dizê-lo, mas por que eles haveriam de se incomodar?

- Acho que tem razão.

- Olhe, escute, eles vão simular uma investigação - serão forçados a isto, de vez que estarei fustigando o rabo deles para que isto aconteça. Interrogarão algumas pessoas, investigarão um pouco, mas nada acontecerá.

- Diabos - proferi, por entre os dentes. Bufei ruidosamente.

- Está querendo alguma absolvição? De mim não pode ser. - Deo meneou a cabeça. - Não chego a culpá-lo, Jaírg. Realmente não. Não passo de um velho que julga possível mudar as coisas. É melhor do que ficar plantado numa hospedaria fitando com despeito os BPs que passam. Caso estivesse com vocês esta noite, não teria havido muita diferença. Claro que gostaria de pensar que teria mobilizado a equipe, ou que teria

resistido com mais energia quando atacado, mas no final das contas não haveria de adiantar.

Fez um gesto com a cabeça na direção do saguão da hospedaria.

- Por que não vai para a cama? Deve estar cansado.

- Não, obrigado. Quero ficar sentado ainda um pouco. Sozinho, se não se importar.

- Sem dúvida.

Sorriu de leve e passou pela porta.

Nunca fui chegado a gestos grandiosos, inúteis. Pensei em voltar à cidade, em procurar até achar uma das pessoas que nos haviam espancado e dela extrair os nomes dos demais antes de levá-la às autoridades (aí iriam me felicitar triunfalmente, chegando até os outros filhos da mãe). Na segunda eventualidade, eu rondaria as zonas perigosas da cidade, atraindo ataques simplesmente pela presença, para depois investir contra meus agressores com fúria implacável, deixando-os a sangrar, prostrados no solo. Na última fabulação, eu me encontraria à frente de um bando de BPs vingadores, em direção à cidade, onde intimidaríamos todo aquele que sequer nos olhasse um pouco diferente.

Devaneios.

No final das contas só fiz foi me dirigir ao porto e descobrir uma taverna noturna. Instalei-me no compartimento dos BPs e embriaguei-me bastante. Discuti com um estivador e cheguei até a desferir o primeiro soco. Para surpresa de todos no bar e de mim próprio, o golpe acertou. Tive a breve satisfação de ver uma tênue linha escarlate escorrer de uma narina - e sequer preocupei-me de haver visado seu queixo. O estivador levou a mão ao nariz e olhou para o sangue no dedo.

Em seguida, foi para cima de mim para valer.

Mas eu reagi e quando aquilo acabou - com nós dois expulsos do estabelecimento - ele tinha mais sangue sobre si e não era todo meu. Seja como for, foi bom.

Dirigi-me, vitorioso, até um comunicador público e liguei para Deo na hospedaria, jactando-me de minha primeira grande vitória em prol dos BP. Embriagado e de lábio inchado, espantei-me de que houvesse entendido uma só palavra. Disse-me para não me mexer de onde estava, que não iria demorar.

- Com os diabos, Deo, estou ótimo. Olhe, vou ver se acho esse estivador. Ele saiu antes de mim. Até logo, tá?

- Ora, Jaírg, não seja bobo. Fique onde está. Parece prestes a desabar. Não demoro. Não saia daí.

A tela fulgiu quando Deo desligou e fechei os olhos ante o clarão repentino. As pálpebras não adiantavam. Tentei obter alguma idéia de como eu aparecia na tela, porém, a imagem que espiava de dentro das lentes curvas parecia demasiado deformada. Não podia ser eu. Examinei o rosto com mão cautelosa. Deo tinha razão, verifiquei de repente, ele não parecia familiar. Recostei-me à parede do compartimento, fraco, e esperei por ele.

Ele não demorou muito. Deve ter corrido (corrija-se: BPs *não* correm) parte do caminho. Pelo menos estava sem fôlego quando me encontrou. Abri um olho - o outro não cooperava - e tentei sorrir-lhe.

- 'Dia, Deo.

Ao brilho das lâmpadas da rua, vi seu peito arfando. Sua respiração se ouvia na quietude da noite alta, mesmo com o estrépito abafado e roufenho de um bar vizinho. Deo apoiou-se com uma das mãos no tabique, curvou-se, tomou várias respirações profundas e aprumou-se.

- Devia ver como está, Jaírg. Esbandalhado.
- Não me sinto tão mal assim. .
- Vai se sentir se não chegar logo até um médico. O álcool vai passar.
- Ora, Deo - falei, animado. - Cheguei a bater umas duas vezes nele. Mesmo - Tentei um passo cambaleante para fora do compartimento, mas o porto escolheu aquele momento para dar um salto mortal. Deo, por algum motivo imune àqueles malabarismos do chão, passou o braço em torno de mim e ajudou-me a sair.

- Está bem, você bateu nele. Olhe só o que ganhou com este investimento. Pelo menos ele foi capaz de se mandar sozinho.

Minhas emoções fizeram meia-volta. De repente me senti lamuriendo, deprimido.

- Deo, é que estou farto de deixar todo mundo pisar em cima da gente.

- Já lhe disse: não existe solução rápida.

- Mas pelo menos você está tentando. Não cheguei a fazer isto.

Limitei-me a esquivar-me da situação. Sequer pude fazer isto, esta noite. Cara quase foi *morta*, Deo. - Não me sentia bem. Engoli a custo, ordenando ao meu estômago que se aquietasse.

- Quero procurar uma resposta - continuei.

- Muito bem. Vamos voltar à hospedaria. Não pode fazer nada até que o consertem.

Não me lembro da caminhada de volta à hospedaria. Recordo-me vagamente da enfermeira no hospital olhando-me com um ar de desaprovação e murmurando consigo mesma quando descobriu que era a minha segunda visita naquela noite. Instalou-me com rudeza na enfermaria. Adormeci depressa, com auxílio da aparelhagem.

Posteriormente, as contusões tratadas, o álcool espremido do cérebro, fui acordar Deo a fim de agradecer-lhe. Conversamos um pouco e quando cansamos (a aurora dourando os montes de neve fora das janelas do saguão), Deo arrumou suas pedras de Vari-Decisão e começou a me ensinar a jogar.

A CAMINHO

Conway Conley

O autor quis fazer ficção científica na época em que iniciou a faculdade. Com o tempo (incluídos quatro cursos especiais universitários, um ano de experiência, um doutorado e um período de serviço na Marinha) resolveu dar-lhe preferência. Levou um ano para vender sua primeira matéria, esta história.

A cama era baixa e ele teve alguma dificuldade para se pôr de pé. Várias vezes quase inventara móveis diferentes, cadeiras talvez, ou uma cama alta o suficiente para uma pessoa poder meter os pés embaixo, ao sair dela. Finalmente, encontrando onde se segurar na parede de textura irregular, conseguiu se levantar.

Baixou o olhar sobre a sua cama. Ao lado, estava a campainha, de alcance fácil, no primeiro dia em que não saíra da cama. E a tigela e o jarro, um pouco afastados cada vez que cuidaram dele, com receio que derramasse na roupa de cama. Não havia relógio. Na verdade havia apenas um na casa, menos usado para medir o tempo do que pela consideração de contar suas derradeiras horas.

Pôs-se diante da porta e apoiou-se na parede, de leve, depois um pouco mais forte, até não precisar mais fazê-lo e caminhar. Talvez tivesse de se manter perto da parede, até a porta. Não poderia se equilibrar satisfatoriamente para caminhar pelo meio do assoalho.

O aposento de fora estava vazio. Examinou-o, enquanto se conservava seguro à moldura da porta. Lançou-se então em direção à porta exterior. Passo a passo. De repente, uma voz soou atrás de si. - Onde está indo, avô? Marsha disse que providenciamos tudo para a sua comodidade na cama - e uma criança surgiu à sua direita.

Reunindo cuidadosamente o fôlego para falar sem perder a concentração no caminhar, ele disse:

- Um homem precisa ter comodidade tanto de espírito quanto de corpo.

O pequeno observava em silêncio, curioso e em dúvida quanto aos esforços de alguém na fase final da vida.

- Escute, abra aquela porta, sim? - ele rosnou.

- Não sei se Marsha ou Todd hão de querer que eu faça isto mas a criança pouco hesitou, deixando claro que determinada palavra por parte dele ainda induzia mais respeito do que inferências aludidas por aqueles dois. Quem seria quem, ficou ele cismando, apoiado no vão da porta externa. Tinha uma filha chamada Marsha, estava certo disto, mas poderiam ter dado o mesmo nome a um filho posterior. Quanto a Todd, estava parecendo se tratar de um neto ou bisneto.

O menino segurou a porta até ele passar e começar a percorrer o quintal. Depois disto não o viu ou ouviu, não queria tentar olhar para trás.

O céu estava azul, de nuvens ensolaradas. Demasiado brilhantes. Na verdade, porém,

não era capaz de ver bem mesmo com luz fraca. A noite chegava um pouco mais cedo para ele do que para os outros.

Acima o céu e abaixo o solo. Melhor do que o interior da casa.

Mesmo assim, ansiava por uma visão clara do horizonte. Havia um outeirinho a oeste da casa, e lá é que gostaria de estar.

- Avô, de que se trata? Por que não falou conosco? - A nova interrupção quebrou-lhe a concentração para caminhar sobre o terreno ligeiramente irregular. Estava cansando. Aprumou-se e observou a menina-moça correndo na direção dele. Desta se lembrava, embora o nome lhe houvesse fugido novamente. Muito atraente, cerca de quinze anos. Muitos homens, ao avançarem em anos, costumam se enganar a respeito da idade de garotas adolescentes. Sabia disso porque acontecera com ele. Mas, desde então, tivera tempo suficiente para aprender de novo a dizer idades, já que seus bisnetos e filhos se tornaram tão numerosos que perdera o rasto de nomes e parentescos.

Estava cansado. Apoiou-se no jovem corpo, dirigindo os passos dela:

- Vamos lá para fora, lá para onde a relva encontra-se com o céu.

Ele considerou este um excelente limite, pelo menos levando-se em conta que era extemporâneo.

Mas ao passarem por um banco, ela propôs:

- Quer descansar, avô? - E ele perscrutou o caminho a oeste do outeirinho, viu que era desprovido de algum lugar para sentar e disse que sim.

- Gosta do ar livre, avô?

Ele gostou da sua cordata abordagem relativa aos desejos e necessidades de uma pessoa.

- Estava de viagem quando cheguei aqui. Fiquei a maior parte da minha vida, mas achei que deveria pelo menos começar a partir.

O rosto dela assumiu uma expressão séria. Aparentemente, para ela, era como se ele sempre houvesse estado ali.

- Ouvi dizer que o senhor era um favorito dos Superdonos - observou ela, e era evidente que guardara aquela informação no fundo da mente, não deixando ser esquecida, porém colocada fora do alcance de seus sentimentos até o momento.

- Até os quarenta anos.

- Nunca vi um Super.

- Eles provavelmente a viram. Mas é claro que lhes conhece a aparência, certo?

Ela assentiu de modo dubio com a cabeça.

- Vi retratos e tudo o mais, mas não acho que seja o mesmo que ver um deles, nem tampouco, com toda a certeza, o mesmo que chegar a tocá-los.

Mostrou-se silencioso, então.

- Em que está pensando? - indagou ela.

- Pensando em Inzlai, a Superdona que era minha ama - o feminino de amo, deve se lembrar - ela costumava me apanhar, segurar e perguntar como estava indo minha história. Ela não entendia a maior parte. Os cientistas de computador e os engenheiros são melhores como favoritos, porque todo jovem Superdono é capaz de entender o que eles estão fazendo. Mas Inzlai gostava de mim de qualquer maneira.

Fez uma pausa, imaginando o quanto esta criança humana que jamais vira um membro da raça dominante haveria de querer saber, ou de querer ouvir dele, de vez que provavelmente aprendera a respeito disto com os pais, tios, tias ou avós.

- Os jovens que têm favoritos desenvolvem um jeito de comunicar com os humanos, mas se quiser realmente falar com um Superdono, terá de encontrar um que não tenha deixado de estudar isto quando adulto. Nunca realmente tentei. Quis eu próprio estudar o problema, através de meios humanos.

Ficaram em silêncio um minuto ou dois, depois, como se ela houvesse ponderado sobre o que ele dissera; de repente ela indagou: - E qual era o seu problema?

- Duas perguntas, de fato. É este o nosso planeta nativo, o mundo chamado Terra? E chegamos aqui primeiro, ou foram os Superdonos?

- Natural, sem dúvida - disse ela, esgazeando o olhar como que para abranger o sol, o ar e os seres vivos. - Exceto às vezes quando não se pode ficar muito bem. Mas suponho que eles poderiam ter mudado nossa composição química para combinar com este mundo, se nos. trouxeram para aqui de algum outro lugar.

Ou se fomos carregados em suas naves estelares. É menos provável, mas se isto não é a Terra, e se é que avaliamos corretamente as lendas para chegar a que jamais tenhamos ido muito longe no espaço por nós mesmos, a verdade é que sempre me agradou a idéia de que empreendemos por nós nossa passagem.

- Gostaria de caminhar até o outeirinho agora.

Ela ajudou-o a ficar de pé. Em seguida ele pôs um braço sobre os ombros dela e verificou que gostava disto, tanto quanto de sair da casa. Imaginou se esta não seria uma de suas bis-bisnetas ou mesmo tris-bisnetas. Todas as gerações posteriores deveriam ser suas descendentes no presente. Nunca houvera muita gente no grupo. Talvez estivesse exagerando sua idade. Filhos não vinham com frequência naqueles tempos. Fora motivo de festa quando sua neta concebera à idade de apenas vinte e cinco. Talvez não fosse velho o suficiente para ser um tris-bisavô. Perguntou a si mesmo se o tabu do incesto se estenderia até os bisbis. O velho livro declarava que a idéia no coração representava tanto quanto o ato. Duvidava que houvesse remanescido nele para ir além do pensamento. A comunidade deles era pequena demais para ter regras formais para situações incomuns, porém os pluri-avôs provavelmente tinham menos genes em comum do que alguns acasalamentos por eles permitidos, por isso ele poderia se permitir pensar tão licenciosamente quanto quisesse.

- Como escapou quando era um favorito? - quis saber ela.

- Não queria realmente escapar de Inzlai, por mais surpreendente que isto possa parecer. Sua companhia - sua família, digamos assim, embora me pareça que seja do seu conhecimento o quanto é difícil para nós entender a sociedade deles, com tantos graus de vida e sexos mais do que temos - achava-se numa viagem distante de sua habitação costumeira, e eu costumava sair para explorar bibliotecas, tendo-me esquecido quando partiriam. Estávamos ali há três anos. Eu tinha apenas trinta, quando chegamos ali, e todo esse tempo parecia tão comprido e obscuro para mim quanto para você agora. Quando regressei ao acampamento, nada havia lá. Apenas uma mochila com algumas coisas de que eu pudesse precisar e um bilhete . de Inzlai, por isso empreendi caminhada em direção à casa.

- Talvez tivessem partido para outro planeta ou sistema solar.

- Ela não teria me enviado um quarto do caminho à volta do planeta para me fazer encontrar uma companhia vazia. Ela sabia que eu haveria de consegui-lo, de vez que me contara a respeito de outra favorita que encontrara o caminho de casa de mais longe, e eu lhe disse ter ouvido a mesma história por parte de outros favoritos. E teria conseguido, se

não houvesse ficado por aqui.

- E isto porque fundar uma colônia humana independente era mais importante do que ir ver um Superdono - disse ela.

- Na verdade, não pretendia ficar. Estava prestes a chover quando deparei com Carl, Thelma e Leslie, forcejando desesperadamente para enfiar um pouco de palha no celeiro antes que molhasse, passando a ajudar, embora não entendesse muito de feno na ocasião.

Parou de falar, percebendo que originara alguma confusão.

Carl, Thelma e Leslie, por ele referidos, haviam morrido, outros nasceram e receberam os nomes, muito antes do nascimento desta criança, fazendo-a levar um instante para conferir os fatos de que tinha conhecimento. Quando sua fisionomia assinalou que tinha os personagens em ordem, ele continuou.

- Deixaram-me ficar, até que a chuva passasse e a relva secasse. E então a vaca, única e mãe de tudo o que vocês têm agora, soltara-se e fugira. Tiveram de achá-la, por isso aderi à caçada. Em seguida, ajudei a construir uma cerca. Uma coisa levou à outra. Chegou o inverno e fui ficando. Com a primavera, desejei plantar o suficiente das novas safras para pagar pelo que comera durante o inverno. Com o verão, achei-me tão absorvido no cultivo das safras quanto era meu desejo vê-las colhidas. Continuava, porém, no meu caminho de casa. Apenas passando um pouco de tempo com a minha gente, enquanto isso.

- E sempre pensei que fosse por sermos importantes - proferiu ela, fazendo beijo.

- Julgue por você mesma, já tem idade para isso. Todos que estavam aqui, quando cheguei, morreram e se foram há sessenta anos, e na minha jornada para o lado oeste da casa só cheguei até aqui. Deixe-me sentar. Percebo o caminho que estava seguindo. Eu acho ... - Retraiu-se, sentindo que uma cortina gris descera entre ele e o mundo. Sentaram-se na relva.

- Não há Superdonos por aqui - disse ela, emergindo de seus pensamentos.

- Devem estar nos vigiando neste momento. Ou talvez não.

Pode ser que esta colônia tenha sido inicialmente idéia deles, ou talvez não saibam que estamos aqui. Nunca se sabe quanto aos Superdonos.

- Inzlai tinha braços peludos?

- Sim. Quando chegam perto dessa idade (acho que tinha uns quatrocentos anos), não se preocupam muito de parecerem bonitos ou majestosos (para outros Superdonos). Portanto, se têm favoritos de pele macia, costumam pôr carne macia e pelo numa coleção de braços, para melhor cuidar de nós. Os de Inzlai não eram tão macios quanto os seus, porém, mais acetinados. Era a segunda tríade de braços dela. Na época eu era vaidoso e quis que ela mudasse a sua primeira tríade para mim e usasse os seus segundos três braços para as coisas para as quais precisasse de pele resistente. Mas, ela não o fez.

- Aposto que após tê-lo perdido, ela deixou crescer pelo macio nas duas tríades. Não para sempre, só por uns poucos anos.

- Demasiado incômodo, mas não deixa de ser uma idéia generosa, menina. Não sei como chamá-la.

- Evelyn.

- Você é minha tris-neta ou tetra-neta?

- As duas coisas. Meu pai Carl é neto da sua filha Velda, e minha mãe Inzlai é bisneta do seu Sharon.

- Inzlai. Eu não tinha certeza de termos usado o nome. Quem era a mãe dela?

- Thelma. Thelma II.
- E Carl é filho de quem?

Ela riu baixinho. Ele levou um momento para avaliar como soaria para ela ouvir o pai referido como filho.

- De Leslie II - proferiu ela finalmente. - Escute, como pode ter certeza de que Inzlai - a Superdona, não a minha mãe, não sei como acertaremos os nomes se tivermos mais Inzlais, já que não consigo precisar se minha mãe é Inzlai Primeira ou Inzlai Segunda.

Seja como for, talvez a sua dona tenha se cansado de você, não quisesse mais saber de braços macios e simplesmente largou-o. Talvez a companhia dela quisesse que ela crescesse.

- Confio nela. Quanto a crescer, ela estava alcançando um período que dura uns duzentos anos. Poucos Superdonos que têm favoritos perdem interesse por eles antes dos seiscentos.

- Além disso, os Superdonos dificilmente abandonam um favorito. Ouvi histórias de que se eles não mais conseguem manter um deles ou arranjar algum outro, às vezes costumam matá-los. Há outra versão de que eles fazem isto para nos livrar de passar fome ou de morrer por abandono.

- Imagino que isto poderia acontecer se eles não tivessem um lugar como a nossa colônia para vir.

Passado algum tempo, ela disse:

- Já ouvi antes a maioria destas coisas, porém, elas soam diferentes vindas de você.

Ela calou-se então. A tepidez do sol misturou-se devagar com o frescor do ar matutino. Os pensamentos dele eram como o dia, cálidos, pungentes e enevoados pelas orlas, de modo a que não lograsse certificar-se do quanto pensava na sua viagem incompleta e na neta do seu neto.

O sol levantou-se mais, e agora uma parte da sua luz solar levantou-se também: a parte chamada Evelyn.

- Há alguma coisa de que precise que eu possa enviar de casa? - perguntou ela.

- Alguma coisa para encostar. - Deitou-se na relva. Estivera sentado tempo demais.

Algum tempo depois, um homem trouxe um colchão enrolado e ajeitou-o como um encosto para as costas, de modo a que ele pudesse ficar virado para oeste. Como o sol esquentasse, um jovem providenciou um toldo. Depois ainda, uma criança trouxe um frasco e levou-o aos seus lábios. Era cidra. Ele gostava, se bem que nos últimos dias sentisse tão pouco gosto, que bem que poderiam ter deixado a cidra para eles e lhe enviado água.

Contemplou o horizonte ocidental e imaginou-se caminhando por ele. Inzlai provavelmente ainda estaria com a sua companhia na mesma locação. Achou que ainda haveria de reconhecê-la, mesmo com seis sólidos braços vítreos.

Os favoritos prediletos viviam muito. Mesmo quando ele chegou aos quarenta, ela deve ter lhe dado mais do que esperava do que quer que fosse, senão não teria vivido um século além do período natural. Mesmo agora, cismou ele, se ele estivesse lá e não ali, retirar-lhe-ia ela o peso da idade, mantendo-o vigoroso por mais meio século ou mais?

Quando mais lhe parecia que o sol descia pelo céu vespertino, Evelyn voltou.

- Tetravô - era a primeira vez que ela usara seu tratamento inteiro - por qual nome era conhecido quando favorito de Inzlai?

- Thomas Huntington Clifford Pence. Cinco-oito-um-quatro-dois-três-sete.

Ela anotou. Em seguida ela pôs uns papéis na frente dele.

- É este o mapa que Inzlai lhe deixou, estes os que desenhou de memória e este lhe foi dado por um humano que encontrou? - Ele teve dificuldade em focalizar, mas reconheceu os edifícios da companhia nos seus esboços e os mapas. Assentiu com a cabeça. Ela colocou-os numa mochila que ele reconheceu como sendo a que ele pendurara na Primeira Casa, numa noite chuvosa, há um século e uma geração, e ele ainda não estava entendendo. Ela entreparou, com os braços já enfiados nas correias, baixou-a e disse: - Dê-me sua bênção, avô venerando. - Ela abaixou depressa demais para seus olhos idosos. poderem seguir e beijou-o em cheio na boca (estava receoso de que um pouco de cidra houvesse escorrido pelo queixo). Passou os braços em torno dela, murmurando: - Criança adorável - enquanto ela comprimia o corpo de encontro ao dele, durante um breve momento que remontou às gerações guardadas ali. Em seguida ela se pôs de pé, e num instante a mochila (tão volumosa quando Inzlai a deixara no acampamento) achava-se sobre suas costas robustas, e ela voltava-se partindo na direção do oeste. Finalmente ele entendeu o que ela dissera. Quis chamar por ela, sem no entanto saber o que haveria de lhe dizer, talvez perguntar-lhe se ela certificara-se sobre se haveria cópias dos mapas e se seus pais saberiam para onde ela ia. Mas não encontrou forças. Seus olhos turvavam-se, porém, durante muito tempo, ele pôde ver Evelyn caminhando pelo horizonte ocidental.

A ORQUESTRA DE DANÇAS DO *TITANIC*

Jack Chalker

O Sr. Chalker, com a Mirage Press, publica livros de fantasia e ficção científica Ensina nas escolas públicas de Baltimore, está ficando conhecido como um novelista de ficção científica - "Meia-noite no Poço das Almas", de dei Rey Books, é um de seus orgulhos - e esculpe balsas como passatempo.

A jovem estava tentando suicídio outra vez no convés de ré inferior. Disseram-me que eu me habituaria a isso, mas após quatro vezes eu apenas conseguia fingir que não prestava atenção, que não ouvia o corpo passar por cima, nem o choque e o grito, enquanto ela era sugada nas hélices. Era tudo rápido demais e estava se tornando demasiado familiar.

Quando o grito foi cortado, como sempre, continuei caminhando em frente, em direção à proa. Teriam necessidade de mim lá, para guiar o holofote com o qual o comandante teria de localizar as boias, a fim de nos conduzir em segurança para o ancoradouro de Southport.

Fazia uma noite clara. Uma vez na proa, avistei as estrelas em todo o seu esplendor, demasiado numerosas para serem contadas ou para serem localizadas as constelações familiares. É uma visão conhecida e amada por todos aqueles que viajam no mar e tinha um significado especial para mim, que tripulava a *Orcas*, pois as estrelas eram imutáveis, o único setor invariável do universo.

Verifiquei os cabos, a manivela e os amantinhos na parte acorrentada da proa; em seguida, pelo rádio portátil, avisei ao comandante de que tudo estava pronto. Enviou-me um "muito bem" e disse-me que estaríamos em rumo para o objetivo dentro de cinco minutos. Tive assim alguns momentos para descansar, acostumar os olhos à escuridão e olhar em torno.

A proa é um lugar lúgubre, à noite, apesar de sua beleza. Há um quê de irrerealidade numa grande barca na escuridão. Entre o local onde eu me encontrava estacionado e a superestrutura da ponte elevando-se sobre mim, havia uma larga área sempre apinhada de gente, em tempo de calor. Essa ponte - dominando o campo de visão da popa, um monólito escuro branco-acinzentado, refletindo o luar com uma aparência e fulgor quase irreais. Um mastro de radar silencioso, rodopiante no topo, e a chaminé, de ponta, atrás da ponte, com os seus suportes laterais e seu mastro proporcionando-lhe um feitiço futurista, só tornaram o cenário mais estranho, mais terrível.

Voltei o olhar para quem estava no convés. Não tantos quanto de costume, mas, então, era muito tarde e havia uma friagem no ar. Divisei alguns rostos familiares, havendo algum desvio lateral de foco em certo número deles, indicando que eu estava avistando pelo menos três planos de realidade naquela noite.

Bem, esta última é meio difícil de explicar. Não estou certo de que a entendo, tampouco, mas me lembro bem quando pleiteei este emprego e as explicações que obtive então.

Seja como for, trabalhar no convés de uma barca é um lugar esquisito para um antigo professor de inglês. Mas, conquanto tenha sido, segundo acho, um bom professor, estive em constantes atritos com a administração, com relação à sua disciplina negligente, atitudes emproadas em torno de ensino, professores e o mais. O sistema educacional não é feito para dissidentes. Destina-se a fazer com que todos se sujeitem a ideais burocráticos que o professor deva exemplificar. Uma discussão a mais, creio, e ali estava eu, um professor desempregado numa época em que havia professores demais. Por isso deixei-me levar - sem família, sem responsabilidade. Sempre gostei de barcas - fui criado nelas, amei-as com a mesma paixão de alguns por trens, bondes e semelhantes - e quando encontrei um emprego não especializado se oferecendo na velha rota de Delaware, peguei-o. O fato de que eu era um ex-professor ajudou. As companhias das barcas gostam de contratar gente que se dê bem com o público em geral. Afinal de contas, o trabalho de convés é intenso quando a barca está entrando no cais ou fundeando, mas no restante do tempo se fica por ali, e cada turista ou viajante quer conversar. Se não se estiver disposto a responder e apreciar, melhor é esquecer viagens de barca. .

Foi quando conheci Joanna. Não tenho certeza se chegamos a nos apaixonar, mas nos demos bem. Não, pensando bem, não devo enganar-me: amei-a sim, embora esteja certo de que do ponto de vista dela eu lhe fosse apenas cômodo. Durante algum tempo as coisas correram sem dificuldade: eu tinha um emprego que me agradava e dividíamos o aluguel. Ela tinha uma filhinha que idolatrava, e que também se dava muito bem comigo.

E num espaço de três semanas o meu pequeno mundo ordenado e complacente teve fim. Primeiro ela deu aquela maldita festa enquanto eu estava trabalhando, um cigarro ou coisa parecida foi esquecido e o apartamento pegou fogo. Conseguiram salvá-la, mas não a sua garotinha. Tentei confortá-la, consolá-la, mas acho que eu estava demasiado absorvido com a minha própria vida e a minha empáfia, não tendo percebido os presságios. A mulher enforcou-se, também enquanto eu trabalhava na embarcação.

Além disso, uma semana depois, a maldita ponte-túnel pôs a barca fora de serviço.

Eu estava sozinho, sem amigos, sem emprego e sentindo-me culpado como o diabo. Cheguei a pensar em acabar com tudo, talvez me voltando para a velha barca e fazendo-a explodir comigo para o inferno, num ato simbólico de cooperação. Mas então, quando acabara de mergulhar nas profundezas, recebi este belo envelope de ofício, no correio, da parte de uma certa Corporação Bluewater Southport, Maine. Simplesmente um engraçado logotipo, um pouco de água azul e mais uma forma estranha e nebulosa de um navio.

"Caro Sr. Dalton" estava escrito. "Acabamos de saber do fechamento dos serviços do Delaware e estamos precisando de pessoal das barcas com experiência. Após examinar suas habilitações, acreditamos que se ajustará muito bem na nossa companhia que, garantimos, não será posta fora de ação por ponte ou túnel. Se esta perspectiva lhe interessar, por favor venha ao terminal de Southport, quando puder, para uma entrevista definitiva. Na esperança de encontrá-lo em breve, continuo, sinceramente seu, Herbert V. Penobscot, Diretor de Pessoal, Corporação Bluewater."

Quedei-me simplesmente ali, olhando para aquela coisa não sei quanto tempo. Um emprego numa barca! Só isso bastava para me emocionar, no entanto fiquei examinando, especialmente aquela linha sobre "examinar suas habilitações" e "entrevista definitiva".

Expressões engraçadas. Pude ver porque andavam atrás de gente experimentada, de vez que todo o pessoal das barcas sabia quando um serviço estava terminado e lhes restava tratar de suas substituições lá, mas ... por que eu? Não recorrera a eles, jamais ouvira falar deles ou do seu serviço ou sequer de Southport, Maine. Era evidente que eles pré-selecionavam sua gente - muito estranho neste tipo de negócio.

Dei uma filada num velho atlas e tentei encontrar. O timbre dizia "Southport-St. Michael-A Ilha", porém não consegui encontrar este lugar no atlas ou no almanaque. Se o timbre não fosse assim tão convincente, seria capaz de jurar que alguém estava me passando para trás. Sendo assim, eu nada mais tendo a fazer, afora ir morrendo lentamente de tanto beber, tratei de me pôr a viajar de carona.

Não era fácil achar Southport, note-se. Mesmo as pessoas das cidades próximas nunca tinham ouvido falar nela. A cidade inteira consistia em cerca de umas doze casas, um arruinado motel de dez peças, um quiosque de cachorros quentes e uma estação de barcas muito pequena, com uma rampa de embarque padronizada, mas surpreendentemente grande, e uma área de estacionamento.

Mal pude acreditar que o lugar justificasse um serviço de barca, logo que o avistei. Era preciso andar no mínimo uns noventa quilômetros até chegar à metade de parte alguma, numa estrada que o departamento rodoviário deliberadamente projetara de modo a desperdiçar um dos mais lindos cenários do mundo e pavimentara mal e porcamente pela última vez, por volta das vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Havia luz na estação, por isso entrei. Um homem grisalho, de uns cinquenta anos, estava no guichê de passagens e dirigi-me a ele, apresentando-me. Ele me examinou cuidadosamente e tive a sensação de que eu não apresentava uma aparência lá muito boa.

- Sente-se, Sr. Dalton - propôs ele, num tom que era amistoso, porém prático. - Estava à sua espera. Isto não vai demorar, mas nesta entrevista decisiva incluem-se algumas perguntas estranhas. Se não quiser respondê-las, esteja à vontade, no entanto preciso fazê-las. Vamos em frente?

Assenti com a cabeça e ele passou a mandar fogo. Foi a mais detestável das entrevistas profissionais por mim já tidas. Ele mal tocou no meu conhecimento a respeito de barcas, a não ser para perguntar se tinha importância que a *Orcas* fosse um troço com uma única ponte de comando, tivesse duas hélices e não duas extremidades como eu estava acostumado. Mesmo assim, ela carregava de um lado e descarregava do outro, embora mediante elevação de proa, não deixando portanto de ser uma barca, tratei de dizer-lhe.

A maioria das perguntas foram a respeito de minha vida pessoal, de minhas atitudes. Como esta, por exemplo: - Alguma vez já pensou em suicidar-se?

Pulei de surpresa.

- Que sentido tem isto? - retruquei. Depois de tudo aquilo eu começava a ver porque o emprego ainda estava vago.

- Apenas responda a pergunta - retorquiu ele, meio embaraçado. - A visei-lhe de que tinha de fazê-las todas.

Bem, eu não conseguia imaginar o que significava tudo aquilo, mas finalmente resolvi, que diabo importava, eu nada tinha a perder e o lugar era bonito.

- Sim - respondi-lhe - passou-me pela cabeça, pelo menos.

- E disse-lhe porquê. Ele só assentiu com a cabeça, com um ar pensativo, rabiscou uma linha num formulário e continuou. Sua pergunta seguinte foi pior.

- Acredita presentemente em fantasmas, demônios e forças demoníacas? - indagou, no

mesmo tom em que perguntaria se eu encaixilhava janelas.

Não pude deixar de reprimir uma risada.

- Quer dizer então que a embarcação é mal-assombrada? Ele não sorriu de volta.

- Apenas responda a pergunta, por favor.

- Não - retorqui. - Não sou muito religioso.

Surgiu nele então um farrapo de sorriso.

- Suponha então que, com o seu racionalismo obstinado, depare com um deles? Ou com um bando inteiro? - Inclinou-se, o sorriso desvanecera-se. - Mesmo a embarcação ficando repleta deles?

Era impossível levar aquilo a sério.

- Que tipo de fantasmas? - indaguei-lhe. - Retinidores de correntes? Dos que usam lençol? Formas hediondas soltando abomináveis algaravias?

Ele meneou negativamente a cabeça.

- Não, gente comum, na maioria. Vestida de forma um tanto esquisita, talvez. Falando de maneira esquisita, talvez, mas não muito esquisita verdadeiramente. Pessoal bom, passageiros comuns.

Estavam chegando carros agora e olhei para fora da janela em direção a eles. Eram carros de aparência comum, com gente de aparência comum - pessoal de acampamento, com aparelhagem de reboque. Enfileirando-se. Um funcionário aduaneiro estadunidense veio da direção do motel e começou a falar com alguns deles.

- Não me parecem fantasmas - disse eu para o meu entrevistador.

Ele suspirou.

- Olhe, Sr. Dalton. Sei que o senhor é um homem educado.

Tenho de sair para começar a vender passagens. A embarcação vai entrar dentro de quarenta minutos e temos apenas vinte minutos de intervalo. Quando ela chegar e carregar, suba a bordo. Faça uma revista. Terá completa liberdade. Avalie a viagem total, com todas as paradas. Está com umas quatro horas de sobra, com vinte minutos de entrada, um pouco de retardo. Mas não abandone a embarcação. Fique atento. Se for o indicado para a *Orcas*, e creio que o seja, terminaremos nossa conversa quando voltar. - Levantou-se, retirou um saque e um recibo de carga e dirigiu-se para a porta, voltando-se em seguida para mim. - Espero que seja o indicado - proferiu, em tom exausto. - Entrevistei umas trezentas pessoas e estou ficando farto.

Apertamos as mãos, após aquela enigmática observação, e eu vaguei em torno, enquanto ele guarnecia sua pequena cabine e tratava dos carros, dos que acampavam e dos caminhões. Uma jovem saiu de uma das casas e cuidou das pessoas que não tinham carros, embora como houvessem chegado até Southport eu não conseguisse saber.

O montante dos trabalhos chegava a ser incrível. St. Michael ficava em Nova Scotia, ao que parecia, tendo sido realizadas as grandes travessias da CN, partindo de diversos lugares e da Sueca, partindo de Portland, na competição por tudo que é negócio. As passagens eram razoáveis, mas não suficientemente baratas para alcançar até aqui, e para se chegar até Southport era preciso *mesmo* fazer força.

Achei um atlas marinho geral da região Fundy no escritório dele e examinei-o. Southport chegara a algum termo, mas pouco. Não havia, contudo, indicação alguma sua como terminal de barcas e tampouco alguma linha singular assinalando um itinerário.

Por mais que tentasse, não me foi possível encontrar St. Michael, Nova Scotia, e tampouco uma ilha St. Clement, a parada a meio caminho referida no trajeto.

Ouviu-se então o grande estrépito de uma buzina e precipitei-me para fora a fim de ter minha primeira visão da *Orcas*, e quedei-me estupefato.

Essa embarcação, lembro-me de ter pensado, não é para estar aqui. Não aqui, não neste percurso.

Era *enorme* - de um branco reluzente, parecendo nova em folha, mais um navio de cruzeiro do que uma barca. contei três convés superiores e, enquanto eu observava, um ruidoso sino soou eletricamente nela e sua imensa proa elevou-se, aparecendo uma rampa estriada levadiça, como a proa de um antigo LST. Entrou no cais facilmente e a rampa desceu vagarosamente, nivelando com a doca, revelando um espaço para bem mais de uma centena de carros e caminhões, com pequenas rampas laterais para um acesso a um segundo plano, se fosse preciso.

Era próximo do ocaso de um dia de semana, mas eles receberam uma carga de mais de cinquenta veículos, inclusive uma dúzia de pessoas acampadas e oito grandes caminhões. De onde teriam vindo, perguntei a mim mesmo. E por quê?

Entrei com os passageiros, ainda meio aturdido, e subi até o topo. Os salões eram espaçosos e confortáveis, os assentos estofados e reclináveis. Havia uma grande lanchonete, uma banca de jornais e um bar bastante bom, na popa do convés de passageiros nº 2. O convés seguinte tinha outro grupo de salões e algumas dúzias de camarotes na frente, enquanto o piso superior tinha os alojamentos da tripulação e um solário.

Era extravagante, e após haver feito manobra, baixado a proa e começado a descarregar, após passar as luzes do porto, a coisa mais danada de rápida que eu jamais vira. A não ser pelo ligeiro balanço e o zumbir dos dois *diesels*, quase não se percebia o movimento. Evidentemente estavam sendo utilizados enormes estabilizadores.

O sol esta se pondo e eu percorri a embarcação, apenas observando e descontraindo-me. Quando a noite caiu e a linha litorânea refluíu para o nada, comecei a perceber algumas coisas muito estranhas, como me haviam prevenido.

Primeiro que tudo, parecia haver muito mais gente a bordo do que me lembrava de haver visto entrar, sem que parecesse restar algum contingente da última viagem. Eles todos pareciam reais, bastante consistentes e muito comuns, mas havia algo de decididamente esquisito a respeito deles.

Muitos pareciam estar inteiramente inconscientes da existência de cada um, para início de conversa. Outros pareciam tremeluzir ocasionalmente, outros estavam enevoados ou indistintos aos meus olhos, por mais que os esfregasse.

E, vez por outra, caminhavam através uns dos outros.

Sim, estou falando sério. Um sujeito grandalhão, numa florida camisa havaiana e calças pardas, trazendo da lanchonete uma bandeja de refrigerantes para a sua mulher e seus três filhos no salão, não parecia notar aquela mulher vestida numa camisa de malha branca e *jeans* vindo sobre ele, e ela tampouco parecia aperceber-se dele.

E eles se encontraram, esperei uma colisão, bebidas derramadas e isto não aconteceu. Eles passaram *através* um do outro, exatamente como se não existissem, e obviamente prosseguiram em frente. Nem uma gota de soda foi derramada, nem uma mancha de mostarda apareceu.

Havia outras coisas também. A maioria das pessoas vestia normalmente trajes de verão, mas ocasionalmente vi algumas trajando grossos casacos e coletes. Além disso, havia modas diferentes - algumas pessoas vestiam-se em exagerados estilos fora da moda, outras desvairadamente despidas, algumas mulheres usavam generosamente apenas a parte de baixo de tangas e saídas-de-praia transparentes.

Senti que não conseguia tirar os olhos delas por algum tempo, até aperceber-me de que elas sabiam estarem sendo olhadas, não lhes agradando isto. De modo geral, porém, os demais não tomavam conhecimento delas.

Havia também sotaques estranhos. Não apenas os mais conhecidos, canadenses e do Maine, ou mesmo franco-canadenses - esses eram normais. Mas havia alguns verdadeiramente esquisitos, dos quais eu percebia só umas poucas palavras, soando como inglês, francês, espanhol e línguas nórdicas, tudo misturado e quase sempre com resultados estrambóticos.

E homens de rabicho e cabelo comprido trançado, além de mulheres com cabeças raspadas e até mesmo barbas.

Era fantástico.

Sinceramente, aquilo me assustou um pouco, descobri o comissário de bordo e me apresentei.

O oficial, um rapaz de bonita aparência chamado Gifford Hanley, canadense pela fala, mostrou-se encantado por eu estar vendo tudo aquilo sem sequer me perturbar.

- Bem, bem, bem! - ele parecia radiante. - Talvez tenhamos encontrado afinal o nosso novo homem, hein? Não é sem tempo, puxa! Estamos com falta de pessoal faz tempo e todo mundo está sentindo.

Levou-me para a ponte de comando - uma das mais modernas que eu jamais vira - e apresentou-me ao comandante e ao piloto. Eles perguntaram-me o que eu estava achando da *Orcas* e se gostava do mar, e nenhum se dispunha a responder minhas perguntas sobre os insólitos passageiros.

Bem, existia uma ilha de St. Clement. Era grande, sim, segundo parecia, com muito tráfego saindo e querendo entrar. Alguns dos veículos que entravam eram também esquisitos. Muitos dos carros eram de linhas inusitadas, os caminhões muito singulares e havia até carroças puxadas a cavalo!

A ilha tinha também o ar de alguns dos passageiros .. Nunca parecia estar em foco além do terminal das barcas e as luzes dir-se-ia se moverem, de modo que onde eu julgava haver casas ou um motel, de repente elas estavam em outro lugar, com uma intensidade diferente. Eu dispunha-me a jurar que aquele motel tinha dois andares, posteriormente parecia mais para a esquerda, com quatro andares, depois mais para trás, bem posteriormente, e com um andar só.

Mesmo o farol mudou, quando deixávamos velozmente o porto.

Uma hora parecia muito alto, com uma casa na base, então, de repente, surgia baixo e atarracado, depois, apenas uma luz automática solta no mar, sem sinal de ilha.

Assim continuou na maior parte da viagem. St. Michael mais parecia uma cópia de carbono de Southport, os passageiros e os veículos igualmente estranhos, parecendo haver uma quantidade de funcionários alfandegários com uniformes diferentes arremessando-se por lá, sem tomar conhecimento algum de alguns veículos e limpando

outros.

A viagem de volta foi do mesmo modo estranha. A banca de jornais continha livros e revistas que podiam ser considerados no mínimo esquisitos, e jornais com nomes estranhos e cabeçalhos mais estranhos ainda.

Desta vez havia até índios a bordo, falando idiomas exóticos.

Alguns pareciam saídos direto das páginas do *Último dos Moicanos*, inclusive o selvagem corte de cabelo, outros vestidos de leve a pesado, apesar do fato de ser julho e estar muito quente e úmido.

E, logo antes de nos dispormos a transpor as marcas vermelha e verde e virar na direção de Southport, vi a garota morrer pela primeira vez.

Ela vestia uma camisa de malha vermelha, *shorts* amarelos e sandálias. Tinha longos cabelos castanhos, era muito baixa e gorda e usava enormes óculos de aro.

Eu não estava de fato prestando muita atenção, apenas a observava olhar pela amurada a esteira da embarcação, quando, antes que eu pudesse sequer dar alarme, ela de repente subiu no parapeito e mergulhou, rente à popa.

Berrei, ouvi seu corpo bater na água e em seguida ouvi seu uivo de terror quando ela caiu próxima o suficiente para que o sulco da hélice a apanhasse, embrulhando-a e cortando-a em pedaços.

Diversas pessoas no convés de ré fitaram-me com um ar irônico, mas apenas um ou dois pareceram ter noção de que uma garota acabara de morrer.

Pouca coisa eu poderia fazer, todavia corri até o comissário de bordo, ofegante.

Ele apenas moveu tristemente a cabeça.

- Calma, meu caro - disse ele com brandura. - Ela morreu e não adianta voltar para apanhar o corpo. Acredite-me, nós *sabemos*. Ele não estará lá.

Eu estava abalado, extremamente aflito. - Como sabe? - retruquei.

- Porque tentamos das últimas quatro vezes em que ela pulou e nunca encontramos o corpo, tampouco - retorquiu ele tristemente.

Eu tinha a boca aberta, pronto a replicar, dizer *alguma coisa*.

Mas ele ergueu-se, pôs o chapéu e o casaco de oficial, dizendo: - Desculpe-me, preciso ir cuidar da descarga - e saiu.

Logo que saí do navio, foi como se alguma espécie de vaga neblina se evolasse de mim. Tudo pareceu de repente brilhante e límpido e as pessoas e os veículos tinham aspecto normal. Dirigi-me ao terminal das barcas.

Quando eles acabaram de carregar e a embarcação havia saído de novo, esperei que o Sr. McNeil, o vendedor de passagens, retornasse ao seu guichê. O ambiente tinha aparência igual, na verdade, porém algumas coisas se diriam diferentes. Eu não conseguia precisar, mas *havia* algo de estranho - o apainelado antes fora de pau-rosa e agora era de nogueira. Pequenas coisas, porém inquietantes.

McNeil, o vendedor de passagens, regressou após vistoriar a descarga da embarcação. Ela seguia rumo quase regular, obedecendo ao horário.

Espiei pela janela, enquanto ele se aproximava, e avistei funcionários alfandegários uniformizados, fiscalizando os veículos desembarcados. Eles pareciam ter um uniforme diferente do que eu observara.

McNeil entrou e tive outra surpresa. Ele estava de barba. Não, tratava-se do mesmo homem, sem dúvida. Quanto a isto não havia dúvida. Mas o homem com quem eu conversara há menos de nove horas tinha o rosto raspado.

Voltei-me para onde se achava a carta de navegação, exatamente onde a deixara, ainda aberta na página de Southport.

Ela mostrava um trajeto de barca de Southport até uma ilha de St. Clement bastante real agora. Mas nada até Nova Scotia.

Voltei-me para o barbado McNeil, que me olhava com uma expressão levemente divertida.

- Que diabo está acontecendo aqui? - quis eu saber. Ele adiantou-se e sentou-se na sua cadeira giratória. - Quer o emprego? - indagou ele. - É seu, neste caso. Não pude aceitar sua atitude.

- Desejo uma explicação, com os diabos! - vociferei. Ele teve um riso abafado.

- Eu lhe disse que lhe daria uma se quisesse. Agora, vai ter de ser tolerante comigo, de vez que estou apenas repetindo o que a Companhia me informa e não estou certo, de minha parte, de ter tudo claro.

Sentei-me na outra cadeira. - Prossiga - disse-lhe.

Ele suspirou.

- Bem, comecemos por dizer que desde meados do século dezenove existe uma barca da Corporação Bluewater neste trajeto - no início a vapor e serviço de frete, é claro. A *Orcas* é a décima-primeira embarcação no serviço, tendo entrado há um ano e meio atrás.

Alcançou um cigarro, acendeu-o e continuou.

- Bem, seja como for, foi uma operação normal até por volta de 1910. Foi quando eles começaram a notar que suas contagens falhavam, que parecia haver mais passageiros do que os manifestos de carga assinalavam, diferença de frete e tudo o mais. Como a coisa continuava, as tripulações foram notando cada vez mais o tipo de coisa que você viu e tudo se perturbou também para eles. Southport era então um grande centro pesqueiro e de lagostas - ninguém mais faz isto, a economia toda é a barca.

Bem, em todo caso, chega uma hora em que um membro da tripulação endoida, diz que a mulher em sua casa não é sua esposa. Dias depois, um outro chega em casa e descobre que tem quatro filhos - e está casado há apenas uma semana. E assim por diante.

Senti minha pele começar a arrepiar-se ligeiramente.

- Então, eles tratam de enviar alguns figurões. Os homens são completamente birutas, mas *eles* acreditam no que afirmam. Dentro em pouco todos que trabalham nesta embarcação serão mal-assombrados, e isto não se pode deixar de levar em conta. Os especialistas saem num cruzeiro investigando e não conseguem encontrar nada de fantástico, no entanto membros da tripulação afirmam que se trata *mesmo* da mulher deles, ou do filho, ou quem mais seja. Difícil, todavia, arranjar tripulantes. Tivemos finalmente de recorrer a solitários - gente sem família, amigos ou laços pessoais mais próximos. A cada viagem, foi ficando pior. Foi um inferno conservar os homens, quanto mais recrutar novos.

- Quer dizer que a viagem enlouquece qualquer um? - perguntei, incrédulo.

Ele riu abafado.

- Oh, não. *Você* é bom do juízo. São os outros. E este o problema. E a cada temporada fica pior. Mas a viagem é *extremamente* lucrativa. Tentamos então adaptar a tripulação ao barco, na esperança de que haja aceitação. Caso assim aconteça, o emprego é dos melhores.

- Mas qual a causa disto tudo? - aventei. - Quero dizer, vi gente vestida exoticamente. Vi outros caminhando *através* deles! Cheguei a ver uma garota suicidar-se, sem que

ninguém parecesse notar!

O rosto de McNeil tornou-se sombrio.

- Então isto aconteceu de novo. Lamentável. Talvez algum dia haja alguma possibilidade de salvá-la.

- Escute - proferi, exasperado. - Deve haver alguma explicação para tudo isto. *Tem de haver!*

O vendedor de passagens encolheu os ombros e jogou fora a ponta de cigarro.

- Bem, alguns dos peritos da companhia estudaram o caso.

Declararam que ninguém pode dizer com certeza, mas a melhor explicação é a de que existem muitos mundos diferentes - Terras diferentes, pode-se dizer - todos existindo uns por cima dos outros, sem que se possa ver qualquer deles, afora aquele em que se está. Não me pergunte como isto é possível ou como eles surgiram assim, isto apenas *é*, eis tudo. Bem, eles dizem que em determinados mundos as pessoas não existem, e em outros estão em lugares ou fazendo coisas diferentes - como casar-se com algum outro ou lá quem seja. Em alguns, o Canadá ainda é inglês, em outros é uma república, em outros é um fragmentado punhado de países e em um ou dois é parte dos Estados Unidos. Cada um desses países tem uma história diferente.

- E este barco sozinho serve a todos eles? - retorqui, sem aceitar uma palavra dessa teoria louca. - Como isto é possível?

McNeil encolheu de novo os ombros.

- Quem sabe? Diabos, nem mesmo entendo porque a luzinha surge aqui quando dou um piparote no interruptor. E a maioria das pessoas entende? Só faço vender as passagens e baixar a rampa. Dou-lhes a versão da companhia, eis tudo. Eles dizem que existe uma ruptura - talvez uma entre muitas, talvez uma única .. Acontece apenas que o roteiro da embarcação segue paralelo a esta ruptura e isso nos permite ir por entre os mundos. Não uma embarcação, é claro, mas vinte, trinta ou mais, uma para cada mundo. Mas, conquanto obedeçam ao mesmo horário, sobrepõem-se parcialmente, interceptando a um ou mais dos outros. Se nos encontrarmos numa embarcação em todos esses mundos, então se verifica também intercepção. Qualquer um que coexista com a embarcação em múltiplos mundos poderá estar vendo e ouvindo não apenas aquele onde se encontra, como também o que se acha mais próximo. A percepção das pessoas se dificulta quanto mais distante do seu se encontra o mundo delas.

- E você acredita nisto? - indaguei-lhe, ainda incrédulo.

- Quem sabe? É preciso acreditar em *alguma coisa* ou então a gente enlouquece - retorquiu ele pragmaticamente. - Olhe, você chegou a St. Michael nesta viagem?

Assenti com a cabeça.

- Sim. Este lugar parece bom mesmo. Ele apontou para a carta de navegação.

- Procure achar. Não conseguirá. Atravesse Nova Brunswick e vá até o outro lado. Ele não existe. Neste mundo, a *Orcas* vai daqui até a ilha de St. Clement e retoma. Ouvi falar dentre a tripulação que às vezes Southport não existe, outras vezes é a ilha que não existe, e assim por diante. E há tantos países incluídos que não estou contando.

Meneei a cabeça, recusando-me a aceitar tudo isto. No entanto, não deixava de fazer alguma forma louca de sentido. Essas pessoas não se viam umas às outras porque se encontravam em mundos diferentes. A garota suicidou-se cinco vezes porque o fez em cinco mundos diferentes - ou teriam sido cinco garotas diferentes? Ficava também explicado assim o traje exótico, a mistura estranha de veículos, as pessoas e os sotaques.

- Mas como pode a tripulação ver gente de muitos mundos e não os passageiros? - perguntei-lhe.

McNeil suspirou.

- Este é outro problema. Temos de encontrar pessoas que estariam aqui, trabalhando na *Orcas*, em todos os mundos que percorremos. Há mais paralelos na vida das pessoas do que se possa pensar. Os passageiros - bem, eles geralmente não existem num determinado percurso exceto uma vez. Os muito poucos que não viajam em quaisquer dos mundos percorridos. Imagino que uma vez ou duas aconteça um passageiro interceptar, mas se assim for, nunca nos chegou ao conhecimento.

- E como pode ser que eu me encontre em tantos mundos? - indaguei-lhe.

McNeil sorriu.

- Você foi recrutado, sem dúvida. A Corporação despense um esforço imenso, intensivo, de recrutamento em torno de percursos de barcas e de membros da tripulação. Quando encontram um, como você, nas circunstâncias exatas em todos os mundos, eles o escolhem - a todos como você. E isto em serviços piores do que possa imaginar, de vez que a cada temporada uma ou duas novas Corporações Bluewater colocam barcas idênticas neste trajeto ou modificam ligeiramente as linhas e superpõem-nas. Temos de nos certificar, então, de que a tripulação atual possa também atendê-los, recrutando um seu igual nesses mundos.

Repentinamente estendi a mão, agarrei sua barba e dei um puxão.

- *Ai!* Maldição! - exclamou ele, e empurrou minha mão.

- D ... desculpe, eu ... - gaguejei.

Ele meneou a cabeça, em seguida sorriu.

- Está bem, filho. Você talvez seja a sétima pessoa a fazer isso comigo nos últimos cinco anos. Também imagino que haja muitas variedades de *mim*.

Pensei em todo aquele tráfego.

- Os outros têm conhecimento disto? - indaguei-lhe. - Quero dizer, existe alguma espécie de comércio oculto entre os mundos nesta barca?

Ele arreganhou um sorriso.

- Não tenho de lhe dar uma resposta - proferiu ele cautelosamente. - Mas, que importa. Sim, acho ... não, *sei* que há. Afinal de contas, a mudança de pessoas e de embarcações é constante. Move-se um ponto a cada viagem se todos vocês embarcam. Às vezes para cima, outras vezes para baixo. Se isto é verdade, e se eles podem recrutar uma tripulação que preencha os requisitos, por que não motoristas de caminhão? Há uma quantidade diabólica de tráfego de caminhão por aqui o ano inteiro, você sabe. No inverno não diminui. E alguns dos equipamentos são realmente um tanto estranhos na aparência. - Suspirou. - Sei apenas isto - dentro de algumas horas começarei a vender novamente passagens e venderei cerca de meia duzia para St. Michael - e *não existe St. Michael algum*. Ele não se encontra registrado sequer em meus horários ou mapas. Duvido se a Corporação é realmente quem negocia, talvez seja mais a intermediária. Mas é diabolicamente certo que eles não fazem seus milhões só à custa de passagens.

Era estranha a maneira como eu estava aceitando aquilo. De qualquer modo, parecia fazer algum sentido, mesmo com aquela loucura.

- E o que me impedirá de utilizar de algum modo meu conhecimento disto? - perguntei-lhe. - Talvez trazendo uma equipe de especialistas?

- Esteja à vontade - respondeu McNeil. - A menos que entrem em superposição, terão

uma viagem de barca boa e normal. E se puder ter vantagem, vá em frente, contanto que não interfira com o fluxo de dinheiro da Bluewater. A *Orcas* custa à companhia cerca de vinte e quatro milhões de *reais* e querem restituição.

- Vinte e quatro milhões *de quê?* - rebati.

- De *reais* - retorquiu ele, retirando da carteira uma nota. Olhei-a.

Olhei-a. Era impressa em vermelho e tinha o retrato de alguém muito feio rotulado como "Príncipe João XVI" e uma chancela oficial do "Banco de Nova Lisboa". Devolvi-a.

Em que país estamos? - indaguei, inquieto.

- Portugal - respondeu ele, com um ar despreocupado.

América portuguesa, na verdade, embora apenas nominalmente. Tantos ianques estão aí que nem se precisa mais falar português. Chegam a imprimir as notas daqui em inglês.

E, foi como ele disse. Inglês.

- E o melhor emprego do mundo em barca, mesmo assim - continuou McNeil. - Para gente sem laços, não há dúvida. Vai encontrar mais espécies diferentes de gente de mais culturas do que jamais poderá imaginar. Três travessias seguidas, três de descanso - numa vinte e quatro variações dessas cidades, todas notáveis. E um mês de folga no inverno para ver um pouco de um mundo diferente cada vez. Não importa se aceita a explicação - viu os resultados, sabe que digo a verdade. Quer o emprego?'

- Vou tentar - disse-lhe, fascinado. Não estava certo de que aceitara *de fato* a explicação, mas sem dúvida eu tinha ali algo de estranho e fascinante.

- Está bem, aqui estão vinte *reais* de adiantamento - disse McNéil, entregando-me uns purpúreos vinte da caixa de dinheiro. - Trate de jantar se não comeu na barca, passe uma boa noite no motel, depois esteja pronto para partir às quatro da tarde de amanhã.

Levantei-me para sair.

- Escute, Sr. Dalton - acrescentou ele, e voltei-me para encará-lo.

-Sim?

- Se, enquanto estiver em terra, se amarrar numa garota bonita e decidir se fixar, faça-o - *mas não volte para aquela barca!* Demita-se. Se não o fizer, ela terá um estranho pela frente e provavelmente jamais a verá novamente.

- Não me esquecerei - disse-lhe.

O emprego era tudo o que McNeil prometera e ainda mais. O cenário era espetacular, as pessoas um grupo sempre fascinante, mutável. Mesmo a tripulação mudara ligeiramente - um pouco mais baixos às vezes, mais gordos ou mais magros, barbas e bigodes iam e vinham com rapidez espantosa e os sotaques variavam imensamente. Não tinha importância, a gente se adaptava naturalmente, e todas as experiências a bordo transcorriam em comum, seja como for.

Passado algum tempo, era realmente como uma família unida. E havia também mulheres na tripulação, oscilando dos vinte a cinquenta e poucos, não apenas servindo comida ou no bar, como também no convés e em outros lugares mais. Vez por outra era um pouco perturbador, de vez que numa tripulação de 66, num mundo eram homens, no outro mulheres. A gente se acostumava até mesmo com isto. Talvez fosse mais perturbador para eles. Eram gente distinta, e *eles* não mudavam de sexo. As personalidades e as histórias tendiam a ser paralelas, todavia, com algumas poucas diferenças apenas.

E os passageiros! Alguns eram realmente espantosos. Até mesmo as estações eram diferentes para alguns deles, o que explicava as variações de trajés. Certamente o que constituía moda e conduta moral era extremamente diferente, tão diferente como o que eles comiam e os lugares de onde vinham.

E no entanto, estranhamente, as pessoas eram pessoas. Elas riam, choravam, comiam, bebiam, contavam anedotas - algumas bastante esquisitas, devo admitir - e tiravam fotografias como faziam todos os demais. Vinham de lugares onde os *vikings* fundaram Nova Scotia (chamada Vinland, naturalmente), onde Nova Scotia era francesa, ou espanhola, ou portuguesa, ou muito, muito inglesa. Até mesmo de um no qual Nova Scotia fora fundada por Lorde Baltimore e se chamava Avalon.

O Maine era também tumultuoso ou mais que isso. Havia duas nações índias governando-o, aos Estados Unidos, ao Canadá, à Inglaterra, à França, além de muitas variações, algumas das quais jamais consegui saber. Havia às vezes também uma diferença temporal - algumas pessoas eram bastante futurísticas, com dispositivos que escapavam à minha compreensão. Um dos caminhões que carreguei era movido a alguma espécie de energia solar e transportava uma carga de garçons robôs. Outros eram ultrapassados - ainda puxados principalmente a cavalos, além de carros e caminhões antiquados. Até mesmo agora não estou certo de que estivessem se afastando de nós a diferentes velocidades, ou se algumas invenções fossem de alguns lugares e não de outros.

E McNeil tinha razão. Cada nova temporada de verão tinha pelo menos um a mais. A barca chegava a ficar tão apinhada aos nossos olhos de tripulantes que tínhamos dificuldade em abrir caminho de uma extremidade à outra. Ver a saída dos camarotes era também tumultuoso - às vezes parecia número de circo, com 50 palhaços saindo de um Volkswagen.

E *existia* algum tipo de comércio entre os mundos. Tornou-se rapidamente claro que a Corporação Bluewater estava por trás da maior parte dele, sendo isto o que tornava a linha tão lucrativa.

E, uma vez apenas, sobreveio uma dor horrível, causticante, que atingiu toda a tripulação; um mundo moderno de que não mais tivemos noção, e uma determinada mudança da tripulação que nunca mais tornamos a ver. E os derradeiros jornais desse mundo referiram-se a uma guerra próxima:

Houve também uma pequena reviravolta na tripulação, é claro.

Alguns saíram de férias e nunca mais voltaram, outros voltaram, sem no entanto embarcar de novo. A companhia foi compreensiva e isso geralmente significava um pouco de trabalho adicional durante algumas semanas até a chegada de alguém novo.

As estrelas desmaiavam um pouco agora, e iluminei o local até junto da marca vermelha para o comandante. Ele reconheceu-a e fez sua entrada, as luzes de Southport aparecendo e encobrendo um pouco as estrelas.

Fiz mecanicamente as manobras, elevando a proa, quando o comandante atingiu a marca, soltando os cabos da proa, conferindo os desembarços e coisas assim. Eu pensava na garota.

Sabíamos que as vidas das pessoas costumam mesmo correr parelhas de mundo para mundo. Sete vezes, agora, ela viria a bordo, sete vezes ela olharia para a branca esteira e sete vezes pularia para a morte.

Talvez fosse o deslocamento temporal, talvez ela houvesse simplesmente atingido o mesmo ponto em diferentes estágios, todavia estava sempre ali e sempre pulava.

Eu trabalhava na *Orcas* há três anos, tivera algumas experiências estranhas, geralmente agradáveis. Pela primeira vez tinha um emprego de que gostava, alguma forma de família na tripulação e um sortimento sempre mutável de pessoas e lugares para um trajeto de barca de três pontos. Nesse período perdêramos um mundo e ganháramos três outros, pelas nossas contas. Isso perfazia 26 variantes.

Essa garota existiu em todas as 26? Interroguei a mim mesmo.

Seríamos submetidos àquela tristeza mais 19 vezes? Ou mais, ao colhermos novos mundos?

Oh, tentei encontrá-la antes que pulasse no passado, sim. Mas ela não se mostrara consistente, exceto quanto ao lugar que escolhera. Efetuamos três trajetos por dia, portanto eram seis por dia, mais ou menos. Ela fez aquilo em diferentes estações, em diferentes anos, vestida de maneira diferente.

Não era possível abrangê-las a todas.

Nem mesmo todas as realidades da tripulação de todos os mundos, embora eu soubesse que éramos essencialmente as mesmas pessoas em todos eles e que eu - os outros *eus* - também estava olhando.

Nem sequer sei por que estava tão fixado, afora que estivera naquele ponto, eu próprio, certa vez, e descobrira que se *poderia* prosseguir, vivendo com as cicatrizes emocionais, e encontrar uma vida.

Nem sequer sabia o que diria e faria se a tivesse *mesmo* visto antes. Sabia apenas que se houvesse feito, era danadamente certo que ela não haveria de ter passado por sobre a proa naquela viagem.

Enquanto isso, minha procura por ela quando eu poderia pagar outros dividendos. Evitei que algumas crianças insistissem nas suas brincadeiras infantis, como também a um bêbado, e descobri vários problemas de saúde enquanto observava as pessoas. Uma delas veio a ser uma mulher em adiantado estado de gravidez, e o primeiro piloto e eu fizemos nosso primeiro parto - nosso primeiro, mas o décimo-nono da *Orcas*. Ajudamos um bocado de gente, na verdade, numa quantidade de coisas diferentes.

Eles eram todos espectros, é claro. Costumavam entrar na embarcação sem que os víssemos, e desembarcavam para sempre, da mesma maneira. Havia alguns costumeiros, porém eram poucos. E, para eles, éramos uma tripulação de fantasmas que se encontrava ali para ajudar e servir.

Mas, aliás, não é assim que consideramos qualquer pessoa numa função de trabalho? Bombeiros são bombeiros, não indivíduos. E assim também garçons, tiras, garis e todo o resto.

Navegávamos do Ponto A ao Ponto C, parando em B, e isto constituía toda a nossa vida.

E então, num dia de julho do ano passado, localizei-a.

Ela acabara de embarcar em St. Clement - por isso é que não a notara antes. Entramos de marcha à ré em St. Clement, comigo nos cabos da proa. Mas estávamos com falta de pessoal, tendo acabado de perder um marinheiro de convés para um bem-apegoado indivíduo da Colônia Inglesa de Annapolis Real, e era a minha vez de dobrar o serviço. Portanto, ali, estava eu, dirigindo o tráfego do navio, quando vi passar aquela pequena camioneta de passageiros, arredondada, com *ela* dentro.

Mesmo assim quase que a perdia. Não esperava que estivesse com outra pessoa, outra mulher, e estávamos embarcando carga da existência de Vinland; por isso, em julho, elas encontravam-se mais precisamente em estado de nudez do que nunca, mas ainda assim a localizei, Jackie Carliner, uma das garçonetes e uma excelente artista, a desenhara na única vez em que vira a garota e fizemos cópias para todos.

Contudo, eu tinha primeiro que dar conta das minhas obrigações de carregamento - não havia mais nenhum outro. Mas, logo que nos encontramos de partida e eu havia levantado a rampa da proa, dirigi-me ao convés, para a cobertura inferior da popa. Retirei meu *walkie-talkie* do grampo do cinto e chamei o comandante.

- Senhor, aqui é Dalton - chamei. - Avistei a nossa moça suicida.

- Qual a outra novidade? - resmungou o comandante. - Já está sabendo do procedimento neste caso.

- Mas senhor! - protestei. - Quero dizer ainda viva. Ainda a bordo. O sol mal se pôs e estamos ainda a uma boa meia hora do ponto.

Ele compreendeu o que eu queria dizer.

- Muito bem - proferiu ele em tom firme. - Mas sabe que estamos com falta de pessoal. Porei desta vez Caldwell no posto da proa, mas acho bom que obtenha alguns resultados, do contrário lhe fornecerei tantos detalhes que não terá tempo de se meter na vida dos outros:

Suspirei. Comandar um navio como aquele empedernia a maioria das pessoas. Perguntei a mim mesmo se o comandante, com dezenove anos de serviço, sequer compreenderia por que me preocupava tanto em impedir que aquela garota que eu não conhecia se fosse.

Eu saberia, por falar nisso?

Observando as pessoas passarem, pensei nisso. Pensara muito nisso antes.

Por que eu me importava *mesmo* com essa gente sem rosto?

Gente de tantos mundos e culturas diferentes que bem poderiam ser de um outro planeta. Gente que estava pouco se importando comigo, que me olhava como um objeto, um zero, uma forma de serviço, como aqueles robôs a que me referi. Não se importavam comigo. Se eu estivesse encarapitado naquele parapeito, a maioria provavelmente berraria: "Pule!"

A maioria da tripulação também só se preocupava, até certo ponto, uns com os outros e com a *Orcas*, nosso rochedo de sanidade. Pensei naquele mundo, desaparecido em alguma fogueira atômica. Qual seria a medida do valor de um ser humano anônimo?

Pensei em Joanna e em Harmony. Com compaixão, sim; compreendendo, no entanto, que Joanna, pelo menos, era um vampiro. Ela precisava de mim, precisava de um rochedo para se apoiar, para desabafar, para se jactar. Alguém firme e compreensivo, alguém cujo jeito e personalidade sugeria firmeza. Ela nunca realmente sequer levava em conta que eu poderia ter meus próprios problemas, que a sua promiscuidade e o seu estilo de vida pudessem estar me ferindo - ela simplesmente nunca teve "*Consideração* comigo.

Como essa gente que passava agora. Se eles dessem uma topada, tivessem uma discussão, escorregassem, ou o barco afundasse, eles precisariam de mim. Até então, eu seria para eles apenas um autômato sem rosto.

Pronto a servi-los, a cuidar deles, se *eles* precisassem de alguém. E eis porque eu me encontrava ali, naquela espantosa friagem, fora, na popa, com o pescoço espichado um quilômetro, tentando evitar um suicídio que eu *sabia* que ia acontecer, *sabia* porque o

testemunhara três vezes anteriormente.

Eu era necessário.

Essa era a medida do verdadeiro valor de um ser humano, eu tinha a certeza. Não quantas pessoas atendiam às suas necessidades, mas quantas pessoas seria possível atender.

Essa garota. .. havia sido brutalizada, de algum modo, pela sociedade. Agora eu deveria fornecer alguma compensação.

Era a certeza disto que me impedia de me enviar pelos ares juntamente com a velha barca de Delaware, ou de me levar a pular eu próprio por cima do parapeito da popa.

Olhei, inquieto, em torno e depois à frente. Havia a luz de proa, elevada e imponente, desta vez na escuridão, do jeito que eu gostava. Julguei que me fosse quase possível divisar já as boias marcadoras. Comecei a ficar nervoso.

Tinha a certeza de que ela iria pular. Acontecera todas as vezes anteriores nossas conhecidas. Talvez, simplesmente talvez, julguei, nesta existência ela não tentará.

Eu mal tivera o pensamento me atravessando a mente quando ela surgiu da esquina do alojamento do convés e quedou-se no canto de estibordo, olhando para baixo. Ela sem dúvida parecia diferente desta vez. Sua longa cabeleira era loura, não escura, presa em grandes tranças que lhe desciam quase até a cintura. Ela usava apenas a tanga e a capa transparente de que os vinlandeiros gostavam, no verão, e trazia diversos braceletes de ouro em cada braço, soltos, eu sabia, e um colar de casamento em torno do pescoço.

Isso era interessante, achei.

Sua amiga, tão magra e pouco desenvolvida quanto ela era robusta, achava-se em companhia dela. A amiga tinha cabelos mais escuros, enrolados no alto da cabeça, sem colar de casamento, no entanto.

Aproximei-me devagar, mas não furtivamente. Como disse, ninguém nota o tripulante de um barco, ele faz parte dele.

- Uolhe, nuon está querendo mesmo alguma bebida? - indagou a amiga, naquele sotaque curioso que os vinlandeiros haviam adquirido através da poluição cultural com o inglês e o francês dominantes.

- Nuon, suó quieria chierar a espuma - retorquiu a garota. - Vá em frente. Vuou dipois antes do buarco atracar.

A amiga mostrou-se hesitante, percebi-o no seu jeito. Igualmente percebi, no entanto, que ela iria em frente, em parte porque estava friorenta, em parte porque achava que deveria demonstrar confiança à garota.

Ela retirou-se. Eu me mostrava ocupado, examinando os suportes da escada para o segundo convés, e ela não me deu a mínima atenção.

Havia alguns outros no convés, porém a maioria se adiantara para nos ver entrar, e o casal vestido inteiramente de preto sentado ali no banco estava invisível para a garota, como ela também para eles. Ela baixou o olhar. para as águas escuras e começou a avançar mais para o lado estibordo da esteira das máquinas, passando depois um pouco, quase até o centro. A parte superior do seu tronco não se moveu, porém divisei um pé nu e sujo passar por cima da amurada inferior.

Aproximei-me fortuitamente. Ela ouviu e voltou-se ligeiramente para ver se seria alguém com quem precisasse se preocupar.

Cheguei até ela e quedei-me ao seu lado.

- Não faça isto -:- disse baixinho, sem olhar diretamente para ela. - E um modo

danadamente egoísta de proceder.

Ela deu um pequeno arquejo e voltou-se, espantada, para mim. - Como ... como conseguiu ... ? - balbuciou.

- Sou veterano em suicídios - disse-lhe, o que não era mentira. Joanna, depois quase eu, depois esta garota outras três vezes. - Eu realmente não iria ... - ela começou, mas eu a interrompi.

- Sim, iria. Você sabe que sim e eu também. A única coisa que você sabe e eu não é o *porquê*.

Estávamos imersos na luz da proa agora. Se conseguisse mantê-la falando por mais alguns minutos, passaríamos pelas marcas do canal, diminuiríamos a marcha para fazer a volta e atracar. A volta e a diminuição da marcha tornariam impossível que ela fosse apanhada no sulco da hélice, e, pareceu-me, o ciclo seria quebrado, pelo menos para ela.

- Por que sie importa? - indagou ela, voltando-se novamente para olhar o mar escuro, apenas ligeiramente iluminado pela luz que retrocedia rapidamente.

- Bem, em parte porque se trata do meu barco, e não me agrada que coisas como estas aconteçam nele - disse-lhe. - Em parte porque passei por isto e sei como o suicídio é brutal.

Ela me olhou com um ar estranho.

- Cuoisa iesquisita para sie dizier - retorquiu. - ié suó um pulo rápido e psst! Tudo sie acabou.

- Está enganada - disse eu. - Além do mais, por que alguém tão jovem haveria de querer acabar com tudo?

Tinha um ar sonhador no semblante e na voz. Começava a anuviar e fiquei preocupado de transferir de algum modo para um nível de mundo diferente ao nos aproximarmos da praia.

Mieu marido - tornou ela. - Goldier iera o sieu nome. -

Tocou com o dedo o colar de casamento em torno do pescoço. - Tuão juovern, tuão bonito. - Virou rapidamente a cabeça e olhou-me. - Suabe o quie é sier guorda e fieia e mieia ciega e die riepenste tier as atienções do mielhor duos huomens, quieriendo cuasar cuom vuocê?

Reconheci que não sabia, sem no entanto mencionar minhas experiências.

- O que aconteceu? Ele deixou-a? - indaguei. Surgiram lágrimas nos olhos dela.

- Sim, die cierto muodo sim. Goldier puluou de um iedifício de vinte anduares, fuoi o que iele fez. ie fuoi minha culpa, sabe. ieu dievieria iestar lá. Uou talvez nuon tenha Ihie duado uo que iele priedisava. Nuon siei.

- Então você, mais do que qualquer pessoa, sabe como é brutal um suicídio - retruquei. - Veja o que ele fez com você. Você tem amigas, como a sua amiga aqui. Elas se interessam por você. Isto irá feri-las. tanto quanto o de seu marido a feriu. Esta moça que está com você há de se sentir culpada de tê-la deixado sozinha pelo resto de sua vida. - Ela tremia agora e realmente não era da friagem, e passei o braço em seu redor. Onde, diabo, estavam aquelas luzes das boias?

- Vê como é cruel? O que o suicídio faz com os outros? Deixa uma herança de culpa, em grande parte falsa. E outros poderão precisar de você alguma vez, para que os ajude. Alguém poderá morrer porque você não se achava lá.

Ela olhou-me, depois pareceu desfazer-se, cair num crescendo de lágrimas, e sentou-se no convés. Ergui o olhar e avistei as boias vermelha everde à ré, senti as máquinas

diminuírem a marcha, senti a *Orcas* dar a volta.

- *Ghetta!* - A voz era um grito agudo na noite. Olhei e vi a amiga dela correndo em nossa direção escada abaixo. Angústia e preocupação estavam no seu rosto aflito, e havia lágrimas em seus olhos. Ela curvou-se sobre a garota ainda soluçante. - Nuon dieveria nunca tiê-la dieixado! - soluçou ela e abraçou a garota.

Suspirei .. A *Orcas* fazia agora sua aproximação do cais, o soar das si netas indicando que Caldwell conseguira elevar a proa sem nos espatifar de encontro ao dique.

- Mieu Dieus! - praguejou a amiga, depois ergueu para mim o olhar. -Cuonsieguiu dietê-la? Cuomo jamais ...

Mas as duas já tinham aquela dupla imagem etérea e estranha em torno delas, ambas desvanecendo numa existência diferente da minha.

- Não se esqueçam de que existem um milhão de Ghettsas lá - disse-lhe eu. - E poderão construí-las ou acabar com elas.

Voltei-me e afastei-me, enquanto ouvia o grato baque e a ligeira sacudidela da barca encaixando na rampa. Detive-me e olhei para a popa, mas não vi ninguém. Ninguém estava ali.

Quem eram os fantasmas? cismeí. Essas mulheres ou a tripulação da *Orcas*? Quantas vezes centenas de pessoas de diferentes mundos coexistem neste barco sem saber?

E além do mais, quantas vezes pessoas no *mesmo* mundo coexistem sem se conhecerem ou se preocuparem umas com as outras? - Sr. Dalton! - irrompeu uma voz no meu *walkie-talkie*.

- Senhor? - acudi.

- Foi bem? - augurou o comandante.

- Desta vez não houve gritos, comandante - disse-lhe eu, com satisfação na voz. - Uma jovem estará viva.

Houve uma longa pausa e, por um instante, julguei que ele poderia ser na verdade humano. Em seguida ele fuzilou:

- Há oitenta e seis veículos enfileirados ainda à espera para serem descarregados, e preciso lembrar-lhe que estamos com falta de pessoal e em horário rigoroso?

Suspirei e pus-me a caminhar depressa. Serviço era serviço e eu tinha um mundo inteiro de veículos para jogar fora do convés, a fim de poder pôr para dentro mais um outro.

HISTORIAS DE ADVERTENCIA

Larry Niven

O autor vendeu sua primeira história em J 964. Desde então, ele tornou-se mais conhecido por suas séries do "espaço conhecido", que atingiram um clímax notável com a novela Ringworld. Recentemente tem trabalhado com o Dr. Jerry Pournelle em colaborações como The Mote in God's Eye e Lucifer's Hammer. Eles se acham trabalhando em outra, tal como essas, enquanto o Sr. Niven dentro em breve terminará uma continuação de Ringworld.

Mais alto do que um homem, mais magro do que um homem, com o pescoço comprido e os olhos distanciados, a criatura, mesmo assim, parecia um homem. Os raios cósmicos haviam lhe tirado sua crosta de cor, deixando um colar cinza-esbranquiçado em torno da base do seu crânio e à volta das duas orelhas. Sua pele rosa-pastel estava muito enrugada e marcada com manchas escuras. Ele se conduzia como algo precioso e frágil. Vinha atravessando a sacada em direção a Gordon.

Gordon trouxera da Embaixada seu almoço acondicionado.

Comeu sozinho. A paisagem de borbulhas encaracolava-se por sobre sua cabeça: um parque amarelo-escarlate, com prédios cor de ardósia abaulando-se no topo. Embaixo da sacada, espriavam-se estrelas padronizadas por baixo de vários quilômetros quadrados de janelas. Havia uma dúzia de variedades de alienígenas na sacada pública, pelo menos dois dos quais haveriam de ser favoritos ou simbiotas de outros alienígenas, não havendo humanos afora Gordon. Ele ficou imaginando se o antigo humanoide haveria de ressentir-se com o seu olhar ... o olhar preso de fervor enquanto a criatura parava diante de sua mesa.

- Permita-me violar sua intimidade?

Gordon assentiu com a cabeça, o que poderia ser mal interpretado, por isso ele acrescentou:

- Obrigado pela companhia.

O alienígena agachou com cuidado até sentar-se de pernas cruzadas sobre a mesa.

- Espero nunca morrer - proferiu.

O coração de Gordon pulou-lhe na garganta.

- Não estou percebendo o que está querendo dizer - disse ele cautelosamente. - Trata-se da Fonte da Juventude?

- Pouco me importa que forma tome.

O alienígena expressava-se bem na Linguagem do Comércio, mas a sua garganta forasteira acrescentava um estalido de castanho-la. - Nossa tradição não dispõe de reservatório algum. Quando aprendemos a atravessar por entre as estrelas, descobrimos a lenda da imortalidade onde quer que houvesse seres pensantes. Qualquer que seja sua forma, tamanho ou inteligência, quer fabriquem seus mundos ou apenas potes de barro,

todos narram histórias de gente que viveu para sempre.

- E difícil não ficar cismando se eles têm alguma base - Gordon animou-o.

A cabeça do alienígena virou rápido e distante o suficiente para quebrar o pescoço de um homem. Os caroços proeminentes saltitan-do-lhe na garganta eram de forma alienígena: não era o pomo de Adão, mas o de algum outro.

- Deve ser assim. Pesquisei tempo demais para que seja falso.

Você acaso terá descoberto indícios do segredo de se viver para sempre?

Gordon pesquisava quando podia, quando seu serviço na Embaixada lhe permitia. Houvera boatos em torno dos *ftokteeks*. Gordon seguira o rastro dos boatos para fora do espaço humano, em direção ao núcleo galáctico e ao Império *Ftokteek*, até aquela sede das reuniões de formas de vida de semelhantes onde os *ftokteeks* dominavam, aquela nuvem de mundos-bolhas de gravidades e atmosferas variadas. Gordon estava na meia-idade agora, e o Sol era invisível mesmo para os telescópios de órbita, e os *ftokteeks* morriam como os demais.

- Temos as lendas - disse ele. - Procure-as na biblioteca da Embaixada Humana. Ponce de Leon, Gilgamesh, Orfeu, Titônio e ... todos os nossos deuses viviam para sempre, a não ser que morressem através de violência, e alguns se recuperavam disso. Algumas religiões asseveram que uma parte de nós continua vivendo após morrermos.

- Vou à sua biblioteca amanhã - declarou o alienígena, sem grande entusiasmo. - Têm apenas lendas?

- Não, mas ... será que as outras espécies narram histórias de advertência?

- Não compreendo.

- Algumas de nossas lendas dizem que não se viverá para sempre. Titônio, por exemplo. Uma deusa concedeu-lhe o dom de viver para sempre, mas esqueceu de mantê-lo jovem. Ele definhou até se tornar um lagarto. Adão e Eva foram exilados por Deus. Ele recebeu que eles aprendessem o segredo da imortalidade e se julgassem tão bons quanto Ele. Orfeu tentou trazer de volta, dentre os mortos, uma mulher. Algumas das histórias dizem que não se pode alcançar a imortalidade, outras dizem que se enlouqueceria de tédio.

- Os contadores de histórias desdenham a imortalidade porque não podem alcançá-la - ponderou o alienígena - Será despeito? Será possível que seres imortais andaram outrora no seu meio?

Gordon riu.

- Duvido. Foi por isso que veio me procurar?

- Vou a mundos onde muitas espécies têm encontro. Quando vejo uma criatura nova para mim, então pergunto. Às vezes consigo perceber outros como eu, que não querem morrer nunca.

Gordon baixou o olhar pela borda do balcão, descendo da grande janela até o listrado planeta jupiteriano que continha aquela multidão de mundos-bolhas em sua órbita. Ele vinha ali todos os dias. Não era de admirar que o alienígena o escolhera. Ele vinha porque não conseguia comer com os outros. Eles consideravam-no maluco. Ele julgava-os umas efeméridas, com a sua atenção sempre voltada para o momento que passava, sem pensamento algum para o futuro. Ele se considerava como uma efemérida ambiciosa, e comia sozinho.

O alienígena estava dizendo:

- Quando eu era jovem, procurei o segredo entre as espécies mais adiantadas. Os

grandes impérios interestelares, os construtores de mundos artificiais, as criaturas que mineram as estrelas atrás de elementos e enviam naves através do universo à procura de cada vez mais conhecimento, que criam sua própria imortalidade. Mas eles morrem assim como eu e você. Algumas raças vivem mais do que a minha, mas todas elas morrem.

- Os *ftokteeks* têm uma biblioteca computadorizada do tamanho de um pequeno planeta - disse Gordon. Pretendia ir lá algum dia, se vivesse o suficiente. - Ela deve estar a par de praticamente tudo.

O alienígena respondeu com uma reprimida risada sussurrada.

- A biblioteca dos *ftokteeks* não é maior do que uma lua. Nada me forneceu de aproveitável.

O mundo listrado passou fora das vistas.

- Passei a examinar então entre os primitivos - disse o alienígena - que vivem mais chegados às suas lendas. Eles morrem. Quando pensei em falar com seus fantasmas, nada aconteceu, embora eu utilizasse as técnicas deles. Posteriormente explorei as proximidades dos buracos negros e outros estranhos bolsões do universo, na esperança de que existissem lugares onde a entropia se invertesse. Nada encontrei. Estudei as matemáticas que descrevem o universo. Aprendi um grande número de sistemas matemáticos e nenhum contém qualquer esperança de inversão de entropia, natural ou provocada.

Gordon observou as estrelas passarem sob seus pés.

- Relatividade,- proferiu ele . . .- Costumávamos pensar que se viajando mais rápido do que a luz, o tempo se inverteria.

- Conheço oito sistemas de viajar mais rápido do que a luz ...

- Oito? O que mais existe além do nosso e da propulsão dos *ftokteeks*?

- Há seis outros. Utilizei-os todos e sempre cheguei mais velho.

Meu tempo é insuficiente. Nunca explorei os quasars e atualmente não viveria o suficiente até alcançá-los. O que mais resta? Venho procurando há quatorze mil anos ... - O alienígena não notou quando Gordon emitiu um som sibilante característico. - ... pela nossa contagem. Menos na sua, talvez. Nosso mundo vem se aconchegando mais a um sol mais frio do que este. Nosso ano tem vinte e um milhões de segundos padronizados.

- O que está *dizendo*? O nosso tem apenas trinta e um milhões ...

- Minha idade atual é trezentos e trinta e seis ponto sete bilhões de segundos padronizados, segundo a contagem padronizada dos *ftokteeks*.

- Dez mil anos terrestres. Mais!

- Longos demais. Nunca me casei. Ninguém traz meus genes.

Agora ninguém jamais os trará, a menos que eu me torne jovem novamente. Resta pouco tempo.

- *Mas por quê?*

O alienígena mostrou-se surpreso.

- Porque não é suficiente. Porque tenho medo de morrer. Tem vida curta, então?

- Sim - respondeu Gordon.

- Bem, tenho viajado com companheiros de vida curta. Eles morrem, eu lamento. Preciso de um companheiro com a força da juventude. Minha nave espacial é melhor do que qualquer outra que você pudesse dirigir. Poderá aproveitar a minha pesquisa. Respiramos uma mistura atmosférica semelhante, nossos corpos utilizam os mesmos produtos químicos, buscamos o mesmo tesouro. Vai aderir à minha busca?

-Não.

- Mas ... Percebi que você almeja a imortalidade, nunca me engano. Não está sentindo a certeza de que existe um modo de contrariar a entropia e viver para sempre?

- Eu costumava achar isto - disse Gordon.

Pela manhã ele arranhou passagem de volta para o sistema do Sol. Dez mil anos não bastavam ... uma vida inteira não bastava, a menos que se a vivesse de modo a torná-la suficiente.

CARRUAGEM SEM CAVALO

Michael A. Banks

o Sr. Banks, agora com 26 anos, mora em Ohio, É casado, com dois filhos. Além de escrever - na maioria artigos sobre assuntos que vão desde automóveis elétricos a jogos eletrônicos - ele viaja pelo meio-oeste, cuidando da manutenção de vendedoras automáticas. Esta história é o seu solo em venda de ficção.

Eu estava folheando a correspondência matutina, na esperança de encontrar alguma coisa afora esses inúteis dispositivos de energia solar que todos viviam roubando uns dos outros, quando ouvi a porta do gabinete de fora se abrir. Ergui o olhar e vi Karl Epworth, com a sua habitual aparência melancólica, num casaco de pano de lã axadrezado fora da moda.

- Bom-dia ... - comecei; em seguida abaixei-me rápido, quando ele me atirou uma coisa do tamanho de um maço de cigarros.

Fosse o que fosse, não me atingiu, no entanto. Ao vir na minha direção, elevou-se até o teto, bateu no reboco com um pequeno estalido, e ficou ali, zumbindo. Olhei para aquilo, de boca aberta, depois voltei os olhos para Epworth. Ele retirou outra caixa e largou-a. A caixa caiu para cima.

Fiquei aturdido, no mínimo. Mas isto não significa que o meu cérebro se tenha desorientado. Eu já estava tentando uma avaliação do valor potencial do que evidentemente era um dispositivo antigravitacional viável. Essa maneira de pensar constitui para mim uma ação reflexa - vendo ideias Pessoas como Epworth inventam coisas e depois trazem suas ideias para mim, porque não possuem o menor tino para negócios.

Ouviram falar de StikSand? Talvez seus filhos tenham alguma. É um negócio que parece e atua como areia, mas não é. São pequenos grânulos de qualquer coisa com "polaridade molecular aumentada". Alguma coisa nesse sentido. O fato é que as crianças brincam com isto da mesma maneira que o fariam com areia verdadeira - até mesmo dentro de casa - e quando chega a hora de limpar, pode-se apanhar o monte inteiro num bloco só Grande idéia, hein? Epworth descobriu isto, juntamente com vários outros dispositivos que se revelaram razoavelmente lucrativos. E de imediato tirei minha comissão.

Mas de tudo o que ele fizera antes, nada era comparado com isto. Caso minha estimativa estivesse, ainda que aproximadamente, correta, só a minha comissão seria maior do que o total de todas as suas ideias anteriores combinadas.

- Com licença - disse Epworth, puxando uma cadeira para onde pudesse subir nela e alcançar a segunda caixa.

Controlei-me, na esperança de que os prenúncios de dólares não cintilassem com demasiada evidência em meus olhos.

- Então - proferi - qual é o truque? Jatos de ar? - Não conseguia ver quaisquer sinais de impostura, mas tinha de me fazer de cético - por garantia e para pôr Epworth no lugar onde eu queria. Coisa grande como aquela pedia mais do que os dez ou quinze por cento habituais.

- Experimente você mesmo - disse ele, atirando-a para mim. Não me mexi desta vez, ela quase me pegou no nariz. Era mais pesada do que deveria, talvez uns dois ou três quilos, e feita de algum tipo de plástico duro e transparente. Manuseei-a desajeitadamente, à procura de um interruptor.

- Segure pelas extremidades - recomendou Epworth - e empurre.

Foi o que fiz, e a caixa vergou ligeiramente com um estalido em surdina. De repente passou a não ter peso algum. Soltei-a e ela foi se juntar à sua igual no teto. Trepei na cadeira, peguei-a e tentei novamente ... e novamente ... e novamente.

Epworth deixou-se cair na cadeira em frente à minha mesa. - Que tal *isto*? - indagou, retirando um destes cigarrinhos de filtro que ele fuma.

- Karl - disse eu, jogando a caixa de volta para ele - tem idéia do que temos aqui? - Sabia que ele tinha, ostentava um ar enfatuado. - Podemos ... - parei. O que poderíamos fazer com aquilo exatamente? A aplicação óbvia seria o transporte.

- Escute - perguntei - de que tamanho poderá fazer isto?

Grande o suficiente para levar passageiros e carga?

- Bem ... - estremeci quando ele disse isto. Sabia que ele estava buscando uma maneira de fazer uma coisa ruim parecer boa. - "Bem", o quê?

- O campo paramagnético é limitado, compreende. - Olhou em torno da sala, evitando meu olhar. - Ele obedece à Lei do Quadrado Inverso relativamente à intensidade, naturalmente, e a força do campo decai drasticamente quando ele é expandido. Existe também o problema de um quase-efeito em níveis de energia eletrônica, que ...

- Está bem, está bem, acredito em você. - Interrompi-o antes que me sentisse perdido. Entre outros defeitos, Epworth tem o hábito irritante de supor que todos sejam tão instruídos quanto ele. Quando o conheci, ele declarou vagamente ser professor de física em algum lugar. Informe-me uma vez sobre ele, por curiosidade, e descobri que era secretário de conselho de administração das escolas públicas locais. Mas talvez tivesse sido *mesmo* professor de física outrora. Assim se explicaria toda aquela erudição peso-pesado que vive jogando em cima da gente, a não ser pelo fato de que nem sempre parece estar entendendo o que diz. Ou talvez tenha contato direto com extraterrenos que lhe fornecem ideias. Não sei.

Outra idéia atingiu-me.

- Eis a perspectiva perfeita - disse eu. - Brinquedos. Parece que estou vendo neste instante ... discos voadores de brinquedo. Bonecas voadoras. Helicópteros. E perfeito!

Meia hora depois eu o conduzia através do gabinete da frente e pela porta afora. Ele deixara atrás uma das caixas e a sua assinatura num contrato que nos dava uma participação meio a meio nos lucros totais das caixas antigravitacionais.

- Entrarei em contato com você dentro de uma semana ou duas, Karl - disse-lhe eu, dando-lhe o meu aperto de mão de parceiros no crime número dois. - Terei de fazer

alguns contatos, conseguir a melhor transação, você sabe, e isto demandará alguns dias.

- Muito bem, John, você é o especialista. - Ele acenou jovialmente e fechei a porta atrás dele, na esperança de que não tivesse ressentimento algum com respeito àquele contrato, que estava cheio de pontos controvertidos.

Com o decurso dos acontecimentos, tive de mantê-lo à parte mais duas semanas. Os primeiros cinco fabricantes de brinquedos que contratei - inclusive o aparelhamento por mim licenciado à StikSand - recusaram-se a ter contato comigo, uma vez que me referi à antigravidade. Calei-me a respeito disto quanto ao sexto e abri caminho para encontrar o chefe da **R&D**, ameaçando levar a litígio o que dispunha.

- Espero que isto valha o meu tempo, Sr. Higgen - anunciou Reynolds, o homem da **R&D**, quando entrei no seu gabinete. - Estou muito ocupado nesta época do ano, de vez que ...

Eu tinha a caixa pronta e arremessei-a na direção dele, da maneira que Epworth fizera comigo. Deu resultado. Reynolds ficou embasbacado e de dedo apontado, enquanto eu subia na mesa e puxava a caixa para baixo. Em seguida ele conseguiu falar.

- Formidável, homem! - exclamou. - Como consegue fazer isto?

- Fácil - retruquei - é a antigravidade.

- Certamente - riu ele. - Na verdade, como consegue? São ímãs? E CO₂? O que é?

- E a antigravidade, como disse. Não sei de todos os detalhes, mas o inventor pode fornecer ...

- *Senhor* Higgen, já lhe disse, estou ocupado e não tenho tempo para brincadeiras. Como isto funciona?

- Trata-se de algo denominado "campo paramagnético". Terei satisfação em trazer aqui o inventor para que lhe forneça mais informações. - Pareceu-me estar perdendo a questão.

- Mas é coisa autêntica - concluí, em tom pouco convincente.

- Ah! Olhe, não sei que tipo de conversa fiada está querendo meter, mas aqui não vai pegar. Antigravidade? lá temos um disco voador que faz este truque - com o CO₂, e isto é que suspeito que esteja usando, embora sua engenhoca funcione melhor do que a nossa. Mas - ele inclinou-se na minha direção - ainda que isto *seja* algo de original, não posso cornprá-lo .. Não sem saber exatamente o que seja e como funciona.

Atravessou o aposento atrás de mim e abriu a porta.

- Olhe, a menos que tenha uma explicação melhor do que "antigravidade", não creio que estejamos interessados. - Olhou-me com um sorriso de escárnio. - Ou talvez tenha uma máquina do moto-contínuo para vender?

Saí com - o rabo entre as pernas.

Tentei uma abordagem diferente na próxima companhia, pondo de lado a teatral idade amadorística e confiando na minha capacidade de vendedor. Preparei de antemão uma meia hora inteira de apresentação, fulgurante de qualificativos e de afirmativas. Um vendedor de enciclopédias não poderia ter feito melhor, eu sabia - eu tinha sido um deles.

Mas o sujeito com quem falei na Brinquedos e Artes Mecânicas Arista deveria também ter sido um deles. Cortou meu papo escolado antes que eu chegasse aos qualificativos.

- Antes que se envolva demasiado - interrompeu-me, no meio de meu discurso de abertura -, tenho um comentário a fazer. Se precisa dar tão duro assim para vender seu peixe, não deve valer grande coisa.

Saí depressa de lá, antes que ele tentasse vender a *mim* alguma coisa.

A situação tornava-se cada vez pior. Eu tinha um amigo no departamento técnico de

um dos principais estúdios da costa oeste, e então lhe dei um telefonema rápido, fornecendo-lhe um esboço da idéia. Ele mostrou simpatia, mas ...

- Antigravidade, é? Parece formidável, mas já temos isto.

- O quê?

- Sem dúvida. jatos de ar, ímãs, arames finos e outras coisas parecidas. O negócio é o seguinte, John: ninguém irá pagar bom dinheiro por algo de que já se está por dentro.

Reconheci que ele tinha certa razão.

- Mas isto não é truque! Não está vendo?

- Lamento, John - disse ele. - Lamento mesmo. E acredito em você, o fato é que não posso aproveitar isto e ninguém no ramo irá fazê-lo tampouco. E um truque interessante, mas ...

Fiz algumas tíbias tentativas junto a alguns distribuidores de novidades, mas a resposta foi a mesma. "Interessante, mas ... ". E, sob todas as recusas polidas, percebi uma forte corrente de suspeita.

As pessoas temiam ser envolvidas por algo que não conseguiam compreender.

E, para piorar as coisas, Epworth passou a insinuar um cancelamento do contrato - o que poderia fazer, de vez que havia uma cláusula relativa a não-cumprimento.

Devo ter realmente entrado em desespero, então, pois fiz algo que jurara jamais fazer. Fiz Epworth estabelecer um esquema compatível com a produção em massa e, utilizando os fundos operacionais no negócio e a maioria das minhas economias pessoais, consegui cinquenta mil caixas fabricadas.

Eu fornecera a Epworth um vago esquema de uma rede de distribuição organizada através de alguns atacadistas com quem eu mantinha contato, mas na realidade eu pouco fizera além de refletir sobre isso. Estava firmemente decidido a me opor a que alguém se apossasse da idéia de que eu houvesse dito a Epworth alguma coisa, no sentido de conservar o contrato. Quando as caixas se encontraram seguras num depósito alugado, mesmo assim comecei a me preocupar. Enquanto eu esperava por elas, honestamente tentei organizar a distribuição, mas ninguém iria trabalhar comigo. E me defrontava com o mesmo vácuo de credibilidade.

A solução veio uma noite quando eu estava fechando o escritório. Eu ficara até tarde, pensando no problema, e finalmente desistira por aquela noite. Quando atravessava o gabinete externo em direção à porta da rua, divisei uma revista deixada por minha secretária sobre sua mesa.

Não se tratava de nenhuma dessas coisas esotéricas, repletas de artigos sobre fenômenos psíquicos e assuntos correlatos, visando a convencer as pessoas que já acreditavam nessas bobagens de que estavam certos nas crenças. Peguei-a, tencionando colocá-la numa gaveta, mas comecei a folheá-la, por curiosidade.

Surpreendi-me com a quantidade de anúncios que tinha, todos dirigidos ao público, é claro. Havia propaganda de tudo, desde amplificadores de PES a cursos sobre levitação. E surpreendente o que as pessoas se dispõem a comprar, pensei. Pode-se vender tudo, contanto que se atinja o mercado certo ...

Não fui para casa naquela noite. Permaneci no escritório escrevendo e reescrevendo um anúncio. Na manhã seguinte, encomendei exemplares de determinadas revistas, e naquela tarde conseguira afixar trinta e um anúncios, a serem publicados dentro de três

meses.

Tratava-se de um período longo, mas valia a pena.

Provavelmente devem ter visto os anúncios. Às vezes eles saem assim:

SEGREDOS DA ANTIGUIDADE REVELADOS!

Forças misteriosas utilizadas pelos Arquitetos Antigos poderão estar ao seu alcance!

Apenas \$5.95

Ou, dependendo da publicação, podemos usar algo assim:

OVNIs

Dispositivo secreto de propulsão disponível.

Levitação verdadeira/flutua realmente como um disco voador. Princípio interessante, descoberto por antigos cientistas, somente agora revelado.

De uma maneira ou de outra, a mensagem é a mesma: não se trata de coisa nova ou estranha, é apenas como todas as outras coisas esdrúxulas encontradas no verso das revistas há anos. Uma espécie do mesmo princípio que resultou nos primeiros automóveis serem rotulados de "carruagens sem cavalo". Basta chamar alguma coisa pelo seu nome familiar ou apresentá-la de modo familiar, que será aceita.

Pedidos estão chegando de um lado e de outro agora, e estamos num novo fluxo de produção, procurando tirar proveito disto antes que algum jovem inteligente nos alcance.

Uma coisa, no entanto, me vem perturbando. Existem tantos outros anúncios como os nossos no verso dessas revistas e não posso deixar de imaginar se alguns desses dispositivos de energia livre ou de tele-transporte serão reais. Por isso enviei alguns pedidos aqui e ali, só 'para verificar as coisas. Quem sabe? Talvez haja mais alguns inventores por aí dispostos a empregar um bom gerente de negócios ...

MENSAGEM PARA MIM MESMO

Diana L. Paxson

A autora atualmente vive de escrever matérias a respeito de educação. No passado fez tudo, desde avaliação escolar a educação profissional de crianças índias. Ela começou a escrever a fim de restaurar sua fé na língua inglesa, após ver o que os educadores profissionais faziam com ela. Esta história é a sua segunda venda de FC, mas talvez seja a primeira a ser publicada. Ela está também trabalhando numa série de quatro novelas de fantasia, passadas num reino da Califórnia do Norte, 500 anos no futuro. Ela e o seu marido, Jon DeCles, têm dois filhos, !Ian e Robin.

Para: O Comandante da lagarta Polifemo, Equipe Pioneira Ciardan t, Reichenbach V.

Senhor: Seria grato se pudesse enviar este carretel ao Segundo-Tenente Harry Lowe pelo próximo robô. Codifique-o para o A.P.S. Belshazzar, Dique Targen "L ", Centro. Pagamento contra entrega.

Obrigado.

Alô?

Céus, que embaraçoso! E eu que imaginava ter tanto a dizer ... Pelo menos a lagarta é comprida o suficiente para que eu tenha um compartimento para mim. E. melhor assim. Ia ser difícil sentar ali com os ciardanos, e não posso culpá-las. Como é possível reagir a uma mente masculina num corpo feminino - o corpo do criminoso que quase matou-os a todos e a mente da pessoa que os salvou, todos num só? Não admira que se mostrem confusos. Vez por outra experimento uma estranha sensação, como aquela ondulação na percepção durante a Mudança. Mas sei que não terei de agüentar isto por muito tempo.

Eles sem dúvida se mostraram suficientemente generosos - espreguiçadeiras, um auto-ingestor, um riscador, um áudio. Pensando nisso, esta deve ser a sala da tripulação. Espero que não se importem de se verem privados dela. Mas é claro que eles precisavam comer e descansar enquanto eu trabalhava. Por que teria pena deles? Pena que eu não tenha vontade de comer - será a gravidade? Mas este estômago não deverá se perturbar com isso. A única coisa que realmente me interessa é o riscador. Espero que lhe enviem o carretel ... depois.

Eu? Você? Nós? Preciso definir os pronomes para poder prosseguir. Porque realmente sou você, é claro, e você é eu, ainda que você esteja flutuando comodamente sem peso, algures, entre aqui e o Centro, e eu sentada com igual comodidade a quase 3G, numa lagarta movendo-se vagarosamente sobre a poeira virgem de Reichenbach V. Mesmo

assim, *sinto-me* como uma pessoa isolada, e quando ouvir estas palavras, imagino que também vá se sentir assim. Vamos assumir uma esquizofrenia temporária?

De fato acho que é importante você ouvir isto. E claro que nenhum de nós tem noção de haver perdido alguma coisa, afora algumas horas de inconsciência quando eles tiraram o molde. Somos uma vida que foi dividida em duas correntes iguais. Mas uma das correntes prosseguirá, enquanto a outra deverá secar dentro em breve. (Dentro de quanto tempo? Eles não nos dirão isso - o tempo suficiente para terminar o serviço, disseram eles.)

Forneço meu relatório regular sobre o conserto do mecanismo de Tensão da Cúpula, ao terminar o serviço. Espero que os ciardanos enviem-no a você se o pedir. Foi um serviço bastante simples nada que venha aumentar as nossas láureas profissionais, só que tive de realizá-lo com dedos demasiado grossos e numa gravidade que fazia os instrumentos e coloides se portarem como se estivessem enfeitiçados. Pena é não terem podido deixar aqui o suficiente da minha hospedaria para avisar a respeito disto. Sem dúvida os homens que morreram poderiam ter tratado disto com bastante facilidade. Fico pensando qual seria o serviço *dela*, antes.

Lembra-se da velha piada a respeito da nave de exploração perdida que não tinha mais comida e quando eles foram finalmente apanhados só restava um homem - nédio como um gato de navio? Isso foi no tempo do culto dos xiraris, e antes do comandante enviar o sujeito ao espaço, disse-lhe: "Havia apenas quatro xiraris nesta nave, e você comeu três deles!" Imagino que os técnicos de tensão sejam mais importantes para sobrevivência da colônia do que os devotos. Mas a penalidade por dar cabo deles parece ser semelhante.

Por isso quero que ouça isto. Viemos à procura de aventura, não foi? Deus sabe que a viagem havia sido bastante enfadonha, antes do pedido de socorro de Reichenbach e a solicitação bastante inusitada feita por eles. Seja como for, duvido que algo de tão exótico vá lhe acontecer novamente.

Mas não é bem como imaginávamos que ia ser. O trabalho não era muito interessante, afinal de contas. Uma vez que este corpo está acostumado à gravidade, não existe sensação de estranheza e, ainda por cima, ninguém vindo falar comigo fica difícil dizer como são as pessoas. Mas minha cabeça fica tonta vez por outra, como uma enxaqueca que não chega a se manifestar ou passar. E sem dúvida confesso a *você* que estou com medo ...

Acabo de ter um pensamento horrível. E se acontecer alguma coisa a *Belshazzar*? E se você nunca ouvir isto e as duas metades de nós nunca forem de novo recolocadas? E se, quando este cérebro estranho livrar-se finalmente da sua impressão, não houver um outro "eu". por lá, cuidando de sua vida?

E se realmente eu for morrer?

Isto está ficando mórbido. Melhor levantar, mexer. Talvez eu consiga uma xícara de estimo agora. Caso você estivesse aqui, podíamos resolver, naquela espreguiçadeira. Isto ia me pôr maluca, com toda a certeza.

Infelizmente posso ver meu reflexo no visor e não sou nem um pouco o seu tipo.

Os ciardanos são feitos para agüentar 3.5Gs - largos como carregadores, com rostos que somente outro ciardano poderia gostar. Posso compreender porque não haveria maneira de eu/você termos feito este serviço no corpo em que nascemos. Crescer a 8G e ir de piparote a meio caminho do Sistema em queda livre não lhe proporciona um físico capaz de funcionar num lugar como Ciarda ou este planeta esquecido de Deus, que eles

acreditam serem capazes de tornar acolhedor nuns poucos giros.

Valerá a pena?

Não ... não quero pensar nisto por enquanto.

A elefanta cujo corpo estou habitando deve ter sido um bocado quente. Disseram que teve três maridos, dois dos quais neste grupo de pioneiros. Dir-se-ia que devesse ter aprendido um pouco de tolerância. Mas quando ela descobriu que o Número Três estava trabalhando um pouco perto demais do seu chefe de equipe, ela deve ter arreventado os motores. Será que ela não percebeu que uma carga colocada naquele ponto iria destruir o mecanismo de tensão, como também a equipe técnica inteira? Contanto que ela tenha apanhado os dois que perseguia, lá se importou que o resto dos técnicos de tensão morressem (rapidamente) na mesma explosão? E o restante da colônia (vagarosamente) à medida que a maquinaria fosse parando? E ela?

Oh, está bem - já nos disseram isto, não foi? A fim de me persuadir de que fora apenas justiça. Desculpe, Minha cabeça dói.

Terá ela sofrido, sabendo o que lhe iria acontecer? Sequer se abalaram a contar para ela? Ou simplesmente a abateram, trouxeram-na para a nave, prenderam-na na máquina e introduziram o cubo de psico-molde?

Por que me apresentei como voluntária?

A nave tem, em prateleiras, os moldes de todo o pessoal essencial, inclusive os técnicos de tensão, para o caso de alguém ter que ser substituído no regresso. Eles poderiam ter usado o que tínhamos. Mas esse era um especialista em naves, e eu possuo treinamento em novos engenhos planetários. Além do mais me pareceu que haveria de ser uma experiência que nenhum dos outros homens do primeiro ano tinha tido!

Uma idéia engenhosa - uma mulher maluca dá cabo de toda a sua equipe de técnicos e a maquinaria de que cuidavam, por isso passa a ser uma substituta psico-modelada, com auxílio de uma nave que passava. Não tem importância que dentro em breve o molde desvaneça, restando uma nulidade destituída de mente (até que alguém decida que ela está utilizando ar demais). Ela mereceu morrer, e deste modo, pelo menos, pagou por seu crime. E o doador segue seu caminho - nenhum dano causado ...

Tive de me sentar novamente. Senti-me tonta, mas agora estou melhor. O que estava dizendo? Tenho de voltar um minuto o carretel e descobrir.

Nenhum dano causado ...

Não ... porque não sou real; sou? Apenas uma psique sobreposta a um corpo que mereceu morrer. Mas acabou para ela, e ainda tem de morrer - esperar que a consciência e a memória sumam. Minha cabeça está como se o crânio fosse estourar. Ela está me matando também, ou sou eu que estou?

·O carretel vai mais devagar agora. Quase cheio, acho. Terei de desligar.

Você está aí?

Ainda está ouvindo?

Tento guardar o rosto diante do qual carranqueei no espelho um milhão de vezes. O que mais não consigo me lembrar? Sei que sou real. Dói demais para que não seja. Mas você é?

É isto o que é morrer? A orientação para psico-molde jamais fez referência a esta agonia que se propaga à medida que, sinapse após sinapse, bruxuleia embora. Ninguém poderia terminar a vida normal do juízo, se soubesse ...

O carretel ainda está girando. Devo apagá-lo antes que chegue até você - antes que

você saiba ... Quem encontrar isto, não entregue ao Segundo-Ten ... ao ...

Não consigo lembrar meu nome!

Oh, meu Deus! Pare! Pare a dor! *Ninguém deveria ter que morrer duas vezes!*

O Suicídio DO HOMEM

John Brunner

O autor nasceu em Oxfordshire, Inglaterra, em 1934. Atualmente mora em Somerset e informa-nos de que a sua residência, "Casa Quadrada", não mais o é devido às reformas feitas. Dos seus livros, nossos favoritos são The Traveler in Black e Stand on Zanzibar. Presentemente está escrevendo uma novela que conta como a corrida entre os vapores Robert E. Lee e Natchez deveria ter acabado.

Esta é uma história com um final feliz. O começo, por outro lado ... Bem, apesar de todo o seu cuidado, de todas as suas precauções, não havia, absolutamente, maneira alguma de ele não estar morto.

E no entanto ele não estava. Havia presença, consciência, temor, emoções associadas. O que tinha sido "eu" para ele estava intacto.

Ele conseguiu um dito, meio grito e meia pergunta desesperada. O que lhe responderam foi: "Você é um fantasma."

Tratava-se de um lugar, sem dúvida alguma. Na verdade era um quarto identificável, com um assoalho sólido, paredes sólidas, um teto sólido, que irradiava uma luz suave, e até mesmo uma peça de mobiliário que o aguentava numa posição de descanso. Também ele não estava sozinho. Havia três com ele, dos quais um era decididamente um homem e duas, sem dúvida, mulheres. Mas ele estava mais preocupado consigo mesmo. Baixou os olhos e deparou com a sua pele nua familiar, com cicatrizes de, pela última contagem, oito operações malsucedidas. Reconheceu as mãos de que outrora se orgulhara tanto, por serem tão destros e delicadas. Conhecia seus membros, cada cabelo do corpo ...

E encontrava-se aturdido, horrorizado e finalmente aterrorizado.

Alguém falou, e pareceu-lhe que era a mulher que se encontrava mais próxima dentre as duas.

- No seu vocabulário, não encontramos referente preferível para uma pessoa que não está viva nem morta. Você era Lodovico Zaras. Era um professor de psicologia experimental. Foi vítima de uma forma de câncer que se propagou rapidamente. Decidiu, no ano que chamou pelos algarismos um-nove-sete-oito, que preferiria parar do que continuar a suportar operações que poderiam, na melhor das hipóteses, adiar a sua morte, porém jamais curar a doença. E disto que se lembra?

Ele retorquiu, sem entender bem como conseguia sequer falar, ainda mais fazendo-o em resposta a declarações que sabia não serem em inglês, espanhol, francês ou qualquer outra língua sua conhecida. - Sim, mas como posso me lembrar de alguma coisa?

Suicidei-me!

De novo a assertiva categórica: "Você é um fantasma."

No momento de sua morte, estava sentado na sua cadeira favorita, com o copo do qual tomara seu remédio para continuar vivendo, na mesa ao seu lado, e com uma gravação favorita da música de órgão de Bach ressoando aos seus ouvidos.

Estava sentado (de novo?) no que não era, a não ser por derivação remota, uma cadeira comum. Podia levantar-se e o fez, sem sentir pontada de dor alguma, nada daquele peso teimoso nos membros que o câncer prostrara. Ele sentia-se etereamente leve. No entanto ele não se considerava imaterial. Quando batia palmas havia barulho e o contato era sensível e por mais que olhasse não conseguia ver através das mãos.

- Fantasma? - repetiu, perplexo.

De algures, o homem que se encontrava no aposento retirou um objeto que conseguiu nomear, embora sua forma fosse estranha. Consistia num refletor cercado por uma moldura, era um espelho. - Olhe você mesmo - propôs o homem, e ele o fez, não conseguindo encontrar o que procurava. Via apenas o espelho.

Sem a sua imagem.

Devido a isso, ele ficou extremamente assustado, mas havia algo de pior em seguida.

- Toque-me - disse a mulher que falara antes, e postou-se diante dele. Durante um longo momento ele hesitou, tão perturbado por não ver sua imagem, que precisou registrar todos os dados dos sentidos que podia. O teto era branco e luminoso. As paredes tinham o azul vivo e profundo de um horizonte distante. O chão era verde e lembrava-lhe relva primaveril. Diante dele estava, sim, uma mulher: mais alta do que ele, esbelta, com ossos de uma beleza de ave, que não era bonita e sim inusitada - na verdade tão inverossímil - que se ele se precipitasse ao longo de uma rua onde ela viesse em sentido contrário, ele teria refreado e olhado para trás, assombrado por ela não ter cabelo negro suficiente, começando alto demais em sua testa, acabando alto demais em sua nuca, maravilhado com aquelas pernas extremamente desenvolvidas que dotavam um tronco infantil de uma altura de adulto, perturbado acima de tudo com a inferência de que, enquanto sendo sem dúvida humana, era também alguma coisa ... diversa.

Além do mais, estava nua, como ele. Ou estaria mesmo?

Teve, no entanto, os olhos feridos, teve de piscar e, à descida de suas pálpebras, ela repetiu sua ordem de maneira mais insistente, levantando a sua magra mão direita.

Hesitante, ele aquiesceu quando terminou de piscar e sentiu o agasalho convincente da carne, talvez um tanto escassa, sobre os ossos.

- Posso tocá-la e não posso ver meu reflexo - disse ele, algum tempo depois. Atordoante, o choque entre a realidade aparente desta mulher estranha e a realidade evidente e incontestável dele mesmo, que não conseguia fazer com que um espelho devolvesse-lhe sua imagem, fê-lo tremer e oscilar.

- Mas se eu tocá-lo... - proferiu a mulher, estendendo a mão e, com um rápido gesto oblíquo, como um golpe de machado, demonstrou como podia passar sua mão através da dele. Ou ... não! Onde a mão dele parecia estar. Ele nada sentiu, exceto um calafrio fantasmagórico, entretanto testemunhou e teria jurado por sua vida quanto à realidade da ação dela.

Ofegante, e verificando no mesmo momento que não era capaz de detectar investida alguma de ar em seus pulmões, gritou:

- Não compreendo! - Ainda sem saber, tampouco, como era capaz de falar.

O homem adiantou-se, seu rosto - que era demasiado comprido, muito reduzido, por demais dominado por seus olhos grandes - fixado numa expressão de preocupação e tristeza.

- Lodovico Zaras, antes de prosseguirmos com as explicações, devemos apresentar nossas desculpas mais profundas e sinceras. E, de se esperar que uma pessoa como você, um pioneiro no seu tempo, um verdadeiro explorador intelectual, possa perdoar a interferência arrogante de que nos desculpamos. Falo-lhe no sentido do que foi, não do que é, mas espero que a diferença ainda não se tenha tornado insuportável. Inevitavelmente a carga dessa diferença aumentará à medida que o tempo passar, mas esperamos e predizemos que as séries de choques a que está sujeito sejam ao menos o suficiente para que possa se adaptar e que finalmente possa outorgar-nos o perdão que lhe rogamos agora. Sou Horad. Não se trata de um nome como você o possa considerar, mas antes um título, que segundo me parece, consideraria sem sentido. Minhas companheiras, dos quais o mesmo poderia ser dito, podem ser chamados Genua - a que passou a mão através da sua - e Orlalee.

Ainda presa daquele impulso que lhe ditara o suicídio, ele no entanto não conseguiu impedir a sua mente de começar a elaborar os dados oferecidos. Desde a infância tivera a maldição de não poder suportar a inatividade mental. A perspectiva de ter de fazer como um boneco por mais um ano numa cama de hospital, quando esperara que a última operação poderia também ter sido a última *mesmo*, tinha sido o que o impelira a bater nas portas da morte. Havia remédios em quantidade para curar a dor. Os que curavam o tédio não eram reconhecidos como parte da farmacopeia e a maioria era ilegal.

- Se eu tentar tocá-lo... - proferiu ele finalmente para Horad.

- Faça isto! - Horad levantou o braço direito. Dava a sensação do de Genua, delgado a ponto de ser descarnado. Mas ...

Havia algo com relação àqueles três que já o impedira de considerá-los simplesmente nus, embora nenhum usasse o que ele estava acostumado a ter como um traje.

No caso de Horad, era muito mais impressionante do que Genua. Aos seus olhos aquilo surgia como uma zona onde era difícil focalizar. Na sua pele, como uma vibração ou um formigamento. Entretanto, principalmente, aquilo incidia direto em sua mente como um ... um ...

Um estado tão situado entre algo e nada quanto ele entre vivo e morto.

Nas mulheres aquilo passaria como alguma forma de vestimenta protetora. Afinal de contas, quem pode prever o que acontecerá na vizinhança de fantasmas? Mas em Horad aquilo poderia ... poderia ser *detectado* à volta de sua cabeça, em torno dos ombros, pela parte superior dos braços ... Olhar para ele de qualquer outra maneira, a não ser diretamente naqueles olhos extravagantes, era ser gravemente perturbado por ... *aquilo*.

Lodovico engoliu: nada, nem mesmo a própria saliva. No entanto foi como se o tivesse feito. Lembrou-se do que antigamente experimentara como sendo o ato de engolir, e aquilo era bastante parecido, e não estivesse sua atenção concentrada no ato, bem poderia ter passado como a coisa mesma.

- O que fizeram de mim, a ponto de julgarem que me deva considerar um fantasma?

Os três trocaram olhares satisfeitos. Orlalee falou pela primeira vez.

- Esperamos ser capazes de responder esta pergunta primeiro que tudo. Precisamos, entretanto, saber como nos vê, antes que possamos escolher os termos devidos para

expressar o que pretendemos. Como lhe parecemos? - E adotaram poses para inspeção.

Ele examinou-os detalhadamente o melhor que pôde, mesmo assim achando impossível estudar certas áreas de - não, isto era incorreto: *em torno* de - Horad. Achou todos três semelhantes na sua fragilidade e quase-calvície. Em seus respectivos púbis havia apenas penugem, não era cabelo verdadeiro. Seus pés, quando ele baixou o olhar, descobriu serem arqueados, com os dedos reduzidos a meros tocos, as unhas a finas linhas tênues.

Refletiu sobre as inferências, desprezando uma idéia aborrecida que lhe ocorrera efemeramente: que poderia estar no Inferno. Não existia tormento em sua mente no momento, afora a sensação de necessidade-de-saber-insatisfeita que sempre fora parte integrante de sua personalidade. Ao contrário! Encontrou-se, repentinamente, num estado meio onírico de júbilo. Tinha a mente, no entanto, num terror total, a ponto de o levar a querer desaparecer numa escuridão eterna, equilibrada e balanceada, para trás e para diante, juntamente com uma sensação de emoção que não desfrutava desde menino, devendo-se a emoção à compreensão, até o âmago, desses conceitos abstratos que seus professores apenas enunciavam da boca para fora. Imaginou por um momento que poderia fazer com essa gente o que adoraria ter feito com seus instrutores e surpreendê-los. Imediatamente abandonou a idéia. Por outro lado, presumivelmente poderia agradá-los.

Lambendo (ou foi o que lhe pareceu) os lábios (ou o que naquela versão de "eu" se lhe afigurava como lábios), disse (ou apenas utilizou o canal de comunicação que lhe fora conferido):

- Acho que vocês devem ser gente, mas tão à minha frente, que não imagino que me possam dizer qual seja a data.

Durante um tempo muito curto ele ficou sozinho. O tempo transcorrido foi tão breve pelos seus padrões, que ele poderia tê-lo repudiado como uma ilusão, porém, no seu retorno, Horad disse: - Desculpe-nos, por favor. Ficamos encantados com sua resposta e desejamos ser-pessoais na transmissão de notícias a respeito.

A hifenização de "ser-pessoais" foi audível (?) a Lodovico. Esta foi uma prova claramente identificável de que a linguagem que ele falava (?) nada tinha a ver com o seu tempo.

E no mesmo pensamento veio o conhecimento da verdade de que ele não mais deveria dizer "seu", poderia no entanto dizer "precedente".

- Ficamos especialmente satisfeitos de que tenha sido capaz de expressar uma verdade significativa. Somos gente, parcialmente no sentido que você possa usar o termo. Estamos igualmente expandidos além de onde você se encontrava. E se fôssemos tentar lhe fornecer uma data, ela bem poderia estar errada em vários milhares de anos.

- As rotações do plantea - disse Genua - não são tão importantes agora quanto o foram para você.

Lodovico experimentou uma sensação cáustica no lábio inferior. Sentia-se real com relação a si mesmo. Essa gente falava com ele como se ele fosse real. Entretanto, quando tentavam tocá-lo, não conseguiam fazer o que lhe era possível, localizar uma substância sólida.

Não era simples, mas também não era impossível resolver o enigma.

- Você deve ter um meio - proferiu ele vagarosamente - de projetar uma efígie, uma reprodução, um simulacro de uma personalidade pela qual se tropeçou em dados suficientes para torná-la real para *ela mesma*, e que no entanto só é possível de perceber pela metade. Talvez estejam tendo de se obrigar a acreditar em mim, ao passo que não me seja difícil aceitar que me encontro aqui e agora, embora desejasse jamais voltar a existir.

Ele cerrou os punhos.

- Mas sendo o que vocês fizeram de mim, o que sou eu - o que posso fazer ou ser? Qualquer mundo, afora o meu, deverá" ser ilusão para mim!

- Não poderíamos pedir licença antecipadamente - disse Orlalee, de cabelos mais claros e de pele mais escura do que Genua. Era impossível determinar que fosse uma coisa ou outra com relação a Horad, devido à nebulosidade que parecia ostentar. - Isto foi porque até o fazermos, nada existia do qual se poderia obter permissão. Agora existe. Aceitaremos, por conseguinte, seu preceito se disser: *desistam!*

Eles aguardavam.

Finalmente ele disse, estendendo o olhar além deles, até as paredes de Um azul pálido.

- Primeiro me diga o que posso e não posso fazer. Como?

Bebo? Durmo, soffro, embriago-me?

Ainda aguardavam, até ele impingir a última parte da pergunta múltipla.

- Sinto-me fraco, metade real. Ressuscitaram-me para que eu enfrentasse a morte uma segunda vez?

- Você é um objeto da percepção coletiva - disse Horad. - Até então não é forte porque somente nós três o percebemos. Ouvimo-lo falar, não é que tenha som. Vemo-lo onde está, não é que seja com luz. Nós e você interagimos, mas se não anuíssemos em apreendê-lo, nada existiria.

- Entretanto eu me apreendo! - Irrompeu Lodovico. - Estou consciente!

- Isto é porque sem a sua apreensão de você mesmo nada existiria para apreendermos. Não decidimos que isto seja assim, proveio da natureza do universo.

Ele lutou com isso por algum tempo e finalmente abanou de leve a cabeça.

- Talvez tenhamos" alguma dificuldade aqui - disse Orlalee. - Não estamos certos quanto aos parâmetros a que você atribuiu uma definição de "consciência" na sua época. Temos ecos débeis de certas teorias, mas nenhuma indicação de qual delas você tenha, de algum modo, endossado. Permita-nos interrogá-lo sobre este assunto e, por etapas, nossas explicações se tornarão mais lúcidas.

Vão em frente - propôs Lodovico, cruzando os braços no peito.

- Quando você se matou - disse Genua, dando um passo na direção dele - esperou reanimar-se num paraíso ou num lugar de tormento?

- Não esperava despertar algum - foi a sua resposta pronta e enfática. - Desde a infância resignei-me ao fato de que a consciência era um subproduto da existência material. O fato de que a mim me pareça encontrar-me aqui, sempre quando e onde quer que o aqui-e-agora possa estar, indica que eu possa ter estado quase certo. Acabam de me dizer que se eu não me apreendesse, nada teriam para apreender, e além disso, que sou um fraco objeto da percepção, pois ninguém, afora vocês três, me apreende... Esperem, devo expressar melhor isto. Ninguém mais *está me apreendendo*.

- Poderia isto - proveio de Horad - ter sido expresso na linguagem da sua época?

_ Sim! - a resposta detonou de volta. - Quando disse isto, não tinha consciência de estar usando uma linguagem na qual não fora criado

Três sorrisos.

- Oh, escolhemos muito bem - disse Orlalee. - Defrontando-se com a contradição lógica de estar consciente quando ele está-e-sabe-que-está-morto, ele faz declarações concernentes, não ao ser que não pode estar presente, mas ao ser que ele está presente-mente observando como sendo ele. Julgo que você, Lodovico, embora surpreso e assustado por estar sendo imitado, não se sente zangado.

- Zangado? - Ele refletiu, ou imaginou, ou suspeitou, ou acreditou ou [mil possibilidades] que ele fez. Finalmente proferiu: - Não, não acho que tenha força suficiente na versão de mim que vocês três estão apreendendo, para ficar zangado. Mas, de qualquer modo, espero não estar. Preferiria estar fascinado por uma oportunidade ímpar, se ela for ímpar, e mesmo que não seja gostaria de acrescentar alguma coisa de imprevisto e quase inimaginável ao total da minha experiência. Deve ser muito depois da minha época.

Mas vocês sobreviveram. No meu tempo, por um curto período pelo menos, receamos que a humanidade não o conseguisse. Por conseguinte, devem ter resolvido os problemas que nos preocupavam. Acho-me fascinado pela idéia de ver uma futura civilização muito distante, ainda que possa considerar incompreensíveis muitos de seus aspectos. Se pareço obtuso, sejam complacentes. A evolução deverá ter ocorrido no plano mental tanto quanto no físico ...

- Sim, isto é verdade - confirmou Horad. - Contudo, o fato de termos conseguido estabelecer comunicação indica que existe continuidade entre humanos da sua época e desta. Pensei numa maneira de expressar quanto tempo decorreu desde a sua existência original. Estamos aproximadamente tão distantes de você quanto você estava de criaturas que falavam através de grunhidos, faziam ferramentas de chifres de animais e de galhos, mas ainda aterrorizavam-se com o fogo e comiam seu alimento cru. No entanto; existem poucas diferenças em forma entre você e eu: um pouco menos de cabelo - por exemplo, creio que você seja capaz de deixar crescer uma barba, embora não o tenha feito, ao passo que eu não sou - membros mais compridos, troncos menores e capacidade craniana marginalmente maior. Amadurecemos mais tarde, sexualmente falando. Perdemos a capacidade de metabolizar certos compostos essenciais a partir de seus precursores químicos, ou, em outras palavras, necessitamos de mais duas vitaminas do que você. E existem outras pequenas diferenças. Mesmo assim, estamos equipados para comunicar com você, enquanto você não poderia ter conversado com o seu antepassado correspondente mente remoto.

- Porque eu não sou eu mesmo, ainda que eu imagine que seja.

Na verdade, sou apenas objeto da sua percepção coletiva. - A declaração foi penosa de emitir, mas Lodovico a isso se sentiu obrigado.

- Verdade. Lembre-se, entretanto, de que é um objeto de percepção tão exato quanto nós - com milênios de conhecimento e proficiência de que você não faz idéia - fomos capazes de criar - disse Genua. - No seu tempo, se os dados que subsistiram são dignos de confiança, tentaram-se reconstruções de organismos primitivos extintos, combinando-se restos de fósseis com diretrizes baseadas em espécies ainda sobreviventes que pouco mudaram através das eras. Não muito mais tarde, alguns dos grandes répteis foram verdadeiramente gerados novamente, a partir de primos ou descendentes modificados. Você é o resultado de uma técnica correspondente, aplicada à consciência, ao invés de à forma física.

- Por que eu? - inquiriu Lodovico.
- O acaso forneceu-nos dados suficientes para derivá-lo.

Lamento dizer - isto veio da parte de Orlalee, com um sorriso irônico - que não é porque você se tornou famoso através dos milênios!

- Não, eu quis dizer: mas por que fazê-lo? Sou o primeiro, ou trata-se de algo que atualmente fazem rotineiramente?

- Você é o primeiro de todos - disse Horad. - Quanto ao motivo subjacente ... - Ele encolheu os ombros. Era curioso ver como aquele gesto durara, e inquietante ver os músculos se moverem de forma tão diferente naquele corpo semelhante a um pássaro ... e mais inquietante do que tudo *não* ver, pois não suportava olhar, o movimento correspondente do seja-lá-o-que-não-fosse que Horad "usava".

- Então sou um experimento - declarou Lodovico.

- Assim é.

- Planejam estudar-me? Interrogar-me?

- Naturalmente.

- E - numa audácia que o surpreendeu - existe algum pacto entre nós?

- Sim, é claro - retorquiu Orlalee. - Mesmo antes de começarmos a estudá-lo, desejamos sua anuência no sentido de que o incômodo a que está submetido é justificado. Primeiro, portanto, precisamos mostrar-lhe o nosso mundo. Se, após um exame, preferir não nos auxiliar, poderá extinguir-se. E evidente que então faremos outra tentativa, mas estaremos resignados a um resultado semelhante - e assim por diante, se necessário durante muitas gerações.

- É inconveniente - disse Genua - opor-se à vontade de outrem.

- Apenas por si mesma tal promessa leva-me a gostar do seu mundo - declarou Lodovico. - Mostre-me como é.

Ante a ocorrência de um pensamento repentino, ele acrescentou: A propósito, .. ainda é a Terra?

Visões de outros sistemas solares fulguraram e desvaneceram-se em sua mente numa fração de uma pulsação .

É Sim - tornou Horad. - Depois de todo este tempo, ainda é a Terra.

Mas uma Terra em que seus habitantes tinham aprendido a amar, com todas as suas feridas curadas. Ainda tinha montanhas, oceanos e rios, vales, florestas e planícies, céu azul e nuvens brancas que às vezes escureciam e emitiam a antiga vociferação do trovão. Quase de imediato, entretanto, ele começou a notar mudanças. Havia árvores que seria incapaz de nomear. Peixes amistosos de nenhuma espécie conhecida, vieram esquipantes praia acima com membros retacos feitos de perna-cum-nadadeiras, e freqüentemente, quando ele passava por uma videira florida, ela se estendia em sua direção e lançava uma rajada de perfume sobre ele, para depois tombar para trás palpitante, com um inaudível riso particular.

Essencialmente entretanto, o planeta permanecia tão familiar quanto seus habitantes, e a todos os respeitos afora um, este último deleitou-o. Achou as crianças encantadoras, enquanto os jovens progenitores tratavam sua prole com uma mistura tão natural e espontânea de firmeza e ternura a ponto de mais parecerem animais livres da complicação das teorias e dos dogmas.

Isto chegava a ser a realização dos seus mais queridos sonhos. Mas os mais velhos!

Eram de assustar! Eram todos um-tanto-vestidos e o que "usavam" era a versão completa da coisa(?) que fazia de Horad alguém difícil de ser olhado.

Para alguns desses velhos Lodovico sequer conseguia voltar a cabeça.

- E porque na sua existência anterior, embora você dispusesse do sentido mediante o qual agora os apreende, nenhum alvo existia para a sua utilização. - Isto valendo como explicação por parte de Orlalee. Ele ficou ainda mais confuso do que nunca e ela tentou ampliar seu relato.

- Pensa que os está vendo - expôs ela. - Não é assim. Percebe-os através do próprio ato deles de detectá-lo.

- Quer dizer que sou do mesmo modo um objeto da percepção deles? De ... de um punhado de *vestuários*? - Compreendia bem, agora, porque o espelho não o refletia, o que constituía, entretanto, um novo motivo de consternação.

- Isto não é invólucro. É a pessoa. É um exemplo do princípio que já é do seu conhecimento: o que impõe que você seja consciente de si antes que possamos apreendê-lo.

Lodovico forcejou bravamente na perseguição deste conceito. - Quer dizer que não lhes seria possível me perceberem a menos que eu tivesse sido um ser consciente ao invés de um cadáver. - Um cadáver pode ser facilmente feito de substâncias comuns. Ele desistiu. Percebendo a sua frustração, Genua - que estava também do lado dele, como de costume - tentou outro caminho.

- Fizemos cálculos - disse ela. - No seu tempo, as pessoas geralmente morriam após menos do que uma centena de rotações em torno do sol. Nós vivemos muito mais. Quando a idade começa a corroer nossas memórias, providenciamos para que sejamos lembrados mediante o que para você se afigurou como um *vestuário*. Trata-se de uma versão de nossa própria personalidade que permite ao crescimento começar de novo. O progresso de um ser para outro poderá continuar durante milhares de anos, embora evidentemente as personalidades primeira e final não se possam reconhecer.

- Estes ... estes "outros-seres" são entidades independentes, então?

- Não, são inteiramente dependentes. São reflexos, ecos concretizados, nunca mais do que cópias das pessoas a quem pertencem. Você, por outro lado ...

Abruptamente, as inferências desta frase cortada precipitaram-se em turbilhão na mente de Lodovico. O mundo escureceu por um instante. Quando ele conseguiu ver claro novamente, verificou que Horad também se achava ali.

- Sim - disse Horad, em tom grave e amistoso. - Eis o que você é: o primeiro reflexo de um ser que pertence a alguém que nasceu e viveu sua vida no que para nós constitui um passado distante.

Após esta revelação, teve de haver uma interrupção na sua exploração daquela nova era. No entanto ele teve uma boa recuperação e pôde continuar.

Não havia mais cidades. Quando ele perguntou aos seus companheiros quantos seres humanos havia agora, eles o surpreenderam e na verdade o assustaram. Fizeram uma pausa suficiente para a contagem ... E não chegaram bem à conclusão de que fosse mais ou menos trinta milhões.

As pessoas viviam muito distanciadas, entretanto de fato não viviam em parte alguma. Estavam perpetuamente de mudança, resolvendo sobre se o estado de humor em que se

encontravam mereceria aquele clima, aquela estação, aquela paisagem, e agindo segundo tal conclusão.

Sem dúvida eles tinham lares. Ele foi recebido em vários e admirou-os de forma exorbitante, de vez que eram belos, já que combinavam a suprema realização arquitetônica de, verdadeiramente, centenas de civilizações. Ele não conseguiu sequer tentar gravar todas as culturas, atualmente desaparecidas, das quais lhe estavam mostrando vestígios. Ocasionalmente julgou reconhecer algo como egípcio, assírio ou grego. Quando perguntou, deram-lhe nomes que jamais ouvira, uglárdico, cantoriano ou benquilês ...

Mais agradável dos remanescentes era o costume de comemorar compartilhando comida e bebida, e além disso perfumes e mudanças na atmosfera que por vezes eram mais assustadores do que deliciosos, embora todos à volta dele parecessem saber como apreciá-los. Festas foram dadas em sua honra. Descobriu que podia provar, embora não pudesse obter nutrição, dos pratos maravilhosos colocados diante dele.

(- Você pode comer, é claro, de vez que a sua maneira não deixa de ser uma pessoa - disse Horad. - Mas não precisa. Você é alimentado pela nossa consciência de você, e todos a quem conhecer hão de tornar mais forte esta existência. Aconselhamos que deva comer quanto mais não seja porque, ao percebermos que o faz, nós e os demais acharemos mais fácil considerá-lo como um verdadeiro indivíduo. Se aprecia os sabores, texturas e perfumes, tanto melhor. Consideramo-lo alguém que pode. - E ele concluiu ser correta tal suposição, embora sua lógica ainda fosse de sonho, tantalizante, enganosa.)

A arte se conservara, porém ramificara-se de uma maneira cujo propósito lhe escapava. Para ele nada havia numa cerimônia comunitária que preconizava silêncio durante um dia, uma noite e um dia, a não ser tédio. Incapaz de se mostrar enfastiado, obrigou-se a assistir a tudo aquilo, e quando a plateia (?) levantou-se e dispersou-se, mostravam-se todos radiantes de prazer e cumulavam de cumprimentos a pessoa que era parte-anfitrião, parte-administrador.

E o que acontecia?

Passado um tempo, refletiu sobre isso e concluiu que nada acontecia. Havia o *estar aqui* - intervalo - *estar ali*, que automaticamente se tornava *aqui*, ao invés. Perguntou a respeito disto e Genua respondeu:

- Trata-se, mais uma vez, de um talento que você possuía, mas dele não tinha noção, porque no seu tempo nada havia para provocar sua operação. Não posso explicá-lo, ninguém pôde. Deve senti-lo à medida que vai sucedendo. Então, dentro de pouco tempo, prosseguirá sozinho, sem auxílio meu, de Orlalee ou de Horad. Se fosse lhe dizer: "Contraia sucessivamente os seguintes músculos que eu apontar neste diagrama, em cada perna, e depois relaxe-os, precisamente nesta ordem, e depois para manter o seu equilíbrio, faça isto e aquilo com os músculos do seu tronco, braços e ombros ... " E quantos passos dá num dia? Tenha paciência. Dentro em pouco, terá assimilado o princípio até os ossos.

Agora estava seguro o suficiente para arriscar um gracejo. - Que ossos? - indagou.

Também havia o equivalente do trabalho. Isto, acima de tudo, era como ele sonhara, livre da lida repetitiva, de pressões comerciais: uma série de ações realizadas em lugares onde as pessoas vinham se reunir com objetivos de produção, sabendo sempre por que faziam o que faziam e eram informados sobre os benefícios que estavam dando a outros. Passou dias e noites assistindo fascinado como até mesmo crianças muito pequenas

conjuravam pequenos objetos (ou pelos menos, segundo lhe contavam, eram considerados como úteis, embora não compreendesse sua função) de plantas, de montes de barro, de correntes turvas, pútridas, com sulfúrea fedentina e lodo marrom-estercó. Escapavam-lhe os nomes, até mesmo os conceitos. O que os adultos faziam considerado como "trabalho" geralmente estava tão fora do alcance dele quanto os outros-seres que confundira com vestuário.

Agora todo o peso da situação atingiu-o. Encontrava-se realmente entre gente de uma distante era futura, cujo pensamento mudara ainda mais do que sua forma corporal. A cata de comparações, decidiu-se pela imagem de um cristão convicto da Idade Média, instalado numa comunidade do século vinte, onde ninguém se preocupava com a idéia de estar vivendo numa bola de rocha, ao invés de no centro imóvel do universo, onde não era considerado nem um pouco blasfemo alterar as formas naturais, ao contrário, era considerado sensato e proveitoso modificar e aperfeiçoar plantas selvagens e mesmo animais, numa emenda do que o homem medieval consideraria sacrossanta, a obra do Todo-Poderoso. Estava satisfeito de haver obtido essa imagem, pois ela lhe fornecia um seguro cabide no qual pendurasse as mais desagradáveis de suas frustrações. Havia muitas. A cada dia que passava (não que ele ou quem mais fosse do seu conhecimento os estivesse contando) aumentava sua sensação de impotência e isolamento.

No início, ele se encantara com a absoluta originalidade da sua experiência. Depois, por etapas, fora se aborrecendo por não ser capaz de entender tudo que lhe era mostrado. Vez por outra ficara chocado, especialmente ao saber que o erotismo perdurara e atualmente estava integrado-em diversas formas de arte, a ponto de haver adultos cujo equivalente de carreira consistia em instruir crianças, desde a idade de bebês, acerca do potencial amoroso de seus corpos.

Sabia *a priori* que esta era mais outra reação de visitante medieval, porém custou-lhe muito esforço reformular seu pensamento. Estava intelectualmente cômico de que mesmo na sua época o sexo fora grandemente separado da procriação, sendo bastante lógico que a longo prazo a divisão se tornaria efetivamente total.

Contudo havia motivos particulares para que jamais partilhasse de quaisquer benefícios que esta situação acarretava. Após levar vida de solteiro nos seus vinte anos, declarando-se casado com a profissão, estava prestes a casar quando foi informado a respeito do seu câncer. Após o que, é claro, abandonara a esperança de qualquer envolvimento permanente - mulher, família ... Restava muito pouco tempo.

- Tem mágoas? - indagou Orlalee.

Estavam num cume de morro, que dava para uma campina pontilhada de flores cintilantes, além das quais uma nuvem de tempestade avultava azul como aço recém-temperado. Não conseguia se lembrar como haviam chegado ali.

- Sim, disse ele - gostaria de ter tido um filho - um pelo menos. Mas por outro lado, não. Empreguei o tempo de que dispus. Diverti-me, especialmente quando estava procurando alguma coisa de novo. De certo modo tive sorte incomum. As idéias costumavam me ocorrer em sonhos, e, enquanto a maioria das imagens de sonhos das pessoas tornam-se ridículos à luz do dia, vez por outra as minhas revelavam-se boas, até mesmo importantes. Vocês ainda sonham?

- Claro.

- Por que "claro"?

- Faz parte da natureza humana apreender tanto irrealidades como realidades. Você é

tanto sonho quanto fantasma, Lodovico. E a realização, a concretização de um dos mais antigos sonhos da humanidade.

- Que vem a ser ...

- O sonho dos mortos. A volta daqueles que não mais existem.

Os eliminados antes do tempo. Não é aí que se deverá buscar o germe do conceito de "fantasma"?

- Isto faz sentido - admitiu ele, após refletir um momento. E então, inesperadamente, ela perguntou:

- Lodovico, que tal ser um fantasma?

Sem avaliar quão franca e espontânea sua resposta ia ser, surpreendeu-se dizendo:

- Muito bem!

- Se o mesmo ocorresse comigo, acho que sentiria falta de muita coisa. Gostaria de ouvir suas razões, na esperança de que sejam acessíveis para mim.

- Primeiro me diga o seguinte: Quando veste o ... outro-ser, constitui isto o fim de algo para você? A conclusão de uma etapa da vida, por exemplo?

- Oh, sim. - Havia certa tristeza no olhar dela. - Exatamente no final do crescimento é que os envergamos. Estar de crescimento terminado é também estar morrendo. Não existe fronteira... Então?

Lodovico refletiu. Finalmente, disse:

- Sim, também sinto a falta de muita coisa. Mas grande parte do que me faz falta não é para ser lamentado, tal como possuir um corpo físico que o câncer pôde atacar.

- Assim não acontece mais - retorquiu Orlalee. - Mas você possui um corpo físico.

- O quê? - o choque fora violento. - Mas ...

- Olhe.

Ela pegou o braço dele com seus dedos finos, porém fortes, e apertou. Um momento depois o soltou. Surgiram leves marcas em sua pele, que levaram um minuto ou mais para desaparecer.

- Eu ... - Lodovico levou a mão à testa, atordoado. - Eu ...

- Sim, esta é a palavra: eu! - Ela sorria e de repente não estava mais sozinha porque Horad e Genua haviam se juntado a eles.

- Parabéns, Lodovico - anunciou Horad. - Você é uma realidade para nós. Toda essa gente atualmente viva que não o conhece pessoalmente, de qualquer modo ouviu falar a seu respeito. Uma vez que se encontra presente na consciência total da espécie, você existe.

- Mas ... - Argumentos incompletos fulguraram em sua mente, sobre assuntos tais como a conservação de energia. Como o simples processo de perceber alguém poderá converter esse alguém de fantasma impalpável num ser vivo compacto?

- Agora posso fazer algo que desejava fazer antes e que não era possível - disse Orlalee, e passou os braços em torno dele, beijando-o de uma maneira que era incrivelmente antiga, muito contrária ao gosto dela, que era novo.

Após o que, todos três fizeram amor com ele, comprovando-lhe a realidade.

Houve um momento em que pareceu a ele ser divertido observar:

- Tornei-me uma perversão encarnada. Nenhum deles, porém, entendeu a graça.

- Lodovico - disse Genua posteriormente - acaba de ver nosso mundo. Aprova?

- Das coisas que compreendo nele, sim. Todos os ideais do meu tempo parecem

ultrapassados. Existe paz entre quaisquer que sejam as pessoas. Não há ciúme, cobiça, porque há bastante para satisfazer a todos. A ninguém falta a oportunidade de tentar, quanto mais não seja, realizar as ambições dele ou dela.

- Ah, eis o problema - observou Horad. - Existem tantas ambições que não vemos como satisfazer.

Surpreendido, Lodovico disse:

- Tantas assim? O que podem ser elas?

- Há muito tempo, tanto quanto o seu tempo primitivo, os homens sonhavam visitar outros mundos e por fim as estrelas. Mesmo explorar os planetas locais teria sido um grande consolo. Mas estamos aqui na Terra, não? .

- Tenho pensado - proferiu Lodovico vagarosamente. - Deve ter havido tentativas.

- Na verdade houve. Houve quem circulasse o Sol mais perto do que Mercúrio. Mergulharam na atmosfera de Júpiter, sondaram os frígidos ermos de Plutão. Mas ... Bem, para cada tentativa houve incontáveis fracassos. Venha conosco.

Encontravam-se num monte desmoronado, cercado de ondas acavaladas.

- Daqui - disse-lhe Orlalee - uma cultura decadente tentou lançar uma nave diretamente às estrelas. Foi uma aventura louca. Houve uma explosão que afundou metade de um continente.

Encontravam-se numa clareira recoberta de trepadeiras, no meio de uma grande floresta de pinheiros e bétulas, onde uma montanha coroada de neve abatia-se sobre eles.

- Há muito tempo - disse Genua - a gente daqui capturou um bocado de material solar num detentor magnético. Não era suficientemente resistente. Houve um vasto incêndio que durou menos do que um piscar de olhos e isto também teve fim.

Encontravam-se num deserto onde farrapos de metal esgaravados pela areia gemiam ao vento constante.

- Acredita-se - murmurou Horad - que este seja o único local onde os homens algum dia lograram contato com outras inteligências. O que foi dito, jamais saberemos. Foi emitido em forma de radiação, como somente é possível a uma estrela. Talvez uma estrela nos tenha respondido, focalizando seu sinal num espaço menor do que o abrangido por meus braços. Isto foi recentemente. Está vendo o deserto, as plantas não tiveram tempo de reclamá-lo.

O plano desenvolveu-se na mente de Lodovico.

Uma pessoa é frágil. Lá onde as estrelas enviam mensagens umas às outras é muito difícil escudar e proteger um corpo humano. Além disso, a pessoa que faz a viagem deve passar tanto tempo tão-somente preocupada com a sobrevivência, que quase constitui uma perda de tempo. Tanta demora e tão pouco é descoberto!

- E o que - perguntou ele afinal - tem isto a ver comigo?

Tudo - responderam eles. Não foi Horad quem falou, ou Genua, ou Orlalee. Foi uma combinação deles. - Por quê?

- Você é imortal.

- Impossível!

- Oh, não. Ao contrário. - Tratava-se de Horad, sem a menor dúvida. Lodovico se acostumara a reconhecer e a apreciar seu estilo: um tanto seco, geralmente espirituoso,

sempre pessoal. - Perfeitamente possível. Quisemos que acontecesse, e deu certo.

- Como, no entanto? Como?

- Devido à maneira como você foi criado. Você é um objeto de percepção misto: já explicamos isto. Agora, mesmo para nós, que estávamos presentes quando você foi incidido numa consciência do tempo presente, você é real. Precisa comer e beber, senão morre. Você é em todos os sentidos, afora um, uma pessoa como qualquer outra.

- A diferença - explicou Orlalee - é que não podemos imaginar meio algum mediante o qual você possa ser destruído.

- Mas acaba de dizer que posso morrer ... - começou Lodovico.

- Se quiser. A decisão é sua. De nenhuma outra maneira - tornou Orlalee.

- Nem os temporais ferozes de um gigantesco planeta gasoso - disse Horad serenamente - nem o coração de fornalha de uma estrela conseguem eliminar o que para nós constitui Lodovico Zaras. Pois você *não é* Lodovico Zaras. Você é a sua imagem inalterável, indissolúvel e indelével na consciência da humanidade inteira.

- Podemos imaginá-lo decidindo morrer de fome mais do que executando o serviço que esperávamos de você - declarou Genua. - Mas a necessidade não surgirá, é claro. Houvesse de ser essa a sua decisão, mesmo agora poderíamos dispor no sentido de que você cessasse de existir. Mas não poderíamos fazê-lo contra a sua vontade.

- Serviço? - repetiu Lodovico.

- Antes de lhe dizermos de que se trata - tornou Horad - devemos acentuar que existe um bom motivo por que você possa responder não. Agora que o tornamos real, é capaz de sentir dor. - Estava acostumado a isso, no meu ser antigo - proferiu Lodovico vagarosamente. - Por que haveria de ser diferente desta vez?

- Porque queremos que vá aonde ninguém mais pode ir, que volte e nos diga como é.

Ele refletiu sobre isso algum tempo e disse afinal, sem olhar para eles.

- E isto doerá.

- Sim. Dentro da proximidade de nossos cálculos, você sofrerá mais do que qualquer outro ser humano que tenha existido. Pior que tudo, não disporá jamais de um caminho de fuga para a morte.

Não foi senão longo tempo depois que ele respondeu sim.

Eles estavam certos quanto à dor. Era claro, tratava-se de um simples fato, que nenhum ser humano tinha direito algum de permanecer na margem de um rio de hélio líquido, do lado de Plutão, atualmente oposto ao Sol, e admirar a maneira como a sua correnteza competia com a gravidade. Entretanto ... ele o fez.

Talvez fosse porque para ele a dor não mais pressagiava perigo, tanto mais sabendo que não morreria até que a humanidade se extinguisse. A agonia, em todo o caso, transformara-se, e pouco a pouco foi conseguindo suportá-la.

Ela diminuiu, na verdade, tão rapidamente, que mesmo na conclusão da sua primeira expedição apoucou-se até a insignificância, juntamente com a frustração por ele experimentada ao forcejar por cumprir sua parte no pacto. Como explicar em palavras a sensação de frio tão violento a ponto de ser como uma chama? Como descrever a cor do rio, que, desprovida de matiz, luminosidade e saturação, mesmo assim se cauterizava em sua mente como uma cicatriz?

Paradoxalmente, aqueles que o haviam enviado mostravam-se bem satisfeitos. Imaginara fracasso, rejeição. Ao invés disso, após terem-no curado, cumularam-no de cumprimentos e indagaram quando estaria pronto para partir novamente. (Seu caminho

seria pelo trajeto que lhe fora ensinado desde a sua ressurreição. Qualquer das pessoas que o interrogaram a respeito do que encontrara poderiam tê-lo adotado, mas para eles seria inútil, de vez que o destino era o espaço vazio ou a superfície de um planeta hostil. Somente ele, nenhum outro, poderia sobreviver a uma visita a um lugar como aquele.)

Entre aqueles que vinham felicitá-lo e agradecer-lhe, quase não reconheceu Horad, porque o outro-ser dele estava mais impressionante agora, mais perturbador para a visão ... muito embora Lodovico tenha se tornado pronto a aceitar que a essência dele era a sua. A carne humana natural evidentemente não poderia suportar o castigo que se dispusera a aceitar. Portanto ...

A Horad ele fez uma pergunta que lhe abreviou a distância visando ao alívio de sua frustração. De Horad recebeu uma resposta que o amparou o resto de sua jornada.

- Como foi que vocês extraíram tanto do pouco que consegui transmitir em palavras? - indagou ele.

E Horad explicou:

- Sua época já vai longe, Lodovico. Para nós, a comunicação não se limita à fala. Não mais, para ser sincero, o foi para você. Na maior parte, segundo parece, você julgou que o fosse, mas na prática, o que você considerou más interpretações eram geralmente resultantes do fato de alguém entender um outro "demasiado bem".

Numa seca coda final:

- Essa frase não tem equivalente em nenhuma língua moderna, porque neste idioma que falamos existe a facilidade de pôr aspas.

Tudo constituindo uma suprema façanha por uma mente moderna admiravelmente evoluída, uma condensação em algumas frases do valor de milênios de reflexão e análise.

E devido a ele ter entendido aquela curta resposta com tanta clareza, embora ela pertencesse a uma época muito posterior à sua,

Lodovico logrou convencer-se de que a gente de hoje merecia que se sofresse por ela.

Ele foi de novo. De novo, De novo.

Eles temeram. Não entrara nos cálculos que ele fosse ficar obcecado por suas viagens a paragens de impossível sobrevivência. Sempre que eles tentavam dizer-lhe que fizera bastante, todavia, ele discutia e vociferava até que o deixassem partir mais uma vez.

Aos poucos eles resignaram-se. Eles haviam-no criado. Ele era ele mesmo agora. Os criadores há muito haviam perdido o controle. Restava derivar os dados que pudessem, a partir de fazerem-no falar, ou simplesmente estar em companhia. Louco, feroz, primitivo, frenético?

Incomparável.

Mas oferecendo - ainda miraculosamente oferecendo - relatórios que outros pudessem estudar e transformar em informação compreensível e deste modo fascinante.

Fora há muito tempo, segundo constava na evolução psíquica da espécie humana, desde que houvesse alguma coisa que os seus antepassados pudessem haver denominado de *novidades* ...

Eles portanto toleravam aquilo e ele precisava aprender. Sim, eles cresciam em Júpiter, Netuno e Urano! Diversamente, de depravadamente e vicariamente! (O que significava aquilo? Significava aquilo mesmo porque nenhum humano jamais o vira antes!)

A medida que ia deixando de ser uma maravilha para ele, pois afinal de contas tratava-se simplesmente de um acontecimento não-Terra e pertencia ao seu universo, a esta galáxia, a este sistema planetário (encolhendo por ordens de magnitude a cada exame),

ele conseguia descrever suas experiências em termos mais simples.

Em Urano, uma criatura de oitenta mil quilômetros de comprimento devorou-o e ele sobreviveu. Isto entre um milhão de outras recordações.

Naturalmente Netuno era o lugar onde uma-espécie-de-vulcão vomitava lava gelada a um metro por ano e a flora circunvizinha evoluiu para enfrentar a ameaça e, enquanto ele observava, aprendeu a correr a uma velocidade duas vezes superior àquela. Igualmente, entre incontáveis dados menos comunicáveis.

Quanto a Júpiter: 'lá *algo* saudou-o, e contou uma mentira tão espantosa que ele regressou persuadido de que ela deveria ser verdadeira em algum outro eixo de percepção. Mas ele não insistiu de imediato em voltar, preferindo adiar um segundo encontro com ... o que fosse.

Enquanto que Saturno .. , prezava essa especialmente, não apenas pelos morros de metano, arcos de amônia e gêisers, nem mesmo pelos anéis, mas porque o que quer que fossem, eram deliciosos e *tão* orgulhosos disto e lisonjeados de saber que o gosto deles estava sendo apreciado pela primeira vez por um ser vindo de outro lugar. Jamais souberam que outro lugar era. Aquilo lhes despedaçou a consciência como a casca em torno de um pinto irrompendo (não havia, porém, nem pintos nem cascas para eles porque eram nitidamente *outros* e não fosse ele imortal ao prová-los - sendo capaz de aceitar que eram deliciosos - teria feito muito mais do que simplesmente matá-los e devido a que houve potencialmente vários trilhões de qualificações para cada relato que lhe foi possível trazer, sendo inútil lutar com os INDASSIM, eles foram procurar outros fregueses. Foi uma pressura. No final da visita nada restava AFORA não havia necessidade de lamentar a extinção da espécie deles PORQUE eles forneciam um símbolo indicando e como ele sabia que não sabia mas ele sabia e - ao diabo com *aquilo, fora ao encontro das estrelas o que quer que elas fossem na esperança-igual-a-convicção eles também nos comam bem.*

Ninguém na Terra gostou deste relatório. Era ofuscante. Primeira vez que acertavam, para uma finalidade ridícula!

- Mas em que sentido eles eram deliciosos? - perguntou a experiente Orlalee, de quem ele passara a gostar muito.

- Num sentido em que não puderam evitar - tornou Lodovico. - Eles evoluíram para aquela meta durante um bilhão de anos.

- Sendo você o objeto da percepção coletiva nossa - cismou Genua - julgamos que fosse trazer informação que pudéssemos entender.

- Especialmente - sugeriu Lodovico fazendo *moue* - porque pertenco a uma era menos evoluída, e vocês contêm a minha consciência total.

- Talvez - retorquiu Horad - nos tivéssemos saído melhor com uma consciência derivada de nossa época.

- Mas não o conseguiram - tornou Lodovico. - Não poderiam ter recriado uma personalidade tão complexa e moderna como a: de vocês. Encontro-me no limite inferior da que lhes seja possível derivar de vocês e exteriorizar. Não me culpem, portanto, por minhas deficiências. Elas são as suas.

Uma vez que não lhe contestavam a declaração, ele acrescentou:

- Estou com sorte. Tendo sido transportado, como o fui, para esta época, desde outra era, muito mais simples, encontro-me imbuído da admissão de que existem muitas coisas que não estou equipado para entender. Por favor, parem de pensar que, por terem

conseguido me fazer surgir na existência, são capazes de fazer qualquer coisa.

- Seria lícito dizer - isto da parte de Horad, num tom pensativo e descansado - que o que o consola dos horrores por que está passando é a impossibilidade de absorver até mesmo o nosso diminuto canto do universo dentro de um período de vida convencional?

- Não! - proferiu Lodovico com vigor.

- O que, então? - Todos três pareceram colhidos de surpresa.

- Na minha vida antiga, resignei-me à crença de que assim como nenhum observador é capaz de conhecer a velocidade e a posição de uma partícula, da mesma forma nenhuma consciência pode compreender o universo que é a moldura de sua existência. Isto se inclui entre os fatos que não mudaram durante os milênios.

O que deixei de avaliar foi o quanto mais importante é *ser-consciente* do que compreender. Mesmo a posse de uma escassa imaginação permite ao seu dono analisar processos proibidos pelas leis da natureza. Portanto, qualquer consciência automaticamente transcende o seu universo.

- Está certo disto num tempo tão curto? - sussurrou Horad.

- Fui levado a acreditar - retorquiu Lodovico ironicamente - que vocês fossem indiferentes quanto a se um período de tempo seja longo ou curto.

E acrescentou:

- Posso continuar agora as minhas explorações? Ou não têm mais necessidade de relatórios meus?

- Na verdade temos - respondeu Orlalee. - Acolhemo-las bem. São notáveis e continuarão a sê-la.

- Quer dizer que jamais esperam ir aonde irei? Genua aparou aquela pergunta. Redarguiu:

- Não existirá um bocado de futuro ainda para vir?

Ele encontrou apinhada de acontecimentos a zona dos asteroides, todos eles, porém, de um tipo semelhante: colisões. Enquanto os assistia, teve muito tempo para avaliar as inferências da conclusão que transmitira a Horad. Não era mais do que uma questão de probabilidade. Entretanto, considerando-se que aquele canto insignificante do universo fosse típico, senão do todo, pelo menos de uma grande parte sua, e considerando-se que ele deparara com a consciência já em diversas ocasiões - ainda mais, versões da consciência capazes de reconhecê-lo como um ser consciente mesmo antes que ele os identificasse - tais dados convenceram-no de que a consciência devia constituir-se na essência do universo.

Aquilo mudara sua própria visão dele-mesmo-como-ele-era-agora. Ao invés daquele ressentimento remanescente contra o qual ainda lutava ao partir, foi tomado de uma sensação de gratidão tão intensa, que chegava a ser quase felicidade. Poderia ter sido em qualquer outra conformação de percepção que a oportunidade de ser-primeiro fosse cair. Caiu nele. Portanto ...

(Após seu longo período no cinturão de asteroides, eles indagaram se ele cansara de sua procura, e ele respondera: - Cansado? Seria impossível. Um homem que pode envelhecer, fatigado, confuso - poderá se sentir farto, o que constitui senilidade em ponto pequeno. Assim como me fizeram, não mais sou vulnerável a isso.)

As planícies de crateras de Marte - os vales açoitados pelo vento de Vênus - a máscara escaldante e desolada de Mercúrio ... e finalmente, num clímax, o Sol. Mergulhou desde a coroa ao núcleo, e quando voltou ...

Para curá-la foi necessário o mais longo período de tempo de todos. Fazendo o que fizera, ele abalara a credulidade coletiva da Terra, e ele que sobrevivera ao choque dos asteroides e à queda das avalanchas de metano ainda mereceu menos crédito do que antes.

E entretanto ... entretanto ... havia sido feito ... *Ele* sabia, também havendo duvidado da possibilidade. Gradualmente os meios tornaram-se claros para as outras pessoas e seguiu-se a convicção salutar. O mecanismo? Não se tratava de mecanismo, nem jamais o fora, mas apenas aquilo-que-efetua-a-percepção, liberado.

Chegou então a época em que aqueles que agora chamava de amigos puderam visitá-lo e conversar.

- Você sofreu - disse um deles, ou talvez todos três. - Acha que valeu a pena? - Sim.

- Porquê?

- Porque o que andou errado com a humanidade desde o começo não está errado com relação a mim. Sempre tivemos a imaginação que pertence à imortalidade, porém fomos aprisionados numa substância destrutível. Não é de admirar que nos tempos antigos existissem tantas religiões que insistiam numa vida após a morte. Mesmo nossos sonhos rebelavam-se contra a idéia da extinção.

- Mas muitas culturas que conhecemos consideraram a morte como um benefício.

- Ela é considerada assim atualmente? - contraveio Ledovico.

- Agora que satisfizeram tantas de nossas velhas ambições - paz, fartura, liberdade do medo?

Eles trocaram olhares. Ou, mais aproximadamente: um olhar foi trocado entre eles três.

- Duvidarmo-lo - disse Horad por fim.

- E vocês têm razão. - Ele proferiu as palavras com fervor - e o que primeiro se acreditou que fosse, uma carga sob a qual há muito morejamos. E como não hão de poder não dar crédito a isto, vocês cuja façanha suprema consistiu em criar os outros-seres, os reflexos das suas *personae*, que os colocam a meio caminho da imortalidade?

- Não é dizer que não acreditamos nisto - disse Horad. - E os outros dois pareceram unir-se a ele ao falar. - É: o fato de que não o fizemos até agora o que comprova o quão certo estamos. Antes que o evocássemos, havíamos começado a imaginar se não existiria um tempo mais propício para uma espécie morrer, um tempo por ela escolhido. Graças a você fomos contentados nesse respeito. Dispomo-nos a fixar a data para o suicídio do homem.

Ele que fora esmagado por asteroides em choque, vaporizado pelo ciclo da fênix solar e voltara, sentiu-se acabrunhado pelo significado daquela promessa. Quando se recobrou o bastante para formular uma contra-pergunta, verificou não haver ouvinte ao qual subme-tê-la. Estava sozinho.

Após dominar a ânsia de vituperar e gritar, muito devagar a verdade raiou sobre ele.

Sua maneira de pensar era antiga. Pior - era primitiva. No seu âmago jazia uma admissão de que se deveria ter livrado há muito, só que a idéia nunca antes lhe ocorrera. Por esta admissão é que ele se desorientara.

Estava acostumado a presumir que era *alguém*.

Constituíra uma medida do sucesso obtido por Horad, Genua e Orlalee o fato de que tivesse continuado a acreditar, ou antes não houvesse se preocupado a este respeito, neste aspecto da sua natureza até agora. Ele deveria, convenceu-se, corresponder nos mínimos detalhes à versão de Lodovico Zaras que, eras atrás, descobrira que iria morrer de câncer

e preferira escolher seu próprio momento e sua própria maneira de deixar o mundo.

Mas ele não-era essa pessoa.

Ele-agora não era um alguém. Era um determinado alguém. E a distinção era indescritivelmente importante.

Fantasmas!

- Você chegou a compreender - eles disseram quando voltaram.

- Sim, embora tivesse sido vagaroso na apreensão.

- Haverá outros. - O problema foi posto de lado com algo como um casual aceno. - Para aqueles que se encontram mais recuados, não é improvável que se passem séculos enquanto gradualmente comecem a perceber o universo como ele é, ao invés da maneira que seus cérebros grosseiros e semi-evoluídos lhes permitiram que aceitassem. Mas é claro que não é o cérebro o que importa, é?

Lodovico sabia exatamente o que se queria dizer. Agora. E se ele pudera chegar àquilo, também os outros poderiam.

- Escolheram a data? - perguntou.

- O mais aproximadamente que pudemos. Tivemos dificuldade em calcular no tipo de termos que vocês costumavam usar. Em menos do que meio milhão de anos não mais importará o que venha a ser da Terra. Que gele ou arda, que erre pelo abismo interestelar ou despenque no âmago do Sol. Não haverá mais homens e mulheres. Teremos revocado e reaprendido todo ser humano que já tenha existido, livre como você para ir a toda a parte, experimentar tudo e sobreviver a fim de lembrar o que aconteceu. Obrigado, Lodovico. Deu-nos precisamente o que sonhávamos. Não pode haver maior dádiva no tempo ou no espaço.

-- Mas - disse ele, pensando na terminação dentro da sua maneira simples e primitiva - se não vai haver mais humanos ...

- E pelo melhor dos motivos - retorquiram eles. ~ Nós o criamos para nos ajudar a determinar se a nossa espécie terá gerado tanta consciência quanto lhe seja adequado. O fato de que você é como-você-é é a prova que desejávamos. A ambição de uma espécie racional e inteligente não é tanto-quanto-possível, mas *bastante*.

- Em Saturno, deparei-me com uma decisão semelhante - disse Lodovico. - Ainda não percebo o que querem dizer. Mas na certeza de que finalmente o conseguirei, contento-me em me ater à conclusão da humanidade.

- Isto é bom - disseram eles e encetaram as necessárias providências.

Portanto no devido tempo assim foi consumado, e a humanidade morreu como espécie material. Mas suas hordas de fantasmas cresceram-se de bilhões, e dispuseram-se a comparar notas com estranhos que haviam efetuado descoberta semelhante, confirmando ou contestando o que haviam descoberto acerca do universo, e freqüentemente verificaram estarem errados.

Freqüentemente o bastante para mantê-los curiosos e intrigados durante pelos menos o atual ciclo cósmico. Mesmo a imortalidade não pode reduzir o intervalo entre as galáxias.

Sic fiat.

*Terminou-se' de imprimir est
no sexto mês do ano da graça de 1980
nas oficinas de AGGS-Indústrias Gráficas SA .
à Rua Luis Câmara. 535. Olaria.
na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
Estado do Rio de Janeiro.
Brasil.*